This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

J 17864
~~313 c 30~~

Vet. Port. III. B. 9

UM ANNO NA CORTE.

UM ANNO NA CORTE.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUCTOR.

TOMO I.

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2bis, Rua d'Arcole.

1863.

TYP. DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

A MEU TIO E AMIGO

O MARECHAL

NUNO AUGUSTO DE BRITO TABORDA.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO I.

AO DESEMBARQUE.

No dia 1.º de agosto de 1666, ao cahir da tarde, uma falúa atravessava o Tejo, em direcção a Lisboa, impellida pelo vento que soprava rijo, e pelo esforço de seis vigorosos remeiros. A falúa vinha de Aldeia Gallega, e trazia grande numero de passageiros, gente do campo e almocreves, que facilmente se distinguiam pelos seus chapeos de lan de abas largas e copa baixa, a que denominavam então *chapeos de regateira*, grandes capas pardas com que se cobriam, e polainas presas com fivelas de ferro.

Entre os passageiros havia um, que pelo trajo se conhecia ser militar, e pelas insignias capitão de in-

fanteria. Trazia vestida uma coura de anta, na cabeça uma gorra simples; ao lado pendia-lhe a espada, presa de um talim bordado, e uma adaga luzia-lhe no cinto. Este homem teria uns vinte e quatro annos; era alto e bem proporcionado, rosto comprido e trigueiro, olhos vivos e negros, cabellos annellados cahidos até aos hombros, e bigode alevantado nas pontas, de modo que lhe assombrava as faces.

Os olhos do moço capitão seguiam com curiosidade os gestos de um soldado velho, que lhe indicava com o dedo e lhe dizia o nome de cada um dos edificios da antiga Lisboa, que do Tejo se podiam descobrir. A admiração do capitão era grande; mas a verbosidade do soldado *ciceroni* ainda era maior.

— Vê vossa mercê — dizia o soldado — aquella egreja que fica aqui mesmo defronte, com torres altas e toda de pedra? É S. Vicente de Fóra. Alli é que vão a enterrar as pessoas reaes. A ultima vez que eu estive em Lisboa, levaram para lá um caixãosinho, em que diziam que ia um infante, filho bastardo de el-rei. Mas — continuou o soldado em voz baixa e pondo a boca ao pé do ouvido do mancebo — a gente de juizo e o meu amigo José Chanca, sapateiro de um dos mulatos de sua alteza, e que sabe muito das coisas da côrte, disseram que tal não era; que o caixão ia vazio, e que el-rei não tinha, nem podia ter filho algum, porque...

— E que fortaleza é aquella acolá, no cimo d'aquelle monte? — perguntou o capitão, interrompendo as confidencias do soldado.

— É o castello, senhor Francisco d'Albuquerque, o castello de Lisboa. Boas muralhas são aquellas: algumas ainda do tempo dos mouros. Ha no castello um canhão tão grande, que quando atira faz tremer toda a cidade: é maior do que as *duas irmans*, com que os castelhanos metteram tão grande medo aos de Jerumenha, quando D. João de Austria a sitiou. — Conheci alli perto, na rua que chamam de S. Christovão, uma velha que sabia muitas prophecias, e que muitas vezes me disse que já não estava longe o dia em que o nosso rei D. Sebastião ha de voltar...

Francisco d'Albuquerque, que sabia ser o soldado um sebastianista exaltado, um fanatico e louco sebastianista, como havia tantos n'aquelle tempo, interrompeu a torrente de prophecias que estava para lhe cahir em jorros sobre a paciencia.

— Dize-me cá, Diogo Cutilada — que assim se chamava o soldado, por ter recebido uma cutilada, na memoravel batalha do Ameixial, que lhe deixou a face direita rasgada de alto a baixo por uma funda cicatriz — dize-me, onde fica o paço?

— É alli. Não vê vossa mercê aquelle largo grande, que fica á esquerda ao pé da praia, com um caes de pedra? É o Terreiro do Paço. O palacio lá está com as suas arcadas, e o seu grande eirado, pegando com a casa da India. O forte fica pela parte de traz: é alli que foi por muito tempo o quarto de el-rei, em quanto a rainha mãe esteve no paço...

— Mandaram-no para lá, porque chamava para o

paço os villões e os mulatos da cavallariça, e armava brigas no páteo do Leão; não é assim?

— É verdade: a rainha não gostava do senhor D. Affonso VI; porque elle era... fazia muitas acções que escandalisavam a todos. Quando eu estava ao serviço do senhor duque de Cadaval, ha já seis annos, vi eu uma tarde, alli no terreiro do palacio, uma caçada publica, em que os mulatos d'el-rei lançavam, contra cachorros, ferozes lebréus, que tinham vindo de Inglaterra. El-rei estava com o Conti; e quando via os pobres cachorros rasgados pelos dentes d'aquellas feras, que assim se póde chamar áquelles cães inglezes, ria muito e batia as palmas. Ah! quando vier el-rei D. Sebastião, então...

— Onde é a casa do senhor infante? — atalhou o capitão.

— Alli — respondeu Diogo Cutilada, apontando com o dedo para o *Corte-Real*, que ficava proximo ao Corpo-Santo.

— Dizem que sua alteza acompanha tambem el-rei, quando anda de noite pela cidade a espancar as rondas?

— É falso, é falso. O senhor infante é um santo. Elle leva muito a mal as desordens de el-rei. Muitas vezes o ouvi dizer em casa do senhor duque; e depois m'o tem confirmado o meu compadre José Chanca.

Pouco tempo depois a falúa chegou ao caes dos Mouros, que ficava na Ribeira; e o nosso capitão, acompanhado de Diogo Cutilada, saltou em terra.

O soldado, que conhecia Lisboa por ter n'ella vi-

vido por muito tempo, foi conduzindo Francisco d'Albuquerque para as portas da Ribeira. Seguiram a rua chamada do Vêr-o-pezo; entraram n'uma outra rua que ia dar pela Padaria á porta do Ferro, que então existia proximo á Sé.

Quando o capitão Francisco d'Albuquerque e o seu criado velho chegaram á Sé, já era quasi noite escura. Nas ruas andava muita gente ainda; mas as tendas começavam a fechar-se, e as luzes a brilharem pelas gelosias dos balcões.

Depois de se orientar n'aquelle labyrintho de ruas e beccos que vinham dar ao largo da Sé, Diogo Cutilada encaminhou-se para uma coisa, que mais parecia estreito corredor do que rua, e que tinha por nome becco dos Seguros.

N'este becco não penetravam os ultimos clarões do crepusculo; alli as trevas eram tão densas como n'um subterraneo. Caminhando encostados ás paredes das casas para não cahirem, os dois militares chegaram a uma porta baixa e estreita, que estava apenas cerrada. O soldado bateu com a coronha do mosquete na porta, que se abriu com estrondo; e dizendo ao capitão: — É aqui a estalagem do *Alemtejo*. Suba com cautela, senhor capitão, porque a escada é ingreme e escorregadia — começou a subir, dando a mão a Francisco d'Albuquerque, uma escada de pedra, cujos degraus quebrados e cobertos d'uma espessa camada de lodo, tremiam debaixo dos pés.

Pelas fendas d'uma porta, que do primeiro andar

deitava para a escada, sahiam alguns raios tenues de uma luz froixa e incerta, e os sons de muitas vozes que fallavam altò, e riam desafogadamente. Diogo Cutilada abriu esta porta, e dando logar ao seu superior para passar primeiro, entrou depois, e tornou a pôr a porta no fecho.

A sala da estalagem do Alemtejo era uma casa immensa, de telhavan; apenas allumiada por duas candeias de ferro, penduradas nas paredes que ficavam nos extremos da casa. As paredes mal rebocadas e o ladrilho suavam agua, apesar da estação. Quatro mesas de pinho compridas, mal geitosas e sujas, cobertas com toalhas de *bragal* pouco brancas; oito bancos tambem de pinho, que apenas se podiam soster nos pés desiguaes e tortos, collocados parallelamente de um e outro lado de cada uma das mesas, uma grande arca de madeira negra, tres ou quatro cadeiras, um enorme cantaro de agua, tapado com um têsto, sobre que estava emborcada uma pucara de barro; e um como trophéo formado pelo cossolete, o pique e o murrião do estalajadeiro, que tinha n'outro tempo servido como piqueiro n'um terço de infanteria, eis o que constituia a mobilia d'esta triste casa.

Sentados a uma das mesas estavam ceando alguns almocreves e um frade gordo e rubicundo, que os fazia rir com os contos que lhes contava. Eram as vozes e as gargalhadas d'esses almocreves, que os nossos viajantes ouviram da escada.

A entrada dos dois militares fez parar a conversa

jocosa, e a ceia do frade e dos seus companheiros. O estalajadeiro, homem rotundo de mediana estatura e sem pescoço, levantou-se da arca em que estava assentado, e approximou-se dos seus hospedes recem-chegados.

— Que tem para a ceia, mestre Pedro — perguntou Diogo Cutilada — que tem por cá que se coma?

— Pouca coisa, camarada, para dar a um capitão que chega da guerra. — Aqui o estalajadeiro saudou militarmente a Francisco d'Albuquerque — Temos ahi só um pouco de figado de porco guisado, bacalhau cosido e sardinhas para assar.

— Traga-nos do tal figado guisado — disse Francisco d'Albuquerque, sentando-se a uma das mesas, e fazendo um gesto a Diogo para o convidar a que se sentasse do lado opposto.

Diogo encostou o mosquete a um canto da casa, e veio sentar-se defronte de seu amo.

Mestre Pedro chegou a uma das portas que deitava para as casas interiores, e ordenou que trouxessem o guisado que os seus hospedes tinham pedido.

Em quanto Francisco d'Albuquerque e o seu criado esperavam pelo figado de porco, os almocreves e o frade, que haviam interrompido a conversa e a ceia para os observarem curiosamente, tinham de novo recomeçado a cumprir estas duas importantes tarefas.

— Se a rainha — disse o frade levando á boca metade de uma sardinha assada, que elle tinha separado das espinhas com os proprios dedos — se a rainha vem

a Portugal para achar um rei, está servida, mas se procura um homem, então...

N'este momento o frade levantou os olhos para os dois militares, e vendo que elles o escutavam, julgou prudente não acabar a phrase.

— El-rei é valente — disse um dos almocreves rindo.

— E bom toureiro — accrescentou outro.

— E eu que o diga — murmurou Diogo Cutilada, que estava morrendo por entrar tambem na conversa.

— Então que viu de el-rei, camarada, para poder julgar da sua valentia? — perguntou o frade, que tinha ouvido as palavras de Diogo.

— Talvez o visse na guerra — disse o estalajadeiro, que tinha tomado o seu logar sobre a arca collocada de proposito ao pé da porta, que estabelecia communicação entre a sala e a cosinha.

Estas palavras produziram uma grande hilaridade na assemblea. E os dois militares não foram dos que menos riram. Era sabido de todos que, quando os hespanhoes em 1663 tomaram Evora, e muitas povoações do Alemtejo prestaram pelo terror juramento de vassallagem nas mãos de D. João d'Austria, D. Affonso VI tinha, por demasiada prudencia ou talvez por cobardia, preferido os conselhos d'aquelles que lhe recommendavam que permanecesse na côrte, a coberto dos perigos da guerra, aos d'aquelles que lhe mostravam a necessidade que em tão criticas circumstancias havia

de elle ir tomar o seu logar á frente do exercito do Alemtejo.

Diogo Cutilada, depois de dar tempo á hilaridade para se expandir em sonoras gargalhadas, respondeu d'este modo á pergunta do rotundo e jocoso frade:

— Da sua valentia posso eu dizer alguma coísa, porque o vi atacar em certa noite uma ronda alli ao Rocio...

— Mas ia só?

— Não. Ia com a sua companhia de cavallo, a que chamam a *patrulha alta*...

— É toda má essa gente de que se compoem as patrulhas, tanto a *alta* como a *baixa*. Foram homens recrutados entre os facinorosos — acudiu o estalajadeiro.

—Eu —disse o frade endireitando magestosamente a cabeça sobre os hombros espadaudos — eu já uma noite tive de luctar com alguns dos da patrulha baixa; mas fugiram...

E dizendo isto mostrou por debaixo do habito uma d'aquellas facas destinadas para arremessar ao longe, e de que n'aquelle tempo se fazia muito uso.

— Na tal noite — proseguiu Diogo — vi eu, como ia dizendo, el-rei atacar uma patrulha de paisanos, e atropellar alguns; e se não fosse o infante, el-rei estaria a esta hora morto.

— Pois sua alteza tambem ia? — perguntou o frade, fazendo um gesto de incredulidade.

— Ia. Foi sua alteza que deu um tiro de pistola

n'um dos da ronda que tinha apontado o arcabuz para el-rei, e o matou.

— Fallou-se muito d'isso na côrte, agora me lembro. Os inimigos de sua alteza — disse o frade, procurando dar á voz a expressão da virtude indignada pelos crimes dos maus; expressão que produzia um contraste singular com o gesto que pouco antes elle tinha feito ao fallar da patrulha baixa — os inimigos de sua alteza accusaram-no então de ter commettido uma morte. Os maus sabem sempre aproveitar as occasiões para desacreditar os grandes e os bons! Que havia sua alteza de fazer, vendo o irmão em tão grande risco?

— É verdade, que havia de fazer sua alteza! — exclamaram muitos dos individuos que escutavam frei Antonio da Redempção; que assim se chamava o gordo do frade.

Como se vê por esta parte da conversa que deixamos relatada, todos os hospedes da estalagem do *Alemtejo* pertenciam ao partido que já n'aquelle tempo se começava a formar a favor do infante D. Pedro, que depois foi rei, e contra Affonso VI.

— El-rei — acudiu Francisco d'Albuquerque, que até alli se tinha conservado calado — el-rei resarciu, ao que me disseram, o mal que por sua causa se fez, dando á viuva renda bastante, e casando-lhe as duas filhas que tinha.

— Foi o infante quem lhe pediu que o fizesse — interrompeu o estalajadeiro.

— Sua alteza tem um excellente coração — disse

frei Antonio da Redempção — não é como... Pobre senhora! vir de tão longe para... ser mulher de... sua magestade.

— El-rei em sendo casado — atalhou o capitão, que apesar da sua dedicação ao infante, que não conhecia e que julgava tão virtuoso como o pintavam os seus partidarios, não podia ouvir fallar mal de D. Affonso VI — ha de mudar de costumes; ha de deixar a vida desregrada que leva, quando a rainha chegar. Sua magestade lembrar-se-ha que é rei: e nós devemos lembrar-nos que somos portuguezes.

Estas palavras quasi severas do mancebo foram seguidas de um longo silencio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes a trabalharem.

A ceia dos dois militares já tinha chegado e começava a desapparecer com uma incrivel rapidez.

O primeiro que rompeu o silencio foi Diogo Cutilada, que perguntou ao estalajadeiro se já se sabia ao certo quando chegava a rainha.

— As naus de França já ha dois dias estão á vista da costa. Espera-se que poderão entrar ámanhan, porque o vento mudou esta tarde — respondeu o estalajadeiro.

— Ámanhan! — exclamou Francisco d'Albuquerque. E pondo-se de pé e deitando sobre a mesa um tostão de prata, disse: — Aqui tem para se pagar, mestre Pedro. Agora diga-me o caminho para casa do senhor infante, porque tenho de para lá ir esta noite mesmo.

Estas palavras causaram grande sensação na assemblea. Os olhos do frade e dos seus companheiros voltaram-se com admiração e respeito para o capitão, que ia ter a honra de entrar na casa de sua alteza.

— Eu sei o caminho — acudiu Diogo — sei-o muito bem, porque o tenho andado muitas vezes.

— Então vamo-nos — replicou o capitão voltando-se para elle.

— Tomem cautela, porque as ruas não são seguras a esta hora — disse frei Antonio.

— Não tem duvida — redarguiu o moço militar, mostrando a espada que trazia ao lado e o mosquete de Diogo.

— Deus os acompanhe e os guarde — concluiu o frade em tom de beato.

Depois de se despedirem dos seus companheiros da ceia, os dois militares sahiram da estalagem do *Alemtejo* para irem a casa do infante.

CAPITULO II.

PERIGO DE ANDAR DE NOITE PELAS RUAS DE LISBOA.

Quando Francisco de Albuquerque e o seu companheiro sahiram do becco do Seguro já era noite cerrada.

O ceo estava estrellado, mas as ruas desilluminadas e estreitas causavam pavôr até ás almas de melhor tempera.

No seculo dezesete, Lisboa era uma cidade, onde de noite se passavam terriveis mysterios. Andar depois do sol posto pelas ruas podia considerar-se um rasgo de heroicidade. O socegado *tendeiro* mal se atrevia a atravessar a rua para ir a casa de um visinho fallar do seu commercio, ou dos acontecimentos da guerra com Hespanha; e se o fazia era sempre acompanhado de um ou mais criados com lanternas, e armados como se foram para a guerra.

Algumas rondas de paisanos, é verdade, corriam as ruas de Lisboa em nome do socego publico, mas essas rondas eram ordinariamente as primeiras victimas das proezas nocturnas da côrte.

Não era coisa que admirasse a ninguem o ouvir de noite na rua gritos, tinir de espadas, ou gemidos de agonia; ninguem se sobresaltava ao encontrar pela manhan ao pé da porta um homem moribundo ou morto. O proprio rei Affonso VI ficou uma vez gravemente ferido n'uma lucta nocturna. O caso — vale a pena contar-se aqui para melhor se fazer ideia do estado da capital —, passou-se do seguinte modo:

El-rei foi uma tarde ver uns cavallos seus que estavam em Palha-Van, e só quasi ao anoitecer voltou pelo caminho de Campolide: quando chegou á casa do Noviciado dos Jesuitas já era noite escura. Lembrou-se de que na quinta pertencente aos padres, que ficava mesmo defronte do Noviciado, havia uns cavallos que para lá tinham ido ao verde, quiz vêl-os: mandou-se buscar uma luz, mas como esta se demorasse, el-rei teve desejos de ver uns cães muito ferozes que havia na cêrca. Bateu-se á porta *do carro*, e como tardassem em responder de dentro, el-rei ordenou que a arrombassem; mas foi inutil a ordem, porque os padres a mandaram abrir logo.

Durante este tempo, porém, el-rei separou-se dos que o acompanhavam, e quando estava a alguma distancia passaram por elle tres homens. Travou-se uma briga entre esses tres homens e Affonso VI, e este, em-

baraçado pelas esporas, cahiu de costas logo aos primeiros golpes, e foi ferido gravemente. Trouxeram-no em braços para o paço, onde esteve bastantes dias enfermo.

O que n'esta noite de que fallamos aqui aconteceu ao rei, succedia quasi todas as noites a alguem que, pouco acompanhado ou pouco habituado a servir-se das armas, se atrevia a andar pelas ruas da cidade. Os homens, sobre tudo os militares e os fidalgos da côrte, julgavam quasi um dever de honra fraternizar quando se encontravam de noite nas ruas, dando-se mutuamente algumas cutiladas; do mesmo modo que os navios em tempo de guerra, quando passam uns pelos outros no oceano, se saudam com alguns tiros de artilheria, que nem sempre são innocentes.

Lisboa, como se vê, era cidade pouco commoda para os que gostavam de gosar o fresco da noite no verão: os balcões e os eirados das casas eram o unico passeio seguro, principalmente para as mulheres. Não é pois de admirar que os nossos dois provincianos se preparassem, como para uma batalha, antes de se aventurarem pelas ruas escuras, que do largo da Sé conduziam ao *Corte-Real*, proximo do Corpo-Santo. O capitão embraçou a sua rodela, e experimentou se a espada e a adaga sahiam facilmente da bainha. Diogo Cutilada assoprou o morrão, e observou se o mosquete estava em estado de poder servir n'um momento de perigo.

— Vamos aqui direitos ao Arco dos Pregos — disse

o soldado ao capitão. — O caminho pela rua Nova é mais seguro, e mais aceado...

— Ensina-me o caminho, Diogo — interrompeu Francisco d'Albuquerque. — A noite está tão negra, e as ruas por tal modo cheias de buracos, que tenho receio de cahir.

Diogo deu o braço ao seu official, e encaminhou-se para a rua Nova, que era a mais larga e bella rua da velha cidade. A intensidade das trevas não permittia com tudo, que Francisco de Albuquerque satisfizesse o grande desejo que trouxera de Elvas, sua patria, de admirar as maravilhas da Lisboa d'aquelles tempos.

Para compensar porém a falta que os olhos sentiam, os ouvidos do moço alemtejano foram mimoseados com uma descripção minuciosa e sórna de todas as tendas, de todas as casas notaveis, não só da rua Nova, mas até das ruas que vinham desembocar a esta *Via Appia*, a esta *Regina Viarum* da antiga *Ulyssipo*.

Caminhando e fallando sempre, chegaram os dois militares á praça onde então trabalhavam os tanoeiros, que ficava ao pé da calçada de S. Francisco, sem lhe succeder coisa digna de contar-se.

A praça era pequena, e n'ella desembocavam bastantes ruas. Um arco grande, mas de simples architectura, dava para o palacio real.

Foi d'este lado que elles sentiram, apenas tinham entrado na praça, um grande tropel de cavallos. Logo depois sahiram do arco dois mulatos a cavallo com archotes na mão, seguidos por oito ou dez homens tam-

bem a cavallo, que rindo e fallando faziam grande bulha.

Quando um dos cavalleiros, que parecia o cabeça d'aquelle bando, viu os vultos dos dois militares, deu ordem aos seus que parassem, e chamando um dos mulatos mandou-lhe que fosse reconhecer quem elles eram, e os obrigasse a virem receber as suas ordens.

Francisco d'Albuquerque apenas viu o perigo que o ameaçava, desembainhou a espada e poz-se na posição de combater. Diogo Cutilada imitou a prudente acção de seu amo, assentando o mosquete sobre a forquilha, e preparando o morrão.

O mulato correu para elles, e approximando o archote de Francisco d'Albuquerque, bradou:

— Não ouviste as ordens que te deram? diz o teu nome...

— Não vês quem sou, villão? — respondeu o capitão, mostrando com um gesto as insignias.

— Traz-m'o aqui, e já — disse o cavalleiro que tinha dado a primeira ordem.

— Não ouves? Anda.

E o mulato fazendo approximar o cavallo rapidamente do capitão, estendeu a mão para o agarrar.

Mas ainda elle não tinha acabado este gesto insolente, já uma furiosa cutilada o estendia por terra.

Um grito de furor sahiu do grupo dos cavalleiros; e mettendo esporas ao cavallo, o chefe do bando correu com a espada na mão para Francisco d'Albuquerque.

Diogo apontou o mosquete, e com um tiro ia pôr

termo á cólera do inimigo de seu amo, quando uma palavra lhe fez cahir a arma das mãos.

— Senhor infante, senhor infante... — bradaram com angustia todos os cavalleiros.

O homem que ameaçava a vida de Francisco d'Albuquerque era um mancebo ainda sem barba, de grande estatura, trigueiro, e com uns olhos que brilhavam como dois carbunculos á luz dos archotes. Trazia sobraçada uma capa negra; e no chapéo de abas largas, sem plumas, um fumo que lhe cahia até á anca do cavallo.

As vozes dos cavalleiros, a figura e habitos de luto de seu adversario, deram a conhecer a Francisco d'Albuquerque que o homem, contra quem elle ia brandir a sua espada, era o infante D. Pedro, irmão de Affonso VI.

Largou a arma, e cahiu de joelhos em terra.

O infante, que já levantava a espada sobre elle, suspendeu o golpe ao vêl-o de joelhos, dizendo-lhe:

— Levanta-te, que te não quero matar. Merecial-o, mas não quero. Levanta-te.

— Não conheci a vossa alteza, por isso não obedeci como devia ás suas ordens — replicou Francisco d'Albuquerque pondo-se de pé. — Perdoe-me, senhor.

— Apanha a espada que te cahiu. És valente. Agora dize-me como te chamas, e porque deixaste o exercito. Vejo que és militar.

— Saiba vossa alteza que sou o capitão Francisco d'Albuquerque.

— Aquelle que o conde da Torre esperava?

— Esse mesmo, senhor.

— Conde — disse em alta voz o infante, voltando-se para um dos cavalleiros — aqui está o capitão de que me fallaste, e que vem para entrar ao meu serviço. Chegou a tempo — continuou elle — porque meu irmão continúa a recusar-me os gentis-homens que primeiro lhe pedi; e agora tambem parece pouco disposto a conceder-me que tu, conde, e o conde de S. João entrem na minha casa. Ámanhan chega a rainha e os estrangeiros, e eu estarei sem criados.

— São intrigas do Castello-Melhor — murmurou o conde da Torre.

— Não importa; tudo se ha de alcançar. Não é assim, D. Rodrigo? — perguntou o infante voltando-se para D. Rodrigo de Menezes seu mordomo-mór e conselheiro particular.

— Sua magestade não póde recusar por mais tempo a vossa alteza os gentis-homens que lhe pediu — respondeu D. Rodrigo com uma voz melliflua.

— Fizeste bem em chegar hoje, Francisco d'Albuquerque — proseguiu o infante, voltando-se para o capitão. — Já ámanhan farás parte da comitiva que me ha de acompanhar no cortejo da rainha. Tenho a minha casa tão reduzida, que preciso levar comigo todos os que me servem. Monta n'esse cavallo que deixaste sem cavalleiro, e segue-nos.

Francisco d'Albuquerque montou no cavallo que era do mulato que elle tinha deixado quasi sem vida

com um só bote da sua espada; e o infante, acompanhado dos seus, partiu para o palacio de Corte-Real, deixando a victima d'aquelle combate nocturno entregue aos cuidados de Diogo Cutilada.

— Vens do exercito do Alemtejo — disse o infante logo que se pozeram a caminho para o Corpo-Santo — pódes dar-nos novas da guerra.

— Depois da nossa entrada na Andaluzia, de que vossa alteza já deve ter noticia, nada tem occorrido de novo, a não ser a grande perda que os hespanhoes tiveram nos ataques que emprehenderam contra Alter-do-Chão — respondeu Francisco d'Albuquerque.

— Foste na expedição de Andaluzia?

— Acompanhei o senhor conde de Schomberg a S. Lucar. Eramos tres mil homens de infanteria e dois mil e quinhentos de cavallaria. O governador da praça começou, como todos os hespanhoes, por uma fanfarrice; mandando dizer ao nosso general que era uma fortuna para elle ter tal occasião de ganhar honra, defendendo a praça que lhe fôra confiada. Mas apenas o senhor conde de Schomberg lhe ordenou que se rendesse, se não queriam ser passados pelas armas elle e todos os que estavam dentro da praça, logo o pobre do governador mandou dizer que estava prompto para se entregar.

— Que grande medo haviam de ter os hespanhoes! — exclamou o infante com alegria.

— O terror dos hespanhoes ainda se tornou maior, quando mil cavallos e um terço de infanteria, de que

eu era alferes, commandados pelo tenente general D. Luiz da Costa, entraram pela Andaluzia dentro até Gibraleon, encontrando apenas uma pequena resistencia nas margens do Odieb.

— Ficamos d'essa vez senhores de S. Lucar, e saqueamos muitas terras de Hespanha; foi uma boa expedição, e que faz honra ao Schomberg — interrompeu o infante. — Agora conta-nos como foi esse ataque dos inimigos a Alter-do-Chão; é d'isso que ainda não temos noticia cá. Tu estavas em Alter-do-Chão?

— Não, senhor, eu agora estava em Portalegre, no corpo de tropas que commandava o commissario geral Francisco Barreto. O marquez de Carracena, depois da nossa entrada na Andaluzia, resolveu desforrar-se da affronta que recebera, e para isso reuniu uma columna de quasi quatro mil homens, com que marchou sobre Cabeço-de-Vide, que se lhe rendeu, e depois contra Alter-de-Chão; mas ahi...

— Achou braço portuguez que lhe resistisse! — interrompeu o infante.

— Dez horas a fio — proseguiu Francisco d'Albuquerque — o conde de Carracena empregou todos os possiveis esforços para se apoderar do castello, mas não o pôde conseguir; porque, tendo noticia de que o governador da provincia estava em marcha para o ir atacar, abandonou a empreza e recolheu-se para Badajoz.

— Que desgosto para Dionizio de Mello não alcançar uma victoria na ausencia do Schomberg!

— Os hespanhoes tornaram de novo a atacar a provincia por dois pontos; mas não lograram o seu intento. Quando eu deixei o exercito para vir receber as ordens de vossa alteza, já elles se tinham retirado.

Fallando assim das coisas da guerra, chegaram ao Corpo-Santo, onde era o palacio do infante.

Corte-Real era uma grande casa que havia edificado o marquez de Castel-Rodrigo, no tempo dos Filippes. Depois da revolução de 1640, perdeu elle esta casa e todos os seus bens por ter seguido, com muitos outros fidalgos, o partido de Hespanha. O palacio constava de um grande corpo quadrado, ornado nos angulos de quatro torreões: d'este corpo principal se estendiam para o mar dois eirados com parapeito de balaustres. A entrada era por um grande páteo que occupava o centro do edificio.

Quando o infante chegou ao seu palacio achou as portas abertas, e o páteo e escadas allumiadas. Simão de Souza de Vasconcellos, irmão do conde de Castello-Melhor, e governador da casa de sua alteza, descera com alguns criados a esperal-o.

O infante apeou-se pondo o pé no joelho de Simão de Souza, que para esse fim se tinha approximado do seu cavallo; e despedindo-se do conde da Torre e de S. João, que ainda não faziam parte da sua casa, subiu as escadas, acompanhado de D. Rodrigo de Menezes, Simão de Souza, Francisco de Albuquerque e alguns criados.

Chegando a uma sala forrada de pannos de arraz,

em que estavam tecidas as historias do Minotauro e do fio de Ariadne, o infante deitou o chapéo e a capa sobre uma cadeira de espaldar, e deixou-se cahir n'um sofá de velludo roxo, cuja fórma era a de uma immensa cadeira de braços.

— El-rei negou-me hoje outra vez os fidalgos que lhe pedi! — exclamou o infante colerico — São intrigas, meu Rodrigo, intrigas do valido, d'aquelle maldito Castello-Melhor.

Esta cólera inesperada admirou muito a Francisco d'Albuquerque, que acabava de ouvir o infante fallar socegadamente da guerra, com os fidalgos e com elle mesmo. Porém logo percebeu a causa de tão grande mudança, quando viu Simão de Souza approximar-se do infante.

— Senhor — disse este, curvando o joelho — perdoe-me: vossa alteza está mal informado. Meu irmão é incapaz de fazer uma intriga contra vossa alteza.

— Cala-te! — bradou o infante pondo-se de pé — Teu irmão é a causa de todas as injurias que eu soffro. É elle quem domina a vontade de sua magestade, e são os seus conselhos que hão de deitar a perder este reino.

— Vossa alteza não faz justiça nem a mim, nem a meu irmão. Sua magestade tem resistido ás supplicas de meu irmão...

— Mentes! Teu irmão é um traidor...

— Traidores tem vossa alteza ao pé de si! — interrompeu Simão de Souza com voz tremula de cólera, olhando para D. Rodrigo de Menezes.

O infante, cego de raiva, deitou a mão a um bastão de general que estava ao canto da sala, e levantando-o para Simão de Souza, ordenou-lhe que sahisse da sua presença.

Depois de Simão de Souza se retirar, o infante ficou algum tempo calado, a andar rapidamente pela sala em varios sentidos.

Foi então que Francisco d'Albuquerque teve occasião de ver bem sua alteza. D. Pedro contava apenas n'aquelle tempo dezoito annos; mas parecia ter mais de vinte. Era de grande estatura e robustez: sem ser bello, o seu rosto tinha uma expressão de soberba e magestade que o ennobrecia: os olhos grandes e negros, e os cabellos da mesma côr, que lhe cahiam annelados sobre os hombros, assombrando-lhe as faces trigueiras, tornavam por instantes quasi feroz aquella physionomia de mancebo. Era o typo portuguez em toda a sua perfeição e grandeza.

A agitação do corpo acalmou a tempestade do espirito. O infante parou emfim, e voltando-se para os que em roda da sala esperavam as suas ordens, mandou-lhes que se retirassem. Todos obedeceram logo, deixando-o só com D. Rodrigo de Menezes.

Os criados, quasi todos moços e cavalheiros, que assistiam ao infante, apenas se viram dispensados do serviço por aquella noite e longe da vista do severo D. Rodrigo, cercaram o seu novo companheiro, offerecendo-lhe cada um d'elles o seu quarto, e convidando-o para ir ver os brilhantes e luzidos vestidos que

tinham mandado fazer, para no dia seguinte assistirem ao desembarque da rainha.

Francisco de Albuquerque agradecendo a todos, acceitou o offerecimento de um cavalheiro moço, chamado Luiz de Mendonça, que elle já conhecia pelo ter encontrado no exercito.

Uma hora depois de estarem juntos, os dois mancebos haviam travado estreita amizade, e tinham promettido contar um ao outro os segredos da sua vida na côrte.

Francisco d'Albuquerque cumpriu immediatamente a promessa que acabava de fazer, declarando ao seu novo amigo a magoa que lhe causava o não ter vestidos elegantes, dignos de apparecerem entre as galas dos outros criados de sua alteza. E esta franqueza teve os mais felizes resultados, porque Luiz de Mendonça prometteu arranjar-lhe de um algibebe seu conhecido um fato, que lá tinha mandado fazer um morgado do Minho para a festa do casamento de el-rei.

Com o espirito tranquillisado pela certeza de ter no dia seguinte vestidos dignos de realçar os dotes naturaes, que elle estava profundamente convencido que o ornavam, o moço capitão deitou-se n'uma cama que lhe tinham preparado no proprio quarto do seu novo amigo, e adormeceu, depois de ter feito poucas e ligeiras reflexões sobre os acontecimentos d'aquella noite aventurosa.

CAPITULO III.

SEGREDOS DO CORAÇÃO.

Quando no dia seguinte Francisco de Albuquerque acordou, já passava das seis horas. Olhou para a cama do seu novo amigo, para todos os cantos do quarto, mas em vez de Luiz de Mendonça viu Diogo Cutilada assentado n'um escabelo ao pé da janella.

— Que fazes ahi? — perguntou — Porque deixaste o mulato? Morreu?

— Não, senhor — respondeu Cutilada, pondo-se respeitosamente de pé. — Trouxe-o de madrugada para aqui, e vai melhor. D'esta não morre elle. Pois merecia-o.

— Onde está o senhor Luiz de Mendonça?

— Sahiu, senhor capitão, sahiu; e recommendou-me que lhe dissesse que não tardaria com o fato que

ficou de lhe ir arranjar. Parece-me um bom cavalheiro este senhor Mendonça — proseguiu o soldado. — Hei de fallar-lhe no nosso rei encoberto; quero saber se elle é dos fieis.

— Fazes bem, Diogo — atalhou Francisco d'Albuquerque — falla-lhe a elle em D. Sebastião; mas faze-me o favor de me não fallares a mim n'isso.

— Ah! senhor capitão, senhor capitão! Deus ha de esclarecel-o. As prophecias bem claro fallam:

Do reino a potestade anda encoberta
Na patria propria, o rei vive escondido,
E por um modo estranho.....

— São prophecias que se cumpriram já. O rei encoberto era o senhor D. João IV. Mas não se tracta agora d'essas coisas: deixemos as prophecias e os prophetas. As naus francezas já entraram a barra?

— Ainda não. Mas as praias começam a encher-se de povo.

— Não ouviste um tiro de canhão? — perguntou Francisco d'Albuquerque, sentando-se na cama e começando a vestir-se — Outro tiro. É a rainha que chega.

N'este instante a porta do quarto abriu-se com violencia; e Luiz de Mendonça entrou seguido de um negro com uma caixa.

— Aqui está uma gala de principe — bradou da porta Luiz de Mendonça. — Vamos provar tudo isto, para ver se lhe fica bem.

— Que bondade! — exclamou o nosso capitão pondo-se de pé.

— Vai-te — disse ao negro o moço cavalheiro. — E tu tambem te pódes ir; teu amo não precisa de ti mais, por hoje — continuou voltando-se para Cutilada. — Não é assim, meu caro Albuquerque?

— É, é assim. Pódes-te ir, Cutilada, dou-te licença por todo o dia.

Cutilada sahiu dizendo, que ia procurar a velha bruxa, que morava na rua de S. Christovão.

Logo que os dois novos amigos ficaram sós, Luiz de Mendonça abriu a caixa e começou a tirar d'ella os elegantes vestidos que destinava para o provinciano, de quem se tinha constituido protector e conselheiro.

— Aqui está uma boa camisa de *beiraminho* (1) com punhos e collarinho de renda. Um collete de *catalufa* (2) á franceza. Uns calções de *berne* (3). Uma casaca de *lemiste* (4) acanellado com *passamanes* de oiro. Um chapeo ornado de *garçotas* (5)...

— É um vestido de principe! — exclamou o candido capitão, a quem a vista d'aquelles objectos causava uma alegria extraordinaria.

— Não: é como o de nós todos. É assim que devem apparecer n'um dia como este os criados de sua

(1) Panno fino da India.
(2) Tecido de prata.
(3) Panno vermelho.
(4) Panno fino de Inglaterra.
(5) Plumas de graça.

alteza. Os de el-rei com as suas casacas azues, guarnecidas de prata, não hão de fazer-nos sombra.

Esta phrase simples e apparentemente insignificante, foi articulada com voz vibrante e quasi apaixonada: o nome de el-rei foi pronunciado por Luiz de Mendonça com uma sinistra expressão de rancor.

Francisco de Albuquerque proseguiu nas suas exclamações, ao passo que ia miudamente observando cada uma das peças do seu novo trajo. Quando acabou de admirar tudo com candura, e de saciar os olhos com o brilho do oiro e o vivo explendor das côres, começou, ajudado pelo seu officioso amigo, a trocar os vestidos velhos de guerra pelas novas galas de côrte.

Só depois de se ter pavoneado nas galas de cortezão; de ter puxado com delicadeza os punhos de renda; de ter arredondado os *bocaes* ou canhões da casaca; de ter penteado e perfumado os longos e encrespados cabellos; de ter calçado e descalçado as luvas de cordovão de flores; de ter emfim posto e tirado tres vezes o chapeo para lhe concertar as plumas, é que o moço provinciano se lembrou de que todas aquellas coisas custavam dinheiro, e que a sua bolsa não era das mais bem fornecidas.

— Mas quando e como hei de eu pagar tudo isto! — exclamou elle — Toda a minha riqueza não chega a trinta cruzados.

— Um cavalheiro com tão bella figura e tão valente espada não tem nunca na côrte faltas de dinheiro — interrompeu Luiz de Mendonça. — Em servindo com

fidelidade ao senhor infante, e conquistando um coração de fidalga, tens...—Permitte-me que te tracte por tu: é assim que se devem tractar amigos verdadeiros—tens uma fortuna feita.

— Fiel hei de sel-o de certo. Mas conquistar um coração, isso...

E cortou a phrase com um suspiro sentido.

— Ah! Vejo que estás namorado! — exclamou Mendonça, rindo. É um inconveniente, um gravissimo inconveniente para fazeres fortuna. Mas a inconstancia é uma deusa omnipotente.

— Não; inconstante não posso, não hei de sel-o nunca, nunca me hei de esquecer...

Sentindo que ia revelar os sentimentos intimos da sua alma a uma pessoa que lhe era quasi desconhecida, e que provavelmente estava disposta a zombar d'elle, e a consideral-o como um provinciano simples e ridiculo, Francisco d'Albuquerque, córando, calou-se repentinamente.

— As revelações que se hão de fazer ámanhan, é melhor que se façam hoje — disse o seu elegante mentor. — Estabeleçamos por uma vez a nossa amizade sobre uma base solida, sobre a confiança. Temos tempo. São apenas sete horas. Contemos um ao outro os nossos segredos em quanto almoçamos.

Luiz de Mendonça era um homem de vinte e seis annos, que parecia ter trinta. A sua physionomia não era bella. Nariz grande; olhos pretos, que se não fixavam nunca, que, para assim dizer, oscillavam sobre os

objectos em vez de olharem para elles; bôca pequena, que parecia zombar sempre por detraz do longo bigode, que não era nem castanho, nem loiro; testa proeminente, que illuminavam puros reflexos de intelligencia, mas que algumas rugas ligeirissimas, quasi imperceptiveis, cortavam em differentes sentidos; cabello longo e annelado; voz suave, quando fallava naturalmente, mas metallica ás vezes, aguda, desagradavel até, quando se levantava acima do tom ordinario; expressão de orgulho no rosto e nos gestos; grande franqueza e affabilidade no tracto intimo; indifferença e frieza na phrase; todos estes defeitos, todas estas boas qualidades produziam em Luiz de Mendonça um conjuncto que attrahia, que agradava aos que o conheciam particularmente, mas que á primeira vista o tornava antipathico, ou pelo menos pouco sympathico.

Francisco d'Albuquerque, esse sentia-se attrahido irresistivelmente para aquelle mancebo que, sendo da sua mesma idade, tinha com tudo superioridade de intelligencia, um espirito muito menos enthusiasta e conseguintemente mais calculador, e sobre tudo conhecia, muito melhor do que elle, os homens e as coisas.

A mutua confiança, que lhe parecia a elle tambem base em que devia assentar a amizade verdadeira que tanto desejava travar com o seu novo companheiro, acceitou-a sem hesitar. Os dois mancebos prometteram communicar um ao outro os seus mais intimos segredos.

Luiz de Mendonça mandou que lhe trouxessem ao

quarto o seu almoço e o do novo criado do infante. Foi só depois de se sentarem á mesa e de terem enchido de vinho os copos de metal, que Francisco d'Albuquerque principiou a narrativa que se segue.

— Meu pae, o general Mathias de Albuquerque, pouco tempo depois de ter ganho contra os castelhanos a celebre batalha do Montijo...

— Em que obrou prodigios de valor — atalhou Luiz de Mendonça — rompendo com a propria espada os esquadrões inimigos que já levavam os nossos de vencida.

— Pouco depois de ganhar essa victoria que firmou a coroa na cabeça do senhor D. João IV — proseguiu o narrador — cahiu doente em consequencia das grandes contusões que lhe fez a cavallaria passando-lhe por cima; porque sabes...

— Sei que uma bala lhe matou o cavallo, quando ia a montar, e que seria esmagado pelos soldados que fugiam, e a batalha se teria perdido se não lhe acudisse um capitão francez.

— Essa catastrophe foi a causa fatal da sua morte. Quando elle morreu contava eu apenas tres annos, e já não tinha mãe. Confiou-me a um amigo seu de Evora; homem simples, lavrador intelligente, que se conservara fiel á causa portugueza, durante a usurpação dos hespanhoes. Este homem tinha uma filha mais nova do que eu um anno. Fomos criados um com o outro, amando-nos, primeiro como irmãos, depois.... Fui para a guerra; estive separado d'ella seis mezes, e quan-

do nos tornamos a ver córamos ambos, ambos estremecemos de alegria. Os nossos sentimentos tinham-se transformado. Já não era amizade que nós sentiamos um pelo outro; era amor. Encontramo-nos uma noite sós n'um jardim que ha por detraz da casa em que ella vive: e esses logares, tão conhecidos por mim, pareceram-me n'aquelle instante um paraizo. As rosas tinham mais perfume, os pyrilampos irradiavam uma luz mais brilhante. Fallamos primeiro de coisas indifferentes; das nossas brincadeiras de crianças; dos arbustos que plantaramos juntos, e que tinham crescido comnosco; depois contamos o que tinhamos feito, o que tinhamos dito durante a nossa separação; fallamos das saudades. das esperanças... emfim, eu cahi-lhe aos pés para lhe confessar que a amava, e ella respondeu-me com um beijo suave, puro, candido como os affagos de um anjo.

— E agora?...

— Agora, ao separarmo-nos, juramos amar-nos sempre. Ella chorava, dizendo que temia que lhe eu fosse infiel, que me esquecesse d'ella para pensar nas bellezas da côrte. Jurei-lhe, jurei-lhe pela alma de minha mãe que a amaria sempre... e hei de cumprir o juramento.

— Fizeste mal em jurar — disse Luiz de Mendonça com um tom lento, e sorrindo ligeiramente.

— Não fiz mal, não; que não ha na côrte mulher que possa fazer-me esquecer da minha angelica, da mi-

nha linda Thereza, da filha do meu protector! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— Póde ser. Mas na côrte a inconstancia é moda: e tu, meu caro, já estás um *casquilho* da côrte — interrompeu o grave Mendonça, apontando para as galas de que o seu amigo estava coberto.

O moço capitão olhou para si, sorriu-se involuntariamente, levando o copo á bôca para disfarçar o sentimento de vaidade que n'aquelle instante se lhe apoderou do espirito.

— Esse mal dos cortezãos — disse elle — não se me ha de pegar a mim. Hei de ser tão fiel a Thereza, como ao senhor infante.

— O mal é contagioso: ninguem póde assegurar que um dia não será victima do contagio. Eu sou uma prova...

— De que? — exclamou ancioso o novo cortezão. — Já foste infiel, inconstante; já faltaste á fé jurada?

— Não — respondeu o seu tranquillo companheiro. — Eu ainda não fui inconstante, ainda não faltei á fé jurada; mas faltaram-me a mim. Faltou-me — proseguiu com a voz um pouco mais agitada — faltou-me quem me não devia faltar, quem me fez juramentos mais solemnes do que esses que tu fizeste á tua amante.

— Conta-me como isso foi. Tens obrigação de me contar a tua historia. Confidencia por confidencia.

— A minha historia é tão breve como a tua, mas é menos simples, menos bucolica. Vi um dia — proseguiu Luiz de Mendonça — passando pela Graça, uma

rapariga formosissima. Os seus olhos eram os mais bellos olhos negros que tem havido no mundo; as ondas dos seus cabellos, fugindo por debaixo de uma especie de turbante branco, cahiam-lhe até aos pés, que eram breves e ligeiros como os pés de uma sylphide. Uma tunica azul de grosseira tela cobria-lhe as fórmas gentis sem lh'as occultar, e cahindo-lhe do hombro esquerdo deixava adivinhar um seio gracioso e virginal. Estava sentada á porta de uma casinha baixa e quasi em ruinas, ao pé de uma velha, que parecia uma bruxa fugida dos carceres da santa inquisição. O que eu senti ao ver aquella rapariga, não se póde explicar: senti que perdia o juizo. N'essa mesma noite fui fallar-lhe. Soube que era uma cigana pobre, que vivia das esmolas que lhe davam quando bailava pelas ruas. Offereci-lhe o meu coração, e quanto tinha: acceitou. Passei com ella o anno mais feliz da minha vida: as suas caricias eram apaixonadas, ardentes... de enlouquecer. No fim de um anno amava-a mais, muito mais do que no primeiro dia!

A voz do narrador fôra vibrante e convulsa ao dizer estas ultimas phrases: de repente porém tornou-se abafada, mas aspera e metallica.

— Uma noite — proseguiu elle — quando entrei em casa de Aza, achei-a triste, distrahida, indifferente comigo. Perguntei-lhe se padecia, se lhe tinha succedido alguma coisa que a atormentasse; respondeu-me que nada tinha, que a deixasse socegada. No dia seguinte, quando entrei, vi que me recebia com impa-

ciencia, que desejava ficar só: sahi sem lhe dizer nada, mas fui esconder-me á esquina de uma rua proxima. Meia hora depois parou á porta d'ella uma cadeira de quatro homens, de dentro sahiu um vulto embuçado n'uma capa: bateu duas pancadas na porta, que se abriu logo, e vi então sahir Aza coberta com uma manta. O homem que a esperava deu-lhe um beijo, e offereceu-lhe a mão para entrar para a cadeira de que elle se havia apeado. A raiva que eu senti n'aquelle instante não me cabia no coração, que palpitava convulso, que me estalava no peito. Tirei da espada, e corri como um louco para aquelle que me roubava a minha amada, mas... antes de lá chegar estava cercado de homens que me desarmaram. Vi então á luz de um archote que Aza me era infiel, não por amor a outro homem, mas por cobiça. O meu rival era...

Vendo que o narrador hesitava em dizer o nome do rival preferido, Francisco d'Albuquerque jurou-lhe guardar segredo de quanto tinha ouvido, e pediu-lhe que acabasse a sua interessante historia. Esta interrupção deu tempo a Luiz de Mendonça para abafar a cólera que lhe irritava os nervos: a sua voz tomou de novo o tom que lhe era natural, e elle contou quasi com indifferença o resto do terrivel drama.

— O homem que eu ia matar — disse elle — era el-rei. Fui cruelmente affrontado por essa vil canalha a que chamam a patrulha baixa; e a mão de D. Affonso VI marcou-me vergonhosamente a face.

Aqui Mendonça fez uma pausa.

— E ella; Aza onde está agora?

— Onde ninguem lhe tornará a pôr os olhos.

— Morreu!

— Poucas semanas depois de me ter abandonado embarcou uma tarde, ao sol posto, na Ribeira, para ir á quinta de Alcantara ter com o seu novo amante; mas... o barco em que ia afundou-se, e nunca mais se soube d'ella.

— Havia tempestade n'essa tarde?

— O mar estava socegado.

Estas ultimas palavras pozeram termo á conversação dos dois amigos.

Depois de ter bebido um grande copo de vinho generoso, Luiz de Mendonça levantou-se da mesa para se ir vestir. Eram quasi nove horas, e o infante devia a essa hora sahir do palacio para visitar a bordo a esposa de Affonso VI.

CAPITULO IV.

PRIMEIRO ENCONTRO.

Ás nove horas o som agudo, discorde, estridente, de uma trombeta, estrugiu os ouvidos de todos os criados de sua alteza. Era o infante que dava o signal da partida.

Sua alteza tinha a singular mania de tocar desesperadamente trombeta: e não valiam para o desviar d'este detestavel divertimento, nem as reflexões dos fidalgos, nem as observações e conselhos de Antonio do Prado, seu medico. Quando este lhe observava, que d'aquelles esforços que fazia para tocar, lhe podia provir grave damno para a saude, o infante respondia sempre: « Isso são coisas que lhe dizem os fidalgos? Pois responda-lhes, que eu os tenho por uns asnos, e que lhes hei de tocar de noite e de dia. » E depois a

musica infernal continuava mais insupportavel do que d'antes.

Apenas ouviram os primeiros sons d'aquella trombeta cruel, os criados do infante correram para a sala, onde elle os esperava com D. Rodrigo de Menezes e Christovão d'Almada, seus gentis-homens, ricamente vestidos de velludo e brocado.

Simão de Vasconcellos, depois da scena violenta que na vespera tinha tido logar, entre elle e o infante, recusara continuar a servir sua alteza, e sahira do Côrte-Real para nunca mais voltar.

Francisco de Albuquerque e o seu amigo Luiz de Mendonça tambem correram para a sala d'onde partiam os sons da trombeta, e chegaram já quando o infante se dispunha a partir.

Desceram todos ao páteo do palacio, e o infante entrou com D. Rodrigo e Christovão de Almada, n'um coche dourado, puxado por seis magnificos cavallos. O coche logo que sua alteza entrou n'elle, partiu a passo para o palacio do rei, acompanhado por Francisco d'Albuquerque e os outros criados fidalgos, que o seguiam a pé.

Desde o Terreiro do Paço até á Junqueira, a praia — onde então havia apenas algumas casas isoladas, o palacio do infante e o de Alcantara — estava apinhada de povo, de coches, de liteiras, de fidalgos e damas, a cavallo e a pé. Todos esperavam impacientes que elrei fosse a bórdo buscar sua esposa, a senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboya, princeza de Aumale, e fi-

lha do duque de Nemours. A nau em que vinha a rainha lançara ancora defronte da ponte, que na Junqueira se achava construida; e o conde de Castello-Melhor, com sua mãe, nomeada camareira-mór da rainha, fôra já a receber as ordens da sua nova soberana.

A belleza das naus francezas ricamente embandeiradas, o estrondo dos canhões e o som alegre de muitas bandas de musica, prendiam a attenção do povo, quando o coche de sua alteza se encaminhava para o paço. O infante mandou apressar o passo á sua comitiva, porque julgava que não chegaria a tempo para acompanhar el-rei; porém quando entrou no páteo da capella, viu os coches reaes parados, e os criados e parte da côrte a esperarem, sem que se soubesse o motivo porque el-rei não partia a receber a rainha.

Sua alteza subia as escadas, quando se encontrou com o Castello-Melhor, que voltava de bórdo da nau franceza, com uma carta da rainha para Affonso VI.

— Como chegou sua magestade? — perguntou o infante ao Castello-Melhor, quando este o saudou respeitosamente e lhe beijou a mão.

— Sua magestade já está mais socegada dos incommodos e perigos da viagem — respondeu o conde — e só espera por vossa alteza e por el-rei para desembarcar.

— Pensava que el-rei já estaria a entrar no bergantim; mas dizem-me que ainda está fechado no seu quarto, sem consentir que ninguem lá entre.

Estas palavras causaram uma profunda impressão no valído, que se fez pallido e balbuciou:

— Sua magestade estava a vestir-se quando eu sahi; e não sei... não posso dizer a razão porque...

O infante interrompeu-o:

— Já vamos saber a causa de tudo isto — disse elle. — Meu irmão deve estar impaciente por fallar a sua esposa... que tão formosa é.

Estas ultimas palavras foram ditas quando ambos entraram n'uma sala, de cuja parede estava pendurado um magnifico retrato da princeza de Nemours; e a voz do infante, ao pronuncial-as, tornou-se ligeiramente tremula.

— A senhora rainha é ainda mais bella do que aquelle retrato — proseguiu o conde, olhando para sua alteza, e para o painel.

E ambos entraram para os quartos d'el-rei, sem dizerem mais palavra.

D. Rodrigo de Menezes ordenou aos moços fidalgos que serviam o infante, que o fossem esperar na ponte da Junqueira, onde havia de ter logar o desembarque da rainha. Francisco d'Albuquerque e os seus companheiros sahiram então do palacio, e atravessando o Terreiro do Paço foram embarcar ao caes n'uma falúa de seis remeiros.

O dia estava sereno e bello; um sol claro inundava a cidade e o Tejo de luz e de vida. A maré enchia, e por isso o barco em que iam os criados do infante vogava perto de terra. — O espectaculo era admi-

ravel. Os montes estavam cobertos de povo; a praia era um kaleidoscopo brilhante, em que as plumas, os velludos, o oiro, os coches, as liteiras, formavam uma infinidade de figuras, e de combinações harmonicas de cores.

A alegria da nação, pelo casamento de Affonso VI, era immensa; e muitas razões contribuiam para isto. Entre estas avultava a esperança que todos tinham de que el-rei, depois de casado, modificaria a sua vida desordenada, e se deixaria dominar pelo amor.

Para se comprehender porém claramente a causa do regosijo que o povo manifestava, e que sentiam todos os portuguezes, será conveniente entrar aqui em alguns detalhes, que podem tambem dar ao leitor ideia da situação de Portugal no tempo em que começa esta nossa historia.

Depois da desgraçada entrega de Portugal a Filippe II, feita por grande parte de uma nobreza corrupta, como era já a nobreza das nações da Europa no fim do XVI seculo, a decadencia d'este paiz tornou-se tão rapida, que todos os que ainda conservavam amor pela patria perderam a esperança de a tornar a ver livre. No momento da invasão castelhana, que assim se póde chamar a entrada de Filippe II n'este reino, só estavam promptos para a defeza o Prior do Crato D. Antonio, e alguns centenares de homens do povo. O resto da nação tinha-se deixado vencer pelo oiro, pela corrupção, e pelas promessas do rei de Hespanha.

E — se acreditarmos as palavras de D. Christovão

de Moura, embaixador d'el-rei de Castella, n'um officio em que participa a este soberano o que passou n'uma conferencia, que teve com D. Antonio — este mesmo pretendente offereceu vender a patria a Filippe II, por trezentos mil ducados e o titulo de governador de Portugal!

Não é para admirar que todos trahissem ou abandonassem a patria, quando o proprio duque de Bragança, a quem a coroa de Portugal pertencia por sua mulher, a infanta D. Catharina, filha segunda do infante D. Duarte e neta de el-rei D. Manoel, tinha tacitamente cedido dos seus direitos, depois de algumas conferencias com os ministros da França, só com a esperança de obter de Filippe II graças e riquezas, que este depois nunca lhe quiz conceder.

Filippe II procurou gastar as forças de Portugal em guerras que só interessavam á Hespanha: as nossas colonias foram preza dos Hollandezes. Essa terrivel companhia das Indias, que fazia conquistas e sustentava exercitos, não por amor da gloria, mas pela sêde do oiro, lançou-se ávidamente sobre os nossos despojos, e senhoreou-se das nossas possessões da India e de parte das colonias da America. A Hespanha julgava-se mais segura do seu escravo á proporção que o via perder as forças e tornar-se moribundo. Os favoritos dos Filippes só curavam de tirar oiro de Portugal, para com elle satisfazerem os seus caprichos e darem mais explendidas festas a seus imbecis amos: queriam tornar este reino um cadaver, e esqueciam que se abraça-

vam com elle, e que a corrupção se péga áquelles que estreitam a si um corpo corrompido.

Uma fatalidade terrivel fez que nós estivessemos unidos á Hespanha durante o periodo da queda d'aquelle immenso imperio. Viardot, nos seus estudos sobre os Museus de Madrid, faz notar a degradação das fórmas que se observa nos retratos dos cinco reis da dynastia austriaca, desde a magestosa e intelligente physionomia de Carlos V, até ás estupidas e repugnantes feições de Carlos II.

A pesada coroa de Carlos V ainda se pôde sustentar, mas oscillante já, sobre a fronte do sagaz e cruel Filippe II: a cabeça de Filippe III curva-se, como esmagada por aquella coroa immensa, e são as mãos dos favoritos que a sustentam debilmente. Filippe IV, o rei artista, deixou-a cahir de todo nas mãos dos cortezãos. Um drama vale para elle mais do que um reino, um quadro de Velazquez importa mais do que uma colonia. No tempo de Carlos II a coroa magnifica de Carlos V estava já quebrada em pedaços, que eram disputados pela rainha, governada por um jesuita, e por D. João d'Austria, o filho bastardo de Filippe IV e de uma actriz.

A revolução que separou Portugal da Hespanha teve logar no reinado de Filippe IV; isto é, quando as forças d'aquelle reino se achavam quebradas de todo, quando o thesouro se achava exhausto, a industria e o commercio paralysados. Não foi o amor da patria e da liberdade — é triste dizel-o, mas é a verdade — não

foram esses nobres sentimentos que levaram os fidalgos portuguezes a conspirarem contra Hespanha; uma causa menos nobre, o interesse pessoal, é que os levou a emprehenderem aquelle grande feito. O conde-duque d'Olivarez tinha-os privado de muitas de suas regalias, e queria obrigal-os a partir para a Catalunha, onde rebentara uma terrivel revolução; os fidalgos preferiram conspirar a ir fazer a guerra por conta de Hespanha.

A coragem do duque de Bragança, que os fidalgos escolheram para rei, não era grande. Por muito tempo hesitou elle entre acceitar ou recusar a offerta da coroa, apesar do apoio que a França, então ainda governada pelo cardeal de Richelieu, lhe mandava offerecer pelos seus agentes: e se não fôra o caracter varonil de D. Luiza, sua mulher, provavelmente não subiria ao throno a dynastia de Bragança. A heroica duqueza, sabendo do desalento e hesitação em que estava o duque, seu marido, disse-lhe um dia, para o resolver a entrar na conspiração: « Não ha remedio: vossa excellencia ha de morrer: se ha de morrer duque, é melhor que morra rei. »

A revolução de 1640 achou ecco em todo o reino; o povo, que tinha sido o ultimo a abandonar a causa da patria, foi o primeiro a entrar na lucta com Hespanha. Este reino achava-se tão debilitado, que não pôde suffocar a revolução portugueza; o duque de Bragança, acclamado rei, pôde em breve dispor de um exercito sufficiente para resistir ao poder de Filippe IV.

A França reconheceu e prestou apoio a D. João IV;

Luiz XIII tinha esperança de estender o seu sceptro sobre a Catalunha revolucionada.

O tractado dos Pyrenéos entre a França e a Hespanha, e o casamento de Luiz XIV com a infanta D. Maria Thereza, filha de Filippe IV, fez um instante duvidar do vencimento da causa portugueza, apesar das muitas batalhas que tinhamos ganho aos castelhanos.

Porém a influencia do marechal de Turenna, que na côrte de França defendia os nossos interesses, e o casamento da infanta D. Catharina, irman de Affonso VI, com Carlos II rei de Inglaterra, deram-nos meios de resistir á Hespanha, que então podia, por ter acabado a guerra com a França na Catalunha, dispor de um poderoso exercito contra nós.

Com a morte de Filippe IV, que teve logar em 1665, principiou de novo a guerra da França contra Hespanha. Luiz XIV, — que tinha começado definitivamente a reinar, pela morte do cardeal Mazarino, — pretendia ter direito, por ser casado com Maria Thereza, filha da primeira mulher de Filippe IV, á Flandres e ao Franco-Condado, que reclamava de Hespanha. O ambicioso rei já então formava os vastos projectos de conquista, que de certo teria executado se não fosse a liga que mais tarde contra elle fizeram a Suecia, a Hollanda e a Inglaterra. Luiz XIV, esse Napoleão de punhos de renda, concebia já n'aquelle tempo a França, como depois a talhou o heroe de Austerlitz.

Levado pela ideia de alargar as fronteiras do seu reino, Luiz XIV concluira na Haya um tractado pelo

qual a França e a Hollanda dividiam entre si os Paizes-Baixos, e por isso em 1666, época em que teve logar o casamento de el-rei de Portugal com D. Maria Francisca Isabel de Saboya, elle se achava interessado na guerra da Inglaterra contra a Hollanda.

A declaração de guerra entre a França e a Gran-Bretanha não tivera só por origem a questão hollandeza e a venda de Dunkerque; motivos comicos — como em muitas das questões d'aquelle tempo em que o capricho dos reis valia mais do que o interesse das nações, — contribuiram tambem para este perigoso rompimento. Um d'esses motivos a que os diplomaticos — gente acostumada a dar valor ás coisas imperceptiveis — deram grande importancia, foi o recusar Lord Hollis, embaixador da Inglaterra em Paris, o tractamento de *excellencia* ao secretario de estado de Luiz XIV: o outro motivo, ainda mais *grave*, segundo os diplomaticos, foi o ter-se representado em Londres uma comedia em que Carlos II tinha um dos primeiros papeis, e na qual era achincalhado o rei de França.

Este rompimento entre as duas potencias que protegiam Portugal, causou grande desassocego aos ministros de Affonso VI. O marquez de Sande, nosso embaixador, procurou por todos os modos conciliar as duas côrtes, mas não o pôde conseguir: comtudo pelo seu talento e tacto politico elle pôde conservar a Portugal a protecção e estima dos dois poderosos monarchas.

A Europa estava n'um momento de transformação;

começavam a constituir-se os grandes centros, que ainda hoje dominam a politica do mundo, e formam, entre si, isto a que chamam *equilibrio-europeu*, e que é o equilibrio mais instavel que se conhece.

O abalo que a *Reforma* tinha dado ás ideias, produzira uma completa mudança na organisação intima das nações. A Hespanha cahira com Filippe II; a França começava com Luiz XIV a adquirir o logar eminente na politica, que ella depois soube conservar por tantos annos.

Portugal carecia de tomar uma posição definida na Europa moderna. Desligado da Hespanha, este reino precisava de poderosas allianças para poder existir. O casamento da infanta D. Catbarina com Carlos II de Inglaterra havia estreitado os laços que nos uniam a esta poderosa nação; mas esses laços, que mais tarde se tornaram em grilhões de ferro, tecemol-os nós com as fibras do nosso corpo. A magnifica Bombaim, a praça de Tanger, que tanto sangue e sacrificios nos custara, perto de quatro milhões em oiro e em joias, e a auctorisação para os negociantes inglezes pagarem pelas suas mercadorias só metade dos direitos que pagavam os negociantes das outras nações, constituiram o dote da rainha de Inglaterra. Foi a protecção da nossa *constante alliada* que compramos com o dote da filha de D. João IV; compramol-a cara, muito cara! É porém de notar que a Inglaterra nunca vendeu mais barato os seus serviços a ninguem.

A alliança franceza foi, até ao tractado dos Pyre-

néos, um dos esteios em que se apoiou a nova nacionalidade portugueza. N'esse tractado fomos sacrificados pelo cardeal Mazarino. Havia porém no casamento celebrado entre Luiz XIV e a filha de Filippe IV um germen de novas guerras entre as corôas de Hespanha e de França; e essas guerras começaram pela morte de Filippe. A França, para conservar sempre enfraquecidas as forças da sua rival, não nos abandonou nunca de todo. Não passou um só anno sem nos enganar com a promessa de uma liga offensiva e defensiva contra a a Hespanha.

O casamento de D. Affonso VI com a princeza de Aumale, parenta de Luiz XIV, estreitava as relações da França com Portugal, e dava ao povo a esperança de ver terminada a guerra com os hespanhoes, que durava já havia vinte annos. O povo ignorava que o interesse da França era impedir a união das duas corôas, e que fôra principalmente a politica doble de Luiz XIV quem rompeu as negociações que, no fim do anno de 1665, o embaixador inglez Fanshaw entabolou entre Portugal e Hespanha.

A Inglaterra estava empenhada em servir de medianeira para estabelecer pazes entre a regente de Hespanha e el-rei de Portugal. No anno de 1666 viera a Salvaterra, onde estava a côrte, Ricardo Fanshaw a trazer propostas de paz, que não foram acceitas por não ser n'ellas tractado D. Affonso VI como rei pela regente de Hespanha. Por esse mesmo tempo chegara o abbade de S. Romão para offerecer os serviços da côrte

de França, e persuadir o marquez de Castello-Melhor a que preferisse a liga com aquella nação á mediação ingleza.

N'uma outra negociação da maior importancia politica e religiosa podia a França ser util aos interesses de Portugal. As nossas relações com a côrte de Roma estavam inteiramente cortadas desde a revolução de 1640: não tinhamos bispos, e o clero achava-se em extremo desmoralisado. Alexandre VII só attendia aos interesses de Hespanha, e deixava no abandono e na tristeza um povo sempre fiel á religião catholica romana. A rainha de Inglaterra mandara, mas sem resultado, a Roma, Belling, catholico irlandez, para tractar dos negocios de Portugal; embaixadores portuguezes tinham ido para o mesmo fim á côrte do Papa, mas sempre inutilmente. Era pois da influencia de Luiz XIV, que soubera, por occasião de um insulto feito ao seu embaixador M. de Créqui, dobrar á sua a vontade de Alexandre VII, obrigal-o a dissolver a sua guarda corsa, e a levantar n'uma praça uma *columna infame* para eternisar a sua vergonha; era d'esse rei poderoso e temido que os portuguezes esperavam o restabelecimento da concordia entre a corôa de Portugal e a curia romana.

Todas estas causas reunidas, como dissemos já, á esperança de que o casamento faria mudar os costumes e o caracter de el-rei, produziam no povo grande regosijo. A cidade tinha-se despovoado; toda a gente tinha corrido ás praias, ou ao cimo dos montes para ver

as naus francezas, e assistir ao desembarque da rainha.

O Tejo tambem estava, proximo á terra, coalhado de barcos, por entre os quaes vogava, ás vezes a custo, a falúa em que iam os moços fidalgos de sua alteza.

Chegando á Junqueira, a falúa abicou á praia; dois remeiros saltaram ao mar para a impellir com os hombros e fazel-a entrar mais pela areia, e os criados do infante, posta uma prancha, saltaram em terra.

O logar do desembarque ficava a uns cem passos da ponte, que se tinha armado para receber a rainha: e por isso o concurso era immenso alli; e os coches e as liteiras em maior quantidade do que no resto da praia. A custo poderam os criados da casa de sua alteza atravessar a multidão, em grande parte composta de cavalheiros e damas elegantes, por entre os quaes se via entretanto negrejar o gibão e a capa dos homens do povo. Comtudo, ora pedindo por favor, ora usando da força dos pulsos e dos hombros, foram elles rompendo e approximando-se da ponte, onde deviam esperar por seu amo.

Francisco d'Albuquerque estava extasiado á vista d'aquelle brilhante espectaculo: os olhos tinham-se-lhe dilatado, a bôca semi-aberta exprimia a maior das admirações, a admiração de um provinciano na côrte. Em vez de seguir de perto os seus companheiros, o pobre capitão parava a cada instante, ora para ver um coche, ou admirar os olhos de uma mulher bonita, ora para notar os arreios doirados de algum cavallo fogoso

e soberbo. Para elle tudo era novo, tudo era bello; os olhos não se lhe fixavam em coisa alguma senão um segundo, mas eram tantas as coisas a ver, que elle se foi deixando ficar para traz, e perdeu-se dos outros mancebos.

De repente parou, e sem se importar com a multidão que o cercava e opprimia de todos os lados, ficou a olhar, com a mais profunda e sincera admiração, para uma dama que a poucos passos d'elle sopeava os impetos de um formoso cavallo em que estava elegantemente montada.

A dama mereceria a admiração d'um rei, se um rei a visse n'aquelle instante; a sua belleza era d'aquellas para que se não póde olhar sem sentir logo o coração estremecer no peito, e um vago sentimento de amor vibrar no intimo da alma. As suas feições eram regulares e perfeitas, não como as de uma estatua grega, mas como as das virgens que os pintores hespanhoes pintavam então nos seus admiraveis quadros; a côr da pelle, ligeiramente avelludada, era essa côr encantadora que só possuem as mulheres meridionaes, que se póde comparar á da perola, mas que é infinitamente mais bella; os olhos, pretos e luminosos, formavam um mysterio que se não podia decifrar, tão vaga era a expressão d'elles, tão escondidos estavam n'uma lagrima crystallina que se não desprendia nunca das palpebras longas e ligeiramente curvadas.

Na cabeça tinha a bella cavalleira um chapeo de abas largas e levantadas, como então usavam os ho-

mens de côrte, ornado de plumas brancas de abestruz, e por baixo do chapeo sahia uma cabelleira em *guinguetas* (1) que lhe realçava ainda a belleza dos olhos negros. Vestia uma casaca de *escarlata* bordada de oiro com botões de diamantes, por baixo da qual se via uma camiza alvissima de *cambray* preza no collarinho por uma fita de *ponçó* (2); a saia era de *nobreza azul* com uma barra bordada de *canotilho*. As mãos escondiam-se n'umas finissimas luvas de Ocanha, e os pés, que, com os movimentos do cavallo, Francisco d'Albuquerque tinha podido interver, n'uns sapatos, pequenos como os de uma criança de dez annos, de seda verde-escuro com saltos vermelhos. Arrecadas preciosas de esmeralda, e um collar de grossas perolas a que pendia um frasquinho de oiro (como então traziam as senhoras) com agua de cheiro, completavam o elegante vestuario da formosa dama.

O moço provinciano não se fartava de admirar os encantos da mulher feiticeira, que lhe apparecia no meio da multidão como estrella solitaria em noite tenebrosa. Tudo se sumiu, galas e festas desappareceram de ante os olhos de Francisco de Albuquerque; o mancebo enthusiasta não via já senão a chamma d'aquelles olhos negros, que a elle lhe pareciam mais bellos, não só do que os olhos de todas as mulheres que elle até então tinha visto, senão das que tinha imaginado nos seus mais delirantes sonhos.

(1) Com duas tranças cobertas de fita.
(2) Côr de fogo.

O ingrato de tudo se esquecera n'aquelle instante; até do juramento feito a Thereza, á sua companheira da infancia, á filha do seu protector. A côrte começava a influir no candido coração do provinciano.

A admiração extatica do mancebo, que era bello, e a quem a sua vida de soldado tinha dado um ar de soberba e ousadia, que estava em perfeita harmonia com o caracter das suas feições, attrahiu a attenção da dama, que até alli parecia cuidar só nos graciosos movimentos do seu formoso cavallo. Os olhos d'ella encontraram-se com os do atrevido capitão, e um sorriso quasi imperceptivel lhe animou o rosto.

Descontente talvez de ter mostrado por aquelle ligeiro sorriso que lhe não era indifferente a extatica admiração do mancebo, a gentil cavalleira levantou o chicotinho doirado que tinha na mão direita, e fustigou com elle a anca do brioso cavallo. O cavallo, firmando-se nos pés, deu dois galões, sacudindo a crina longa e ondeada; mas a mão breve e delicada da dama soffreou logo a furia do animal que ella propria tinha excitado.

De proposito ou involuntariamente porém a dama deixou cahir o chicote, quando Francisco d'Albuquerque corria para segurar o cavallo e impedir alguma catastrophe; o namorado capitão abaixou-se a apanhal-o antes que acudissem á voz da sua ama quatro criados vestidos de azul, que acompanhavam a gentil cavalleira.

O moço provinciano, curvando ligeiramente o joe-

lho, offereceu ao objecto da sua subita admiração, com elegancia digna de um casquilho de côrte, o chicote doirado que lhe tinha escapado da mão. Ella recebeu o obsequio de Francisco d'Albuquerque com o ar magestoso de uma rainha acostumada a receber a côrte dos seus mais nobres vassallos; e deixando cahir dos labios em sons sonoros e puros, que as tornavam divinas, estas palavras vulgares — « Muito obrigada, senhor » — voltou o cavallo e partiu quasi a galope, rompendo por entre a multidão.

Francisco de Albuquerque ficou parado a seguir com os olhos a dama; e só o tiraram do seu enlêvo as palavras singulares que entre si trocavam alguns dos seus visinhos.

— Pobre rapaz! — dizia uma velha olhando com compaixão para elle — pobre rapaz! está perdido!

— É verdade! já outro dia por causa d'ella mataram o filho de um mestre de campo. E que guapo rapaz que elle era! — exclamava outra.

— Por similhante mulher!... E ella continuará a viver aqui depois da chegada da nossa rainha! — dizia um homem.

— Talvez, talvez. O diabo protege a *Calcanhares*. Nada me admira! — redarguia outro.

Francisco d'Albuquerque escutava a conversa dos seus visinhos, quando Luiz de Mendonça, que havia dado pela sua falta e tinha voltado para traz a procural-o, chegou junto d'elle.

— Que fazes aqui? — perguntou este — Então por

que não vens para ao pé de nós; estamos alli á entrada da ponte?

— Quem é — perguntou o capitão ao seu amigo, sem attender ao que elle lhe dizia, e apontando para a dama que já ia a distancia — quem é aquella linda mulher?

— Ah! É Margarida, a Calcanhares, a amante de el-rei — respondeu Mendonça com um gesto de desprêzo.

Francisco d'Albuquerque, sem dizer mais palavra, seguiu o seu amigo, que abria caminho por meio da gente que se apinhava nas proximidades da ponte, e que era apenas detida pela guarda dos archeiros.

CAPITULO V.

SCENAS DE CÔRTE.

Deixemos agora Francisco d'Albuquerque e os seus companheiros esperar com toda a população de Lisboa pelo desembarque da nova rainha, e acompanhemos o infante e o conde de Castello-Melhor ao quarto d'el-rei.

Quando o porteiro abriu a porta da antecamara, estava sua magestade assentado no meio da casa, atirando ao ar uma bola de marfim, que esperava, com os olhos fitos e as orelhas direitas, um enorme lebréo inglez.

Affonso VI tinha vestida uma larga tunica vermelha, e na cabeça uma gorra da mesma côr; vestuario este que deixava bem patente a sua excessiva gordura. O rosto pallido do rei daria logo a conhecer a qualquer physionomista a imbecilidade e fraqueza do seu espi-

rito. O beiço inferior grosso e descahido, os olhos azues e desanimados, os cabellos de um loiro pallido soltos sobre os hombros, o ventre proeminente, uma ligeira desegualdade entre a altura do hombro direito e a do esquerdo, faziam d'este monarcha, que apenas contava vinte e tres annos, um ente repugnante, apesar de não ser disforme, nem mesmo feio.

Em pé, no extremo da sala, estavam dois homens. Um, que pelos vestidos se via ser nobre, era Henrique Henriques de Miranda, cuja physionomia grosseira lhe revelava a baixeza da alma. Este homem, que el-rei fizera tenente-general da artilheria do reino, possuia um espirito sagaz e ousado, e alcançara o favor de seu amo sendo, desde o dia em que elle tomou posse da coroa, o agente secreto de suas escandalosas devassidões. O outro era um guarda dos cães chamado João, a quem o rei confiava os seus lebréos mais estimados.

A bulha da porta que se abriu fez voltar a cabeça ao rei, que, vendo seu irmão e o Castello-Melhor, se levantou e caminhou para elles, arrastando ligeiramente a perna direita, defeito que lhe ficara de uma paralysia que teve, quando apenas contava tres annos.

— Ah! és tu — disse elle vendo o infante. — Vens pedir-me outra vez os gentis-homens? Vens-me importunar com as tuas exigencias?

— Venho para acompanhar a vossa magestade — respondeu o infante.

— Para me acompanhar!

O conde de Castello-Melhor, beijando a mão a D.

Affonso, apresentou-lhe então a carta que para elle trouxera da rainha.

— A rainha, nossa senhora, espera por vossa magestade para desembarcar — disse o conde.

— Já ahi está! e não se encontrou com a esquadra hespanhola! — exclamou el-rei, pegando na carta e deitando-a sobre uma mesa sem a abrir.

— Felizmente — redarguiu o conde — a esquadra hespanhola foi afugentada da nossa costa pela esquadra do duque de Beaufort; e sua magestade chegou sem soffrer mais do que os incommodos do mar, que nem sempre lhe foi bonançoso na viagem.

— Conseguiram o seu fim! — bradou el-rei — estou casado, já não tem remedio! E tu — continuou elle, voltando-se para D. Pedro — tu ficas solteiro, livre! Ainda teimas em não te casar?

— Já disse a vossa magestade — respondeu o infante — que me não devo... que me não hei de casar com mademoiselle de Bouillon. Póde-me vossa magestade castigar, como meu rei e senhor que é, mas obrigar-me a casar, isso não: porque só por vontade propria se deve contrahir matrimonio.

Esta resposta de sua alteza fez subir o sangue ao rosto do rei. Cheio de cólera, Affonso VI bradou:

— Não queres, não queres! Pois mandar-te-hei metter n'uma torre, d'onde não sahirás mais.

O cão, que não tinha despregado os olhos de seu dono e lhe seguia os passos, ouvindo-o levantar a voz,

e vendo-o furioso de cólera, pôz-se a ladrar estrondosamente. El-rei fez cahir sobre elle a sua raiva.

— Cala-te, Valente, cala-te — disse elle, dando-lhe com um chicote. — Vai-te, vai-te d'aqui já!

Reparando n'esse instante em João, o guarda dos cães, que estava immovel á porta da sala, D. Affonso correu para elle, e dando-lhe tambem com o chicote:

— Que fazes aqui? — proseguiu no mesmo accesso de furor — Estás a ouvir o que se diz, villão?

João, a esta apostrophe, fugiu atraz do seu amigo Valente para escapar á cólera e ao chicote de el-rei.

Depois de ter afugentado as suas duas victimas, Affonso VI parou no meio da sala, e atirando com o chicote ao chão, voltou-se de novo para o infante, bradando:

— Não te queres casar? Faltas ás tuas promessas? Pois tambem eu hei de faltar ás minhas. Não has de ter a casa de Bragança, nem os gentis-homens, nem coisa alguma do que me pedires. Queres ser rei aqui, e ter uma côrte?... o rei sou eu, Pedro, sou eu, e não tu. Nossa mãe morreu, Pedro; e agora não receio que ella me tire a coroa para t'a dar a ti. Acabaram já aquellas conspirações em que andava a côrte no tempo da rainha: e assim hão de acabar todas as que apparecerem para o futuro! Foste tu, conde — proseguiu el-rei voltando-se para o Castello-Melhor com brandura e intimidade — foste tu que me salvaste. Se me não ajudasses, se não fosse a tua fidelidade, estaria eu a esta hora n'um convento... e Pedro seria o rei!

N'estas palavras Affonso VI referia-se ao projecto que se dizia tivera sua mãe, quando era regente, de fazer subir ao throno o infante em vez d'elle; projecto que fôra o pretexto da sua fugida do paço para Alcantara, logo depois da prisão de Conti, e da sua acclamação feita contra a vontade da rainha, que por essa occasião perdeu o poder por ella tantos annos ambicionado.

O infante estava pallido e tremulo de cólera, que apenas podia abafar no coração, que lhe pulava no peito. Approximou-se de seu irmão e, dobrando o joelho, disse-lhe com a voz suffocada:

— Peço licença a vossa magestade para me retirar da côrte, logo que tiverem acabado estas festas do casamento.

— Podes-te ir — respondeu el-rei — podes-te ir quando quizeres.

Depois de dizer estas palavras el-rei sahiu da sala, acompanhado do conde de Castello-Melhor e de Henrique Henriques, aos quaes ordenou com um gesto que o seguissem.

O infante ficou só, agitado e perplexo entre a cólera, que lhe aconselhava o sahir immediatamente da côrte, e o vivo desejo que sentia de ver a rainha, cujo retrato lhe causara uma profunda impressão. Sahiu da antecamara e foi direito á sala onde estava D. Rodrigo de Menezes. Apenas entrou na casa onde o esperava o seu estribeiro-mór, chamou-o para o vão de uma janella, e contou-lhe rapidamente quanto se havia passado.

— Vossa alteza deve ter paciencia: calar e esperar é a grande maxima dos que desejam vencer — disse o sagaz conselheiro, buscando acalmar a cólera do infante. — As intrigas do favorito, d'esse ambicioso Castello-Melhor, teem indisposto el-rei contra vossa alteza; porém essas intrigas não o poem mesmo em risco de perder a batalha. As forças são deseguaes. Vossa alteza tem por si o nome e a posição: é filho do senhor D. João IV, de saudosa memoria: elle tem só a intriga, a ousadia, e o favor de sua magestade, que ámanhan o póde abandonar, e entregar talvez nas nossas mãos. É preciso ter paciencia. Não convém de modo algum que vossa alteza deixe de ir hoje cumprimentar a rainha, nossa senhora; esteja vossa alteza certo de que sua magestade ha de reconhecer em breve, que é do seu interesse o apartar o conde do lado de el-rei; porque sem isso nunca ella poderá ter sobre o animo do senhor D. Affonso a influencia que convém á sua posição. Não me parece comtudo que vossa alteza se deva mostrar indifferente ás offensas que lhe foram feitas — proseguiu D. Rodrigo — pelo contrario: depois da entrada solemne da rainha, nossa senhora, na côrte, que terá provavelmente logar d'aqui a uns vinte dias, será bom que vôssa alteza se ausente para a sua quinta de Queluz; para provar assim ao favorito, que está na resolução de combater, com dignidade, as intrigas e as insolencias com que elle ousa offender um irmão do seu rei.

O infante escutou os conselhos do seu estribeiro-

mór, como se foram um oraculo; e, decidido a seguil-os em todo o ponto, ia logo voltar para a antecamara de el-rei, quando entrou na sala o conde de Castello-Melhor, extraordinariamente pallido.

O infante perguntou-lhe a causa do desassocego em que vinha, e da demora de sua magestade; e o conde, procurando em vão esconder n'um sorriso de cortezão a dolorosa expressão da sua physionomia, respondeu-lhe « que sua magestade tinha sahido n'uma liteira, para ir ao convento de S. Antonio dos Capuchos ganhar o jubileu da Porciuncula. »

Este acto de el-rei, de inexplicavel loucura, produziu uma desagradavel impressão no infante e nos seus dois camaristas, D. Rodrigo e Christovão de Almada. Todos ficaram silenciosos; e pouco depois sua alteza, approximando-se da parede em que estava pendurado o retrato da nova rainha, poz-se a contempla-lo, e ficou em breve por tal modo absorvido n'aquella contemplação, que se esqueceu inteiramente dos objectos que o cercavam.

Só depois do meio dia é que el-rei regressou do seu devoto, mas intempestivo passeio; e foi então que começou a vestir-se para ir receber sua esposa. O conde de Castello-Melhor tinha voltado para junto da rainha; a nobreza e o povo, cansados de esperar, manifestavam em palavras descompostas a sua justa impaciencia.

Já o sol declinava havia muito sobre o horisonte, quando Affonso VI, seguido da sua côrte, se encaminhou para o caes, onde o esperava o bergantim real.

El-rei vestira uma casaca coberta de tão relevada e grossa bordadura, que se não conhecia de que droga era feita; o espadim era todo oiro e diamantes, e o chapeo, ricamente acairelado e ornado de plumas, tinha preza a aba por um broche de pedras preciosas.

O bergantim em que entrou Affonso VI, acompanhado do infante e dos conselheiros de estado, era todo adornado de muitos e elegantes entalhes de oiro e marfim: cobria-o um toldo de brocado carmesim, recamado e franjado de oiro e prata; e tinha á pôpa duas magnificas cadeiras de velludo, uma destinada para el-rei, outra para a rainha, e um escabello para n'elle se assentar sua alteza.

O bergantim real era seguido pelo do infante, em que iam D. Rodrigo de Menezes e Christovão d'Almada; e atraz d'este vogavam doze falúas, umas com fidalgos, outras com bandas de musica. Os remeiros do bergantim real iam vestidos de damasco carmezim com passamanes de oiro; e os das outras embarcações levavam as côres da libré dos fidalgos a que pertenciam.

Logo que o bergantim real se afastou da praia, os navios e as fortalezas começaram a atroar os ares com salvas de artilheria; e o povo, que estava apinhado nas praias e nas embarcações que cortavam as aguas do Tejo em todos os sentidos, rompeu em estrondosos vivas.

El-rei, durante o transito do caes do Terreiro do Paço á nau capitania, que estava ancorada defronte da ponte da Junqueira, não abriu a boca para pronunciar

uma unica palavra. Só quando, amarrado o bergantim ás escadas doiradas da nau, o marquez de Sande, — a quem tinha sido encarregado o negocio do casamento, e que acompanhara de França a rainha, — lhe veio ajoelhar aos pés, e beijar-lhe a mão, é que sua magestade sahiu do estado de silencioso torpor em que até alli se tinha conservado.

O bispo de Laon, que o marquez apresentou a el-rei, podia considerar-se como o typo do *abbade* d'aquelle tempo. O abbade d'Estrées, bispo de Laon, era moço, e o seu nome tornara-se celebre na côrte de França, e figurava, como o do famoso M. de Lauzun, na lista dos grandes conquistadores de corações femininos. D. Affonso VI pagou os exagerados cumprimentos do gentil bispo com algumas palavras seccas, que o marquez de Sande, interprete n'esta occasião, traduziu em francez, tornando-as comtudo o mais amenas que lhe foi possivel.

Depois d'esta apresentação, el-rei encaminhou-se para a escada da nau, em cujo primeiro degrau o esperava o marquez de Ruvigni, general da armada franceza, que conduzira a rainha. Das escadas á camara formavam alas a infanteria franceza, e os soldados do conde de Maré, que vinham servir no exercito de Portugal, e a quem o seu chefe tinha dado por uniforme casacas verdes com passamanes de prata.

Na camara, ricamente adornada, a rainha esperava seu real esposo, tendo junto de si as suas duas damas, as marquezas de Puy e Castello-Melhor.

D. Maria Francisca Isabel de Saboya era graciosa na figura e no gesto; não tinha grande belleza, mas animava-lhe a physionomia uma extraordinaria vivacidade e expressão. A abundancia dos seus cabellos loiros e annelados exagerava ainda a sensivel desproporção que existia entre a cabeça bastante grande e o corpo pequeno e delgado; desproporção esta, que apesar de pequena, se podia considerar como grave defeito n'uma princeza que julgava ter distincto logar entre as mais bellas da Europa. A rainha, para aquella occasião solemne, vestira um *justilho* de tal modo decotado, que lhe deixava quasi o seio todo descoberto; este *justilho* estava tão escondido pelo *peitilho* de diamantes, e pelos bordados de oiro, que fôra difficil saber-se de que era feito. As duas saias, que se prendiam no *justilho*, uma de preciosa sêda de lavores, outra de *brocado alto* branco aberta pela frente, — a que se dava o nome de *roupa*, por arrastar pelo chão uma immensa cauda, — estavam extraordinariamente tufadas pelo *guardainfante* (1) sobre que assentavam.

Quando Affonso VI entrou na camara em que o esperava a rainha, esta levantou-se para o receber; e fazendo-lhe uma mesura graciosa e compassada, esperou de pé que elle lhe dirigisse os cumprimentos do estylo, e lhe offerecesse, sobre um throno que alli se achava armado, uma cadeira ao lado da sua.

(1) Armação de arcos de ferro cobertos de fita, que servia para tufar as saias. Os *guardainfantes* começaram por esta época a usar-se na côrte de França; e foram inventados pela celebre madame de Montespan.

Os olhos da gentil rainha, que apenas se tinham fixado um instante em seu real esposo, voltaram-se curiosos para o infante; e tornaram-se radiantes ao ver essa figura nobre e magestosa, esse rosto trigueiro, mas bello, que tão singularmente contrastava com o rosto e figura de el-rei seu irmão.

O infante quiz ajoelhar para lhe beijar a mão, porém não o consentiu a rainha. Quando os labios de D. Pedro tocaram a mão branca e admiravelmante modelada da graciosa princeza, ambos estremeceram, e uma ligeira pallidez passou por um instante sobre o rosto de sua alteza.

Todos os fidalgos que se achavam presentes áquella ceremonia beijaram a mão á nova rainha. Depois el-rei, tomando-a pela mão, conduziu-a ao bergantim, onde entraram só suas magestades, o infante e as duas marquezas de Puy e de Castello-Melhor.

Quando o bergantim real começou a vogar para a praia, novas salvas de artilheria e de mosquetaria e estrondosos vivas retumbaram nos montes que cercam a magnifica bacia, em que o Tejo se alarga defronte de Lisboa, antes de se lançar no oceano. Os vivas e as salvas continuaram até o bergantim chegar á ponte da Junqueira, onde suas magestades desembarcaram.

Um coche de velludo carmezim, bordado e franjado de oiro por dentro e por fóra, puxado por oito cavallos brancos ferrados de prata, e enfeitados, nas clinas e nos cabos, com fitas vermelhas, esperava pelos reaes consortes. As guarnições do coche eram todas doiradas,

os tirantes de sêda e oiro: a libré dos cocheiros e lacaios vermelha, com passamanes de azul e prata franjada. A familia real entrou no formoso coche, que logo se pôz a caminhar para Alcantara, seguido dos coches e liteiras que levavam a nobreza da côrte.

O cortejo parou á porta da egreja do convento das freiras da ordem de S. Francisco, que ficava proximo ao palacio de Alcantara. A egreja estava sumptuosamente ornada: cortinas de velludo e brocado, e preciosos lós vermelhos bordados de palmas de oiro, cobriam as paredes e se curvavam em pregas e festões graciosos. Luzes sem conto ardiam sobre os altares, e faziam scintillar as pedras preciosas com que estavam profusamente enriquecidos os vestidos das damas da côrte que esperavam pela rainha. A fragrancia das flores, e a harmonia magestosa dos cantos religiosos que as freiras entoavam no côro, completavam as maravilhas do templo em que o bispo de Targa, capellão-mór, ia lançar a benção nupcial aos reaes noivos.

Á chegada de suas magestades os musicos da camara romperam n'um hymno brilhante, e os padres vieram á porta recebel-os debaixo do palio. El-rei, dando a direita a sua esposa, foi ajoelhar n'uma das almofadas que estavam collocadas sobre os degraus do altar: a côrte ajoelhou tambem; e todos se recolheram em oração até ao fim da ceremonia religiosa. Acabada ella, a côrte tornou a entrar nos coches, e o cortejo encaminhou-se para a porta do palacio de Alcantara, que estava brilhantemente illuminado.

Durante toda a ceremonia e lenta marcha da Junqueira a Alcantara, os dois reaes esposos não disseram um ao outro uma unica palavra: nem era possivel que a dissessem, porque el-rei não entendia o francez, e a rainha mal começara a estudar o hespanhol com a celebre madame Scarron (depois madame de Maintenon), que ella quizera trazer comsigo para Portugal, mas que mais altos destinos detiveram na côrte de Luiz XIV. Só os olhos do infante fallaram em todo aquelle tempo; e nem sempre as phrases apaixonadas que elles disseram ficaram sem resposta.

As salas do palacio de Alcantara estavam ornadas com riqueza, e profusamente illuminadas por candelabros de prata e de oiro.

O infante e parte da côrte acompanharam a rainha até á segunda antecamara. Ahi sua alteza lhe beijou segunda vez a mão, e despedindo-se com algumas phrases balbuciadas apenas, mas que revelavam a agitação de um espirito profundamente impressionado, deixou-a só com el-rei e as damas que haviam sido nomeadas para a servirem, e fazerem parte da sua casa. D. Pedro sahiu logo do palacio e foi alojar-se na quinta de Luiz Cesar de Menezes, que ficava perto e estava preparada para o receber.

El-rei, depois de conduzir a rainha ao quarto, deixou-a entregue ás suas damas, e foi desabafar com os favoritos as mágoas d'aquelle dia, que para elle fôra um dia de martyrio.

CAPITULO VI.

SCENAS POPULARES.

Já era noite cerrada quando o infante chegou á quinta de Luiz Cesar de Menezes. Francisco d'Albuquerque seguia a passos vagarosos o coche de sua alteza, com Luiz de Mendonça e os outros criados. Já ia a entrar a porta da quinta, quando sentiu cahir-lhe sobre o hombro uma pesada mão, e uma voz grossa dizer-lhe sem ceremonia:

— Então já me não conhece, senhor capitão?

Francisco d'Albuquerque voltou rapidamente a cabeça, e viu a seu lado frei Antonio da Redempção, o frade que elle na vespera encontrara na estalagem do *Alemtejo*.

— Ah! É vossa reverendissima! — exclamou Francisco de Albuquerque.

— Sou eu, meu rico capitão; eu mesmo, que o venho seguindo desde a porta do palacio — disse o frade. — Queria-lhe propôr... — desejo fazer mais intimo conhecimento com vossa mercê — pedia-lhe que viesse comigo aqui perto á taverna do Salpicão para petiscarmos alguma coisa; *libare ac degustare*.

— Obrigado, frei Antonio; mas... o serviço de sua alteza...

— Sua alteza não carece agora senão de D. Rodrigo de Menezes — interrompeu o frade sorrindo com finura. — Os serviços d'esse é que lhe são uteis. N'este momento a barriga deve ter o primeiro logar. Desde pela manhan sem comer e a apanhar o ar do mar, senhor Francisco de Albuquerque, que grande fome que ha de ter!

— Não me posso ir sem licença; mas em a alcançando, volto para o acompanhar.

— Bom! As galas não o tornaram soberbo — rosnou o frade. — No fim de tudo, quasi que estou convencido de que o habito não faz o monge.

Francisco d'Albuquerque tinha-se demorado á porta a fallar com o frade, em quanto entrara toda a comitiva do infante. Depois de dizer estas ultimas palavras, e depois de pedir com um gesto a frei Antonio que o esperasse, o moço capitão atravessou o páteo da quinta, e foi procurar o seu amigo Luiz de Mendonça, para este lhe ensinar o meio de obter a desejada licença. Luiz de Mendonça prometteu desculpal-o, se D. Rodrigo de Menezes désse pela sua falta, e ir ter com

elle á taverna do Salpicão, logo que lhe fosse possivel. Com o espirito inteiramente socegado, Francisco de Albuquerque encaminhou-se, embuçado n'uma capa, com frei Antonio, para o logar onde os esperava a tão appetecida ceia.

— Então já sei, senhor Albuquerque — disse o frade logo que se pozeram a caminho — já sei que teve hoje um mau encontro.

— Um mau encontro! — exclamou o capitão.

— Um mau encontro, sim. Encontrou o diabo feito mulher.

— Já sei de que me quer fallar, frei Antonio — acudiu o capitão um pouco perturbado. — É d'essa mulher...

— Da Calcanhares. Isso é uma má mulher, que enfeitiçou el-rei, e o tornou ainda peor do que elle era antes de a conhecer. Sabe o que lhe digo, meu capitão — proseguiu o frade parando e tirando da manga uma caixa de buxo em que tomou uma immensa pitada — é que, se outra vez se encontrar com similhante creatura, não olhe para ella...

— Não olhe!... É bonita.

— Por isso mesmo. A belleza deu-lh'a o diabo, para com ella perder as almas dos que a conhecem.

— Talvez que não seja verdade...

Francisco de Albuquerque não ousou acabar a phrase principiada.

— É verdade, é; tudo que se diz d'ella é verdade. El-rei, em sabendo que algum homem se lhe atreve a

olhar para a amante, manda-o logo matar por um dos assassinos da sua patrulha. Cautela! Não se deixe dominar pelos encantos d'aquella sereia, se quer continuar a andar por este mundo.

— Fique socegado, frei Antonio. Eu não gosto, não posso gostar d'ella.

— Deus o queira! — acudiu o frade — Do mar se tira o sal, e da mulher muito mal; diz o dictado, e diz bem. Agora vamos a cear, que já estamos á porta da taverna do Salpicão. Tem gente a deitar fóra, por ser dia de festa. Entremos depressa para não ficarmos sem comer.

A taverna do Salpicão, que estava situada á beira do rio de Alcantara, era uma casinha terrea, suja e mal geitosa, onde n'aquella noite se tinha ajuntado gente de diversas e bem oppostas classes. Militares, frades, mulheres, homens do povo e marinheiros, estavam sentados, ou em pé, a comer e a beber, a fallar e a gesticular, allumiados por duas candeias, e pelo clarão da fogueira que ardia na chaminé.

O taverneiro ajudado por uma moça, gorda e córada, que passava por sua mulher, corria de mesa para mesa, levando a uns um cangirão de vinho, a outros um prato com peixe frito, ou couves cozidas com o celebre salpicão, que tinha feito a honra e a gloria do seu afamado estabelecimento, a outros, emfim, uma saladeira cheia de verde e appetitosa alface.

Frei Antonio foi atravessando a casa, e conduzindo o seu companheiro para o canto de uma mesa, onde

havia dois logares vagos. Ao passar junto da mulher do taverneiro, o frade disse-lhe em voz baixa:

— Olhe que eu quero ser bem servido, senhora Joaquina. Veja lá.

E a boa da mulher, apenas pôz sobre uma mesa o cangirão que levava, correu logo a receber as ordens do seu respeitavel confessor.

— Queremos um prato de salpicão, antes de tudo — disse o frade á taverneira. E voltando-se para o capitão — É o guisado mais saboroso que se faz aqui; é coisa de appetite. Queremos tambem...

— Já vou! — bradou a senhora Joaquina, voltando-se para um soldado que, impaciente, lhe pedia pão, batendo na mesa com a faca.

— Queremos tambem — proseguiu o frade — um pouco de peixe, e...

— Já vou! — bradou de novo a taverneira.

— E salada.

— Não quer mais nada, senhor frei Antonio? — perguntou ella meigamente ao frade.

— Quero, quero que não te esqueças de mim, minha Joaquininha.

— Ai! não tenho hoje tempo para essas coisas! Deixe-me, senhor frei Antonio, largue-me esta mão para me eu ir embora. Está toda essa gente a gritar! Jesus! Que inferno este!

O frade largou a taverneira, que se foi correndo; e voltando-se para o capitão, disse:

— É uma boa mulher, esta Joaquininha. Quando

sáio da cidade, venho sempre por aqui vel-a, e comer um bocado de salpicão. Verá que é coisa de appetecer, senhor Francisco d'Albuquerque. Escutemos o que se diz por essas mesas. É sempre bom ouvir o que os outros dizem, para conhecer a verdade. *Verba sunt ponderanda.*

— Cada um falla do que o interessa — atalhou o capitão — e nós não temos nada com essas coisas.

— É verdade; nós nada temos, nada, com o que se diz, quando se tracta de questões particulares. Mas aqui... Eu desejava muito saber ao certo — proseguiu o frade, olhando fixamente para o seu companheiro — desejava saber qual foi a causa da demora de el-rei; e o que se passou entre elle e o senhor infante. Falla-se de uma grande questão; diz-se que sua alteza sahirá de Lisboa...

— Não sei, não ouvi fallar em tal — respondeu com algum desabrimento o capitão. — Deixei sua alteza no paço; e viemos, eu e os meus companheiros, aqui para a Junqueira, onde não ouvimos dizer coisa alguma a esse respeito.

Este dialogo foi interrompido pelo clamor de muitas vozes que disputavam acaloradamente. Estas vozes, que se alevantavam acima do rumor geral que havia na casa, e despertavam a attenção de todos os que estavam na taverna do Salpicão, interrompendo as conversações particulares, eram as vozes de alguns homens do povo, que se achavam assentados á mesma

mesa que frei Antonio da Redempção, e Francisco de Albuquerque.

— A maldita da bruxa, a Zaída aqui da Quebrada, prometteu-lhe — dizia um — que el-rei não havia de fazer senão o que elle quizesse. Cá a mim, diz-me as coisas quem as sabe de boa parte.

— Pois olha — bradava outro, cuja voz grossa correspondia ás proporções athleticas do corpo — enganaram-te. Não é por bruxaria que o senhor conde se fez estimar de el-rei; que lá estimal-o, estima-o elle, e de véras. A amizade de sua magestade não vem d'ahi!...

— Então d'onde vem essa amizade?

— Das virtudes...

— Do conde de Castello-Melhor! — clamaram todos com indignação.

— A tua amizade com Agostinho Nunes, o criado lá do conde, tem-te transtornado a bola, Manuel Serralheiro — proseguiu o primeiro, a quem chamavam o João Pardo. — O que o conde quer é tirar dinheiro ao povo; essas é que são as virtudes d'elle.

— Não ha terras em Portugal que cheguem para o senhor conde — accrescentou outro. — Só ha dois annos dizem, — dil-o muita gente boa, Manuel, — dizem que furtou dos bens do povo... setenta mil cruzados.

— Isso é mentira. São coisas que dizem, mas não é verdade — bradou colerico o Manuel Serralheiro. — Querem ver se quebram o ferro dando-lhe em falso; mas não hão de conseguir o que desejam.

— Então tudo é mentira. Ninguem falla verdade senão alli o senhor Manuel! Olha, Manuel, não sejas teimoso cá com a gente, que te podes sahir mal.

— Querem metter-me medo? — disse Manuel pondo-se de pé — Pois agora é que eu digo que vocês são todos uns asnos, e que eu...

— Nada de tolices, rapaz — acudiu um velho, agarrando no braço do orador. — Senta-te; e toca a beber. Ó mestre, traga vinho!

Manuel Serralheiro sentou-se rosnando algumas pragas, e o velho proseguiu:

— Todos vocês teem razão.

Como se vê por estas simples palavras, o velho Zé Borracha era *ordeiro*, d'estes que acham razão a toda a gente, para se não pôrem mal com ninguem.

— O Manuel diz que o conde está no valimento pelas suas virtudes. Será verdade; talvez que seja verdade. Olhem; elle tem feito muita coisa boa, não ha duvida. Se não fosse elle, talvez que a guerra se não tivesse podido sustentar, e que nós fossemos todos hespanhoes a esta hora.

— Elle gosta da guerra para poder apanhar mais dinheiro ao povo — interrompeu um.

— Diabos o levem! Se não fosse elle, já a guerra estaria acabada!

— Vocês não entendem nada d'estas coisas, d'estes negocios politicos — proseguiu o velho *ordeiro*, tossindo magestosamente. — Hum! hum! Não entendem nada d'estas coisas; é como lhes digo. Não se acceitou

a paz proposta pelos hespanhoes, porque... porque nos ficava mal.

— E a guerra não nos custa nada, senhor Zé Borracha?

— Cala-te, grulha impertinente! — bradou o sabio Zé Borracha, sapateiro remendão. — Então nós haviamos de acceitar... hum! hum! Sim, haviamos de receber as condições, d'essas condições...

— Vossa mercê é pelo conde, tio Zé! — clamaram alguns dos que o escutavam.

— Não sou — atalhou logo o remendão doutor — eu não sou do partido de ninguem. Quero dizer; eu voto sempre pela verdade.

— *In medio consistit virtus* — interrompeu frei Antonio da Redempção.

— Tem vossa reverendissima razão — disse Zé Borracha sem se perturbar. — *In media constit virtudes.* Hum! hum! Vocês não entendem isto, rapazes: pois olhem que é uma grande verdade.

— Então nega, senhor Zé, que o conde fosse uma noite a casa aqui da velha Zaída, para ella lhe ensinar uma receita...

— Uma receita para quê? — perguntou colerico Manuel Serralheiro, o defensor do conde.

— Para enfeitiçar el-rei.

— Ah! — exclamou Manuel com um gesto de desprezo.

— Christão novo! — disse a meia voz o seu adversario João Pardo, que era empregado na inquisição.

— Hum! hum! — tossiu estrondosamente o sapateiro para cobrir o som d'estas perigosas palavras. — Talvez que isto não seja verdade.

— Talvez que não seja verdade — accrescentou com voz sumida o Manuel Serralheiro, a quem as palavras « christão novo » tinham quebrado subitamente as forças.

— A santa inquisição ha de acabar por uma vez com bruxas e christãos novos, judeus disfarçados, perros malditos — disse o implacavel inimigo do Manuel Serralheiro.

Os diversos grupos, em que naturalmente se achavam separados os freguezes da taverna do Salpicão, haviam de novo recomeçado as suas conversações particulares; frei Antonio e Francisco de Albuquerque devoravam já a ceia que a taverneira tinha posto diante d'elles, e o capitão informava-se com curiosidade da morada da celebre bruxa Zaída, quando oito ou dez homens, armados todos de espadas e punhaes, e cambaleando de embriagados, invadiram a casa. Estes homens faziam parte da celebre e temivel *patrulha baixa* de Affonso VI: entre elles vinha o João dos Cães, aquelle que estava na antecamara d'el-rei, quando o infante lá entrara pela manhan.

Á chegada d'estes faccinorosos todos se calaram, e alguns dos mais prudentes foram-se approximando da porta e sahindo da taverna; o illustre Zé Borracha seguiu, como sempre, n'esta occasião, o exemplo dos homens prudentes.

— Ó lá, taverneiro do diabo! Traz-nos vinho. Muito e do melhor — bradou um dos invasores.

— Tudo ha de hoje aqui beber á saude de el-rei — disse outro.

— Viva el-rei! — clamou um terceiro.

— Viva! — responderam quantos estavam na taverna.

— Viva a nossa rainha!

— Viva! — respondeu outra vez o côro.

— Viva o senhor infante! — bradou da porta Luiz de Mendonça, que entrava n'aquella occasião.

Os da patrulha hesitaram um instante, mas gritaram depois com todos os outros:

— Viva!

João dos Cães, pondo-se no meio da casa e levando a mão á faca que trazia no cinto, disse:

— Se houver aqui alguem que recuse acompanhar-me na saude que vou fazer, esse ha de travar conhecimento com o meu punhal.

Depois, deitando mão a um cangirão a trasbordar de vinho, proseguiu:

— Á saude do conde de Castello-Melhor.

Quatro pessoas ficaram immoveis a esta saude. Frei Antonio, Francisco d'Albuquerque, Luiz de Mendonça e João Pardo, o adversario do Manuel Serralheiro.

Foi sobre Luiz de Mendonça que cahiu primeiro a cólera dos da patrulha.

— Não bebe? — bradou João, voltando-se para elle e tirando a adaga.

— Não bebe? — repetiram os outros fazendo o mesmo gesto.

Luiz de Mendonça, desembuçando-se da capa vermelha em que vinha embrulhado, tirou da espada, e estendeu no chão de um golpe ao João dos Cães.

N'um instante a taverna do Salpicão tornou-se um campo de batalha. Francisco de Albuquerque cahiu com a espada em punho sobre os adversarios do seu amigo, e frei Antonio, agarrando no banco de pau em que estava assentado, pôz-se a combater ao lado d'elle. Alguns dos que discutiam pouco antes com o Manuel Serralheiro formaram um corpo auxiliar para ajudar com os seus movimentos os dois criados do infante.

O taverneiro apenas viu travar-se esta terrivel lucta, correu a apagar as luzes, e a espalhar pela chaminé a lenha da fogueira, de modo que a casa ficou quasi em completas trevas. A tia Joaquina approximou-se, apesar do perigo, de frei Antonio, seu digno confessor, e puxando-lhe pelo habito, foi-o conduzindo para uma porta que dava sahida da casa para a margem do rio.

Os dois fidalgos do infante, avisados pelo frade, foram-se escapando pouco a pouco d'entre os combatentes: e depois, ás apalpadellas e encostando-se pelas paredes, poderam emfim atinar com a porta, e sahir da taverna sem serem presentidos.

O combate tinha-se tornado feroz. As juras, as pragas, os gritos e os gemidos formavam um côro discorde e terrivel, a que o bater dos ferros uns nos ou-

tros, e o estrondo das mesas e dos bancos que tombavam fazia um acompanhamento infernal.

No meio d'esta briga tenebrosa, dois homens luctavam desde o principio sem dizer uma só palavra. Abraçados estreitamente, os dois inimigos faziam esforços extraordinarios para se suffocarem um ao outro. Esses homens, que assim luctavam com a ferocidade e a cólera implacavel de dois animaes ferozes, eram o Manuel Serralheiro e o João Pardo.

Manuel luctava para salvar a vida, que ficaria em grande risco se o seu adversario sahisse vivo da taverna do Salpicão, para o ir denunciar ao terrivel e cruento tribunal da inquisição como christão novo.

Foi d'estes dois combatentes que rebentou o primeiro grito de verdadeira agonia; grito suffocado e tremendo, que oscillou um instante entre a palavra e o rugido, mas que por fim se tornou em inarticulado estertor. Manuel suffocara entre os braços o seu perigoso adversario.

Os gritos da tia Joaquina e de seu marido, que tinham fugido para a rua, despertaram a attenção da ronda, que andava perto do palacio d'Alcantara. Quando esta porém acudiu aos clamores dos donos da taverna do Salpicão, já dois ou tres dos combatentes jaziam por terra moribundos; e muitos outros, gravemente feridos, gemiam suffocados pelo pezo dos que combatiam.

A ronda depois de grandes esforços, pôde conseguir apartar a briga, e levar prêsos alguns dos crimi-

nosos. Apenas a ronda sahiu, levando os prêsos e os feridos, a taverna do Salpicão fechou-se, e tudo ficou tranquillo e silencioso, como se alli se não houvera passado aquella scena sanguinolenta.

CAPITULO VII.

LOS PRIVILEGIOS DE LAS MUGERES.

El-rei, quando deixou a rainha no quarto com as damas, foi direito á sua antecamara, onde o estavam esperando o conde de Castello-Melhor e alguns dos criados que ordinariamente se empregavam no seu serviço.

Affonso VI, logo que entrou, lançou-se sobre uma cadeira, e exclamou, dirigindo-se ao seu favorito:

— Conde! conde! que hei de fazer, conde? Que posso eu fazer agora, Castello-Melhor?

— Vossa magestade pelos principios da etiqueta... — disse o conde.

— Não me fallem agora em etiqueta! Cansado estou eu d'ella. Todo o dia; é de mais! — bradou el-rei — Manuel Antunes, dá-me um cachimbo bem cheio de

tabaco; traze-m'o acceso, que estou morrendo por fumar.

Manuel Antunes, criado muito querido de Affonso VI, que era notavel por ter um olho branco e o outro preto, apresentou um cachimbo de barro a sua magestade, que se poz a fumar com avidez. Depois de longo silencio, el-rei, com um meio sorriso que apenas lhe animava a desconsolada physionomia, disse ao Castello-Melhor:

— A *brichota* (1) é bonita; não é assim, conde?

— Não sei de quem vossa magestade quer fallar; por isso...

— Da rainha, é da rainha que fallo.

— Sua magestade é um anjo formosissimo — respondeu o conde.

— Formosissimo! Não sejas lisongeiro. Não é feia: mas aquella cabeça não foi feita para aquelle corpo; é grande de mais.

El-rei, depois de dar uma estrondosa gargalhada, proseguiu:

— Não sei de véras, conde, não sei o que hei de fazer. Voltar para ao pé d'ella, não volto eu hoje, porque...

O conde interrompeu sua magestade.

— Permitta vossa magestade que lhe communique alguns negocios importantes...

— Negocios! Já outra vez negocios! Mal acabei

(1) Nome que por zombaria se dava aos estrangeiros.

de fumar! Manuel Antunes! outro cachimbo; e traze-me de cear.

— Vossa magestade — accrescentou o Castello-Melhor — ha de fazer-me a graça de me attender um instante.

— Pois sim, sim, conde. Dize o que queres; aqui estou para te ouvir.

O conde voltou-se para os criados, dizendo:

— Tenho que fallar de negocios secretos a sua magestade.

— Olhem! — disse el-rei aos criados que iam sahindo — em a ceia estando prompta, tragam-m'a logo. — Henrique Henriques, vai-me buscar Margarida. Não está aqui?

— Espera pelas ordens de vossa magestade — respondeu, curvando-se, Henrique Henriques.

Os criados sahiram todos; e o conde de Castello-Melhor ficou só com el-rei.

— Real senhor, vossa magestade bem sabe — começou o conde — conhece sem duvida as vantagens que traz aos seus reinos a alliança de França. Não queira vossa magestade fazer agora com que este casamento, que a nação toda festejou como o comêço de uma nova era de felicidade, se torne a origem de grandes males para todos nós.

— Que quer isso dizer, conde? Que significam essas palavras?

— A união da rainha, minha senhora, com vossa magestade deve ser intima... — respondeu o favorito.

— Mas... tu sabes... Bem vês que lhe não posso dizer... — interrompeu el-rei pondo-se de pé.

— Que tem vossa magestade que lhe dizer? — atalhou o conde. — A nação espera d'este casamento um herdeiro para a coroa, e um defensor para a sua independencia.

— Não te dizia eu, conde, que me não queria casar! — exclamou Affonso VI.

— Vossa magestade não podia deixar de escolher para esposa uma das princezas de França. A politica assim o exigia. Além de que — accrescentou o Castello-Melhor — o reino não podia ficar mais tempo sem principe. Vossa magestade, que Deus nos conserve por muitos annos, póde desgraçadamente morrer: sua alteza, tambem nós podemos ter a desventura de o perder; e n'esse caso, a coroa voltaria para as mãos dos reis de Castella.

— Mas... tu bem o sabes, conde, eu não posso dar ao reino o que elle espera de mim.

— Publicar uma similhante coisa seria entregar a coroa nas mãos do senhor infante — acudiu o conde, com a voz alterada. — E vossa magestade...

— Não quero, não hei de largar a coroa...

— Nem Deus permitta que o queira! — accrescentou o favorito.

— Mas dizer-lh'o a ella, é dizel-o a todos. Saber-se-ha....

— Sua magestade a rainha, minha senhora, ha de

querer tambem conservar a coroa, que veio buscar de tão longe.

Affonso VI, sem responder, poz-se a andar lentamente pelo quarto; depois pegou em um cachimbo que estava em cima de uma mesa, accendeu-o, e deixou-o cahir: parou duas ou tres vezes diante do conde, como se fosse para fallar, e depois proseguiu no seu lento passeio, arrastando sempre a perna direita, quasi paralysada: finalmente voltou-se para o conde, e, com uma voz que exprimia a oscillação de um homem fraco, que hesita sempre nos raciocinios que faz e nas acções que ousa emprehender, disse:

— Tenho estado a scismar, conde, para ver se descubro o motivo por que meu irmão recusa casar-se; e não posso atinar com elle.

— Vossa magestade quer que eu lhe diga sinceramente o que penso a esse respeito?—perguntou o Castello-Melhor.

— Dize, dize a verdade — respondeu el-rei deixando cahir o corpo, extraordinariamente gordo, sobre uma cadeira de espaldas.

— Sua alteza—disse o favorito—aconselhado por D. Rodrigo de Menezes, tem esperança—obedecerei a vossa magestade dizendo-lhe a verdade inteira—tem esperança de ser ainda rei de Portugal. Sua alteza sabe que vossa magestade... não póde dar um herdeiro á coroa. Não se tem sua alteza illudido com as apparencias. O Menezes não é tão facil de persuadir como o povo. O senhor infante não se tem querido casar,

porque deseja que a nação perca a esperança... de ver augmentada a familia real. Espera por essa occasião desgraçada, para poder exigir que se convoquem as côrtes, que o acclamem principe, e talvez...

— E talvez rei! — bradou D. Affonso.

— Sua alteza odeia-me profundamente; e eu não sei, não me accusa a consciencia de lhe ter dado motivo....

— É por me teres servido com fidelidade; é por isso que elle te odeia, meu conde.

— Sua alteza despediu hontem meu irmão do seu serviço; e ameaçou-o...

— Quer só criados que o ajudem nas suas conspirações? Pois não os ha de ter; não lhe hei de dar os criados que elle me pede — clamou el-rei, dando com o punho sobre um bofete.

— Perdoe-me vossa magestade; não me parece conveniente n'esta occasião ir contra os desejos do senhor infante. Será bom que a rainha, minha senhora, não perceba as desgraçadas desintelligencias que separam dois principes, que por tantas razões se deviam amar.

— Mas os gentis-homens que me elle pede — interrompeu el-rei — são todos inimigos teus, conde.

— É verdade, real senhor — disse o conde — porém com a protecção de vossa magestade havemos de resistir ás intrigas de D. Rodrigo.

— O conde da Torre, que elle quer para o seu serviço — atalhou el-rei — era tambem da briga do jogo da pélla, não é assim?

— Peço a vossa magestade que se não recorde de uma coisa tão desagradavel para todos nós...

— Mas responde-me — interrompeu Affonso VI. — Tenho ideia de que o conde da Torre tambem estava no jogo da pélla quando tu, só, desafiaste uns poucos de fidalgos.

— Estava, senhor. O conde e D. Rodrigo de Menezes tomaram parte n'essa triste pendencia, em que eu tive a desgraça de matar o conde de Vimioso.

— Porque foi, conde; que razão houve para essa briga?

— Peço perdão a vossa magestade — respondeu o favorito com voz suffocada — esqueci-me de tudo isso durante as minhas viagens pela Italia: e creio que todos se esqueceram, como eu me esqueci.

— Elles não se esqueceram ainda: e é por isso que meu irmão os escolheu para seus gentis-homens.

— Não importa. O senhor infante não me honra com o seu favor; mas apesar d'isso, o meu dever é supplicar a vossa magestade que attenda ás pretenções de sua alteza... sempre que eu julgar que ellas não offendem os interesses de vossa magestade.

— Não fallemos mais n'isso agora, conde. Quero cear, que tenho muito appetite. Vai dizer que me tragam a ceia já.

— Vossa magestade vai depois de ceia fazer companhia á rainha, minha senhora? — perguntou o conde com interesse, antes de sahir para cumprir a ordem de el-rei.

O conde tinha grande empenho em que Affonso VI se alliasse estreitamente com sua real esposa; porque suppunha por este modo assentar o seu poder sobre uma base segura, visto ter elle sido quem principalmente contribuira para se fazer aquelle casamento. Esperou com anciedade a resposta de el-rei: e ficou pouco satisfeito quando este, em vez de lhe responder, lhe ordenou outra vez que mandasse vir a ceia depressa.

Restava ao conde de Castello-Melhor um ultimo recurso para obter a desejada união entre os dois reaes esposos, era a influencia da Calcanhares no espirito de el-rei; influencia a que sua magestade quasi nunca sabia resistir.

— Vossa magestade quer que D. Margarida entre para esta sala? — perguntou elle.

— Sim, sim: que venha! — exclamou el-rei — Estou com saudades de a ver. Que venha depressa.

O Castello-Melhor sahiu, saudando profundamente sua magestade.

N'uma sala proxima estava a Calcanhares, esperando pelas ordens do seu real amante. O conde foi ter com ella.

— Margarida — lhe disse elle com tom brando, mas de superioridade — é necessario que el-rei fique esta noite nos quartos da rainha.

— É necessario... — interrompeu a Calcanhares.

— O quê? — perguntou o conde.

— Que eu tenha esta noite a liberdade de ir só...

— Aonde?

— Aonde eu quizer.

— Não é possivel...

— Isto não póde continuar por mais tempo assim, senhor conde — disse em voz baixa a Calcanhares. — El-rei está casado: e eu não quero ser eternamente escrava.

— Tem paciencia, Margarida — acudiu o conde, apertando-lhe affectuosamente a mão — tem paciencia por mais algum tempo, que te não has de arrepender.

— Eu sou tambem mulher, senhor conde — proseguiu Margarida — sou mulher como as outras e preciso amar, porque tenho coração.

— Tens muito tempo para ter amores. Agora...

— Agora devo ser toda de vossa excellencia; obedecer-lhe, e não pensar, nem sentir; não é assim? — exclamou a Calcanhares com amargura.

— É por pouco. Vamos; anda. El-rei espera-te.

— E o que eu lhe pedi, senhor conde?

— Será como desejas.

Depois d'estas palavras, o conde de Castello-Melhor deixou Margarida, e esta encaminhou-se para a antecamara d'el-rei.

A Calcanhares estava esplendidamente vestida á hespanhola. Um gibão estreito de téla *rosa-secca*, *repassada* de oiro, desenhava com perfeição as suas fórmas elegantes, e deixava entrevêr, por entre finas rendas de oiro, um seio formosissimo: uma saia curta de ligeira téla azul idealisava ainda mais essa mulher feiticeira. Os cabellos alevantados em anneis, e sostidos

por diamantes, descobriam-lhe a fronte pallida e bem talhada, dando realce á sua belleza portentosa.

El-rei, que ficara quasi adormecido sobre a cadeira em que se tinha deixado cahir, estremeceu e abriu repentinamente os olhos ao ouvir os agudos saltos de pau de Margarida, que tinham dado causa á alcunha de Calcanhares por que ella era conhecida, retinirem no ladrilho da sala.

— És tu? — perguntou Affonso VI, sem voltar a cabeça, o que era para elle um movimento difficil.

Margarida, sem responder, approximou-se de el-rei, e pegando-lhe na cabeça com as duas mãosinhas calçadas n'umas luvas perfumadas de ambar, deu-lhe um beijo na testa.

— Tinha saudades tuas, Margarida! — exclamou el-rei, puxando-a brandamente para si, e assentando-a sobre os joelhos — Tinha saudades tuas! Dize-me; o que fizeste hoje? Viste a rainha?

— Não — respondeu a Calcanhares. — Estive algum tempo na Junqueira; mas não a vi. É bonita?

— Bonita! É. Não é feia: mas comparada comtigo...

— É uma formosura, não é assim? — perguntou Margarida sorrindo-se vaidosa, e olhando para um espelho que ficava defronte.

— Comparada comtigo não ha mulher bella no mundo.

— Como estás lisongeiro, meu pobre rei!

— Digo-te a verdade; tu és a unica mulher que eu posso amar, a unica que tenho amado.

— Agora está vossa magestade casado; e tem de amar outra mulher.

— Amar a *brichota*? Não; isso não posso eu.

— Amar, não a amarás talvez — disse ella fazendo-lhe uma caricia — mas has de fingir que a amas, pelo menos.

— E tens ciumes?

— Tenho, sim.

— Então...

— É indispensavel que eu os tenha. Amo muito a vossa magestade para lhe pedir coisas que possam prejudicar os interesses do seu reino.

— Bom! Que abnegação heroica!

— Não; não é abnegação, é um dever.

— Mas tu bem sabes... — accrescentou el-rei com melancolia.

— Que não tenho direito para ter ciumes...

— Que não te hei de dar razão para os ter.

— Vossa magestade não póde avaliar essas coisas.

N'este momento Henrique Henriques entrou, para participar a el-rei que a ceia estava servida na sala immediata. A voz de Henrique Henriques fez estremecer involuntariamente a Calcanhares, que saltou logo dos joelhos d'el-rei, e correu a esconder a sua perturbação, olhando para o espelho e concertando alguns cabellos que se tinham desarranjado.

A mesa d'el-rei estava allumiada brilhantemente

por muitas vellas de cera branca em castiçaes de prata de bojo. A toalha e os guardanapos eram de linho de Guimarães, guarnecidos de rendas de Flandres: a louça de raminhos com as armas reaes. Diversos fruteiros de prata rendados e doirados, com os celebres pecegos de Chellas, limões, peras, camoesas, &c., alguns pratos doirados com azeitonas d'Elvas, um saleiro, duas garrafas de vidro grosso com vinho, e um ramo de flores, constituiam o ornato da mesa real.

El-rei assentou-se n'uma cadeira alta, e ordenou á Calcanhares que se assentasse ao seu lado n'uma cadeira mais baixa. Os gentis-homens tinham sido dispensados de assistir á ceia; e por isso el-rei achava-se só com a amante, e Henrique Henriques, que fazia as vezes de trinchante.

A ceia constava de perús assados, gallinhas recheadas e de *gigotte*, pombos *enredados*, fricassés de peixe, tortas folhadas, fartelejos recheados de manjar-branco, enormes bolos de *rodilha*, confeitos de rosa, e alguns doces de fruta servidos em pucaros de barro. Affonso VI comia com tanto excesso, que causava espanto a todos os que lhe assistiam. N'aquella noite sua magestade devorou com uma incrivel voracidade: as iguarias que Henrique Henriques lhe punha no prato desappareciam instantaneamente. Margarida provou apenas de um fartelejo, e comeu uma colhér de *perada*.

El-rei acompanhara a ceia de frequentes libações; e quasi no fim, enternecido talvez pelos effeitos do vi-

nho, voltou-se para a Calcanhares, e pegando-lhe na mão:

— Não comes, Margarida? — disse elle — Acho-te triste! É por eu estar casado?

— Vossa magestade é feliz! — respondeu unicamente Margarida.

— Não sou; tu bem sabes que eu não sou feliz. Tenho inimigos, Margarida: invejam-me a minha coroa.

— Que importa que lh'a invejem, se lh'a não podem tirar?

— Olha! — disse el-rei em voz baixa, para que o não ouvisse Henrique Henriques — Sabes o que me disse hoje o Castello-Melhor?

— Não.

— Disse-me, que, se eu não tiver filhos, o infante póde tirar-me a coroa: e tu bem sabes...

— E não disse mais nada, o conde?

— Disse que era necessario ligar-me com a rainha; confessar-lhe... a verdade.

— Tem razão o conde — concluiu a Calcanhares.

— Mas eu é que não posso dizer...

— Assim é preciso. Vossa magestade não deve, não póde offender a rainha, minha senhora, logo no dia da sua chegada.

— Então...

— É necessario que vás para junto d'ella, meu rei — murmurou a Calcanhares, n'um suspiro.

— E és tu quem m'o dizes!

— Estes nossos amores não podiam durar sempre, Affonso. És rei, e eu sou uma pobre rapariga, que nada vale.

— Queres deixar-me?

— Se fores prudente, continuar-te-hei a amar; senão....

— Senão? — perguntou el-rei ancioso.

— Ir-me-hei metter n'um convento.

— Que queres que eu faça, Margarida?

— Que vossa magestade volte para o quarto da sua real esposa.

— Vou — disse Affonso VI tristemente — Vou já.

Margarida levantou-se da mesa, e pegando na mão do seu amante, conduziu-o até á porta que dava para os quartos da rainha. Ahi, dando-lhe um beijo, fugiu ligeira, deixando-o só.

El-rei hesitou um instante; depois, abrindo lentamente a porta, entrou na antecamara de sua real esposa.

CAPITULO VIII.

A BRUXA ZAÍDA.

— De boa escapamos — exclamou, rindo, Luiz de Mendonça, quando se viu fóra da taverna do Salpicão.

— Safa! Que excellente conselho que nos deu o frade! — disse Francisco de Albuquerque — Olha que bulha que lá vai dentro! E ás escuras!

— Matam-se todos uns aos outros.

— Vamo-nos d'aqui; porque a taverneira tem boa voz, e os seus gritos podem ser ouvidos pela ronda.

— Não devemos ir agora para a banda do palacio — observou Luiz de Mendonça. — É d'esse lado que ha de vir a ronda, se vier; e não será bom que nos encontremos com ella.

— Onde estará o frade? Não sahiu comnosco?

— Provavelmente já a esta hora está ao pé do con-

vento. Apenas se apanhou na rua, fugiu. Não vês uma luz alli d'aquelle lado? — proseguiu Mendonça apontando para um pequeno clarão que apenas se distinguia a pouca distancia — Vamos ver o que aquillo é, para dar tempo a que a briga se acabe de todo.

— Um clarão avermelhado que parece de uma fogueira de bruxas! — murmurou o capitão Francisco de Albuquerque com algum terror — Ha de ser a casa da bruxa Zaída, de que fallaram alli na taverna, e que frei Antonio me disse que morava aqui perto.

— Pois vamos a casa da bruxa — disse tranquillamente o seu companheiro.

— A esta hora! Aqui!... Credo! — clamou benzendo-se o bom do capitão.

— Não te benzas, Francisco, senão, o diabo foge, e nós ficamos sem conhecer o nosso futuro.

— Não receias?...

— Nada, nada receio. Ando ha muito com vontade de consultar o diabo... E elle ha de responder-me de certo com verdade ao que lhe eu perguntar, porque... tem lá as suas razões para isso.

Estas palavras do Mendonça foram ditas com uma voz lenta e funebre, que contrastava terrivelmente com o tom ligeiro que elle tinha tomado n'esta conversação rapida. Francisco de Albuquerque sentiu arripiarem-se-lhe os cabellos, e a historia da pobre Aza, da amante infiel de Luiz de Mendonça, veio-lhe subitamente á lembrança. Comtudo, o desejo de se não mostrar menos ousado do que o seu companheiro, e a vaga espe-

rança de que a bruxa lhe fallaria na bella cavalleira, que elle pela manhan tinha encontrado na Junqueira, e que procurava esquecer em vão, levaram-no a declarar a Luiz de Mendonça, que estava disposto a acompanhal-o.

O sitio onde ficava a casinha d'onde sahia o clarão, que chamara a attenção de Luiz de Mendonça, era entre as quebradas de dois pequenos montes cortados quasi a prumo, e formando entre si um angulo agudo. A casa era toda de barro e palha, baixa, mal geitosa e apenas sostida pelo apoio que lhe davam as duas quebradas a que estava encostada: o clarão da fogueira, que ardia lá dentro, sahia, não só pelas fendas das portas, mas pelos buracos que o tempo tinha aberto nas paredes e no tecto.

Luiz de Mendonça caminhou para a porta baixa e estreita, e bateu duas pancadas com os copos da espada. Uma voz rouca e tremula perguntou de dentro:

— Quem é?

— Abra — respondeu Luiz de Mendonça.

— Mas quem procura, quem procura aqui a esta hora? — perguntou de novo a voz.

— Zaída. É a ti que procuramos, mulher. Abre.

Ouviram-se então arrastar no chão humido da casa os pés tropegos da velha, e depois abrirem-se lentamente os ferrolhos da porta. Os dois mancebos entraram, e a porta fechou-se immediatamente.

Ambos ficaram calados em quanto a velha atravessava outra vez a casa, e se ia assentar n'um banquinho

ao pé do lume, que, produzindo insupportavel calor, ardia a um canto, e carregava de pesado e acre fumo a atmosphera.

Zaída era alta e magra; o rosto cortado de muitas rugas, similhava-se na pallidez e na immobilidade ao de um cadaver: os olhos cavos, vidrados e immoveis como o resto da physionomia, pareciam, ao reflectir a luz da fogueira, irisados como a madre-perola; os cabellos estavam inteiramente escondidos por um turbante branco, que fazia singular contraste com a longa tunica negra que lhe envolvia o corpo. Uma só coisa brilhava sobre este espectro vivo; era um annel, em que estava engastado um diamante precioso, que scintillava como uma estrella.

Zaída, depois de se ter sentado, voltou-se para os dois mancebos, e perguntou-lhes com voz lenta e baixa:

— Que querem de mim, senhores, que querem?

Luiz de Mendonça não respondeu: um extraordinario sentimento de terror lhe tolhia a falla. Francisco de Albuquerque esperou alguns instantes que o seu companheiro fallasse, mas vendo-o silencioso, respondeu:

— Queremos saber o futuro. Desejamos conhecer que sorte nos espera, que destino nos está preparado?

— Não sou eu que lh'o posso dizer, meus senhores — respondeu a bruxa. — Sou uma pobre velha, que não sabe nada; que nem de si mesma sabe.

— Pódes estar descansada, Zaída — proseguiu o capitão — nós vimos consultar-te, porque sabemos... sa-

bemos tudo, e havemos de te guardar segredo. Fica socegada que t'o havemos de guardar.

— Mas enganaram-vos...

— Vamos; nada de desconfianças. Aqui tens — accrescentou Francisco d'Albuquerque offerecendo-lhe um pouco de dinheiro, que ella recebeu — isto é para sermos... para que haja confiança entre nós.

— Então que querem? — perguntou outra vez a velha, pondo-se de pé.

— Que nos digas o futuro — repetiu o capitão.

— É difficil, muito difficil — murmurou a bruxa accendendo uma candeia á fogueira, e encaminhando-se para o lado da casa que ficava encostado ao monte.

Ahi havia uma porta, quasi escondida na parede, que ella abriu cautelosamente: e, dizendo com um gesto aos dois fidalgos que a seguissem, entrou n'uma caverna, para onde dava a porta mysteriosa.

O logar para o qual Zaída conduziu os dois mancebos, era uma casa baixa e quasi circular, aberta na rocha, no meio da qual havia uma pedra redonda e negra, que parecia destinada a cruentos sacrificios. Nas paredes deseguaes e escabrosas estavam pendurados objectos informes, que vacillavam ao clarão amortecido da luz da candeia: do tecto humido, onde brilhavam algumas gotas de agua suspensas na ponta de pequenas stalactites, pendia uma enorme lampada de ferro. Dois gallos negros, e um gato raiado como o tigre, eram os habitantes d'este antro tenebroso.

A bruxa accendeu tres luzes na lampada de ferro; depois juntou algumas achas sobre a pedra redonda, e deitou-lhes fogo. A humidade fazia com que luzes e fogueira crepitassem ao accender-se, e lançassem uma luz incerta, ora viva, ora amortecida, que tornava ainda mais medonha aquella scena singular.

Logo que Zaída viu bem accesa a fogueira, voltou-se para os dois mancebos, e perguntou-lhes qual desejava consultal-a primeiro..

— Este — respondeu Francisco de Albuquerque, apontando para o seu companheiro.

Luiz de Mendonça não tinha dito uma só palavra desde que entrara na casa da bruxa; e, embuçando-se, escondera o rosto nas pregas da sua capa vermelha. A esta palavra de Francisco de Albuquerque respondeu elle apenas com um gesto.

— Dê-me a sua mão direita — disse Zaída.

Mendonça estendeu a mão por debaixo da capa, sem se desembuçar. Zaída pegando-lhe, poz-se a consideral-a attentamente, murmurando entre dentes palavras incomprehensiveis.

— É extraordinario! — exclamou ella ao cabo de alguns segundos — é incomprehensivel! Deixe-me ver a outra mão — proseguiu ella — quero observar... custa-me a comprehender... É singular! Ambas dizem o mesmo!

E largando a mão esquerda do mancebo, a bruxa foi buscar um copo de vidro cheio de agua, e pondo-o ao pé do lume, tirou do dedo o annel em que brilhava

o diamante maravilhoso, e offerecendo-o a Luiz de Mendonça:

— Aqui está este diamante — disse ella — lance-o na agua, para que nos responda.

Luiz de Mendonça estremeceu e recuou um passo quando Zaída approximou d'elle o mysterioso annel:

— Não — murmurou elle — não posso tocar n'esse annel: não posso.

— É indispensavel que faça o que eu lhe disser; senão, é impossivel que lhe responda, que saiba... o que nós desejamos saber — disse a bruxa rapidamente, e quasi colerica.

Luiz de Mendonça com visivel repugnancia que era inexplicavel para Francisco de Albuquerque. tomou o annel entre os dedos, e deixou-o cahir no fundo do copo.

Zaída murmurou novas palavras mysteriosas, e depois baixou lentamente a cabeça para observar o que se passava no fundo do copo.

— Ai! Que horror, que horror! — clamou ella, tapando os olhos com as mãos, e dando um grito suffocado, soltando um gemido de angustia.

— O que é? Que tens, mulher? — perguntou o moço capitão, a quem esta scena causava incrivel terror.

— Era minha filha, a minha pobre filha que alli estava. Vi-a morta... E foi este homem quem a matou. Olhai — proseguiu ella — vede, vinde ver o que eu vi.

Francisco de Albuquerque olhou para o fundo do copo, mas não viu nada. Luiz de Mendonça ficou immovel como uma estatua, sem fazer um gesto, sem dar um signal de vida.

— Este homem já assassinou — proseguiu Zaída. — Está escripto n'aquellas mãos. Assassinou uma mulher; vi-o eu no fundo d'aquelle copo. Agora quero saber o nome d'essa mulher desgraçada...

— Não foi para que nos contasses a historia da minha vida, que viemos aqui! — bradou n'uma explosão de raiva Luiz de Mendonça — Dize-nos o futuro; o futuro só.

O gesto com que acompanhou estas palavras desprendeu-lhe a capa do hombro esquerdo.

— Luiz de Mendonça! — bradou Zaída ao ver-lhe o rosto pallido — Que fizeste de minha filha; que fizeste de Aza, Luiz de Mendonça?

— Tua filha trahiu-me; deixou-me por outro... Não sei, não te sei dizer onde está.

— Morta, está morta a minha rica filha!

A voz de Zaída tornara-se vibrante, forte, apaixonada.

— Está morta — proseguiu ella — encontrei-a morta na praia, tinham-a deitado ao mar. Aquelle annel que ha pouco lhe dei, senhor, trazia-o ella no dedo; e por isso tremeu quando lh'o mostrei, e por isso lhe não queria tocar. Foi elle que denunciou o assassino...

— Socega, mulher — disse Francisco d'Albuquerque approximando-se d'ella — tua filha morreu por al-

gum accidente; talvez se afundasse o barco em que ia, talvez...

— Vi-a alli morta! — proseguiu a bruxa apontando para o copo de agua — E vi-o a elle tambem, a elle que a matou.

— Eu amava tua filha! — interrompeu com um gemido Luiz de Mendonça — Esse amor queria-o mais do que a vida... e trahiu-me, Aza trahiu-me...

— Assassinastel-a!

— Não me falles no passado, mulher, que me matas. A vista d'este annel, que eu mesmo lhe dei, mata-me de dôr.

Houve depois d'estas palavras um longo silencio, durante o qual o rosto de Zaída serenou um pouco. A velha bruxa, mais tremula do que d'antes, mas sem dar nenhum signal de dôr, voltou-se para Luiz de Mendonça.

— Quer saber o futuro? — disse ella — Pois bem! vejamos o que dizem as dormideiras. O futuro ha de ser similhante ao passado.

— Não quero saber mais nada, Zaída: não me tornes a fallar, mulher!

Zaída, sem responder, pegou de tres cabeças de papoilas, e repetindo palavras inarticuladas, lançou-as na fogueira que ardia sobre a pedra redonda. As papoilas queimaram-se rapidamente, produzindo um fumo branco e ligeiro, que subiu ao ar em fórma de coroa. A coroa de fumo foi subindo e alargando-se cada vez mais. Zaída seguia-a com os olhos, e rugia de raiva.

Porém quando ia quasi a chegar ao tecto, a coroa quebrou-se, o fumo formou um rolo revolto e informe, e baixou rapidamente, impellido talvez pelo ar que entrava por alguma das fendas da abobada.

A bruxa deu um grito de selvagem alegria ao ver partir-se a coroa, e bradou:

— Quizeste amar uma rainha; mas a coroa quebrou-se, e as tuas esperanças mallograram-se. Luiz de Mendonça, os tormentos de um novo amor hão de vingar-me da morte de minha filha!

Luiz de Mendonça não respondeu uma unica palavra a esta exclamação de Zaída; mas a sua pallidez tornou-se um instante cadaverica, e os labios arroixados tremeram-lhe n'uma convulsão. O coração d'este homem, que devia ter morrido para o amor, palpitara n'aquelle dia mais rapidamente ao ver passar a nova rainha no seu coche doirado.

Zaída voltou-se então para Francisco d'Albuquerque, perguntando-lhe se tambem queria conhecer a sua sorte. E como este lhe respondesse que sim, tremendo, a bruxa observou-lhe attentamente as linhas da mão.

— As tuas mãos estão puras — disse ella — mas ha ahi uma linha fatal, cuja significação não posso comprehender. É talvez um signal de morte; talvez seja apenas o presagio de grandes desventuras.

— És sempre sinistra, Zaída. Não sabes vaticinar senão desgraças! — exclamou o moço capitão.

— Vieste a esta casa com o assassino de minha filha.

— Cala-te! — rugiu Mendonça levando a mão ao punhal.

A bruxa pegou n'uma varinha branca, e traçou com ella um circulo, que dividiu em muitas partes, em cada uma das quaes escreveu uma lettra. Depois lançou sobre cada lettra um grão de milho negro, e pondo no centro do circulo um dos gallos que estavam empoleirados ao canto da casa, começou a dizer as seguintes palavras:

— Gallo negro, gallo negro; negro da côr da noite! Vai, gallo maldito, que o diabo beijou na crista; lê o nome da amante d'este homem, gallo negro, e dize-lhe a sua fortuna.

O gallo comeu o bago de milho que estava sobre a lettra M, depois o da lettra A, e successivamente o das outras lettras até completar o nome de Margarida. O gallo, depois de ter comido os nove grãos de milho, cantou duas vezes com uma voz rouca e aspera.

Francisco d'Albuquerque ficou passado de terror ao ver descoberto por este modo um pensamento que ainda estava tão escondido, e, para assim dizer, tão informe no fundo da sua alma, que nem elle mesmo o tinha adivinhado. A imagem graciosa da Calcanhares passou-lhe diante dos olhos, e apagou-lhe totalmente da memoria por um instante a lembrança dos seus amores com Thereza, a candida menina com quem elle se havia criado.

— Os seus amores hão de ser desgraçados — disse

Zaída. — O gallo cantou duas vezes apenas; e a sua voz foi terrivel.

— Mas eu não conheço, não amo... Margarida — murmurou Francisco d'Albuquerque.

Uma pancada na porta exterior veio interromper esta phrase balbuciada a custo por Francisco d'Albuquerque.

Zaída, depois de recommendar aos dois fidalgos que não sahissem da mysteriosa caverna, deixou-os para ir ver quem batia.

Poucos instantes depois ouviram elles uma voz melodiosa e pura de mulher, que fallava com a velha bruxa.

— Venho aqui para que me ensines algum encanto, alguma reza com que me faça amar — dizia ella. — Dar-te-hei o que me pedires...

— Uma menina tão linda não precisa senão de si para ser amada por quantos a vêem — respondia Zaída.

— Vi hoje pela primeira vez, Zaída, um fidalgo moço e gentil, como não ha outro em toda a côrte... fiquei morta de amores por elle! — exclamava com exaltação a mulher, cuja voz commovia profundamente o coração de Francisco d'Albuquerque — Tu bem sabes que uma mulher como eu não deve amar sem ser correspondida.

— Ha de sêl-o; ha de ser adorada por esse homem. Mas cautela! — proseguiu a bruxa abaixando a voz — Que o não saiba ninguem, senão... ambos ficariam perdidos...

As ultimas palavras d'esta phrase não as poderam os dois amigos perceber.

— Fica socegada. Tu és incapaz de me trahir; e eu não digo a mais ninguem...

A voz murmurou aqui algumas palavras inintelligiveis.

— Tudo se ha de fazer como deseja — concluiu Zaída depois de fallar algum tempo em voz baixa. — Mas é preciso que saiam primeiro dois fidalgos que me vieram consultar, e que estão alli dentro. Em quanto elles cá estiverem não é possivel, não se póde fazer o encantamento.

— E não me disseste...

— Não tem duvida.

Zaída entrou então na caverna onde estavam os dois moços fidalgos para lhes pedir que sahissem de sua casa, e a deixassem só com a pessoa que a viera consultar. Francisco d'Albuquerque e o seu companheiro, embuçando-se nas capas, seguiram os passos tremulos da velha bruxa.

Ao passar proximo da mulher, que na casa exterior, mal allumiada, esperava para entrar no templo maldito, onde Zaída fazia os seus impuros sacrificios, que os mancebos sahissem, os olhos do ousado provinciano encontraram-se n'um relance com os d'essa dama de melodiosa voz, que escondia o rosto nas pregas de uma ampla manta negra. Este olhar foi rapido, mas profundo e como electrico; ambos estremeceram, e ambos

reprimiram a custo um grito que lhes ia a escapar dos labios.

Francisco de Albuquerque reconhecera n'aquelle olhar a formosa dama da Junqueira; a graciosa, mas terrivel Calcanhares. Esta sentira que passava proximo d'ella o *gentil fidalgo* por quem tanto desejava ser amada.

CAPITULO IX.

QUESTÕES POLITICAS.

Oito dias depois do casamento d'el-rei, o conde de Castello-Melhor, e alguns fidalgos portuguezes e francezes, esperavam n'uma sala do palacio d'Alcantara, que se abrisse a porta dos quartos da rainha, para lhe irem beijar a mão.

Todos os cortezãos estavam cobertos de preciosas galas: mas eram sobre todos brilhantes os vestidos do favorito, enriquecidos de uma abotoadura magnifica de pedras preciosas, e adornados de relevada bordadura de oiro.

O conde fallava com um francez ainda moço que, pelo trajo elegante, mas todo negro, mostrava ser ecclesiastico, e todos o escutavam attentos; uns com benevola sympathia, outros escondendo n'um sorriso de côrte o seu profundo odio ao orgulhoso valído.

— Senhor abbade — dizia o conde — o negocio de que vossa senhoria se acha encarregado, está agora mais adiantado do que nunca. A chegada da rainha, nossa senhora, tem diminuido muito a repugnancia que uma parte dos fidalgos e da nação mostrava para a alliança franceza. O conselho d'estado hoje mostra-se, quasi todo, inclinado a acceitar a liga proposta por sua magestade christianissima. E póde ser que, se as condições apresentadas por vossa senhoria forem convenientemente modificadas, cheguemos emfim a um feliz accordo.

— A utilidade que Portugal póde tirar d'esta liga é immensa — respondeu o francez, que era o abbade de S. Romão, encarregado por Luiz XIV de impedir, com promessas e propostas artificiosas, a paz que os enviados diplomaticos inglezes tractavam de estabelecer entre nós e os hespanhoes. — A paz entre a França e a Inglaterra é de esperar que se faça em breve. N'este caso, a França obriga-se a romper as hostilidades contra Castella, e Portugal fica alliviado do pêso dos exercitos hespanhoes. Até então sua magestade christianissima, obrigando-se a dar annualmente trezentos mil cruzados e a sustentar aqui um corpo estrangeiro, contribue de um modo valioso para estabelecer a independencia d'esta nação sobre seguras bases.

— Não é justo — atalhou o conde — não é justo que el-rei, meu senhor, se comprometta n'um tractado que é desegual, e de grande risco para os seus reinos. Por um tão pequeno auxilio como esse, que vossa se-

nhoria nos offerece em nome do seu soberano, não deve Portugal empenhar-se em sustentar uma guerra perigosa, que lhe consome as forças e deixa totalmente exhaurido o thesouro publico. A guerra que infelizmente rebentou entre as duas nações, que nos protegiam, deu animo aos nossos inimigos; os quaes, receosos do grande poder da França, nos tinham já mandado propostas de paz. Esta guerra não podemos nós avaliar quando terá fim...

— A alta influencia de sua excellencia o senhor marquez de Sande — interrompeu o abbade, mostrando com um gesto o celebre diplomatico portuguez que estava presente — ha de talvez trazer a um accordo os dois monarchas de Inglaterra e de França.

— Póde ser que sim — proseguiu o valído — mas tambem póde ser que se não alcance esse feliz resultado. A meu ver, e é essa tambem a opinião d'el-rei, meu senhor, não devemos fazer uma liga com a França, senão quando definitivamente se fixar o prazo em que sua magestade el-rei Luiz XIV ha de declarar a guerra á Hespanha.

— O interesse de sua magestade — atalhou o marechal Schomberg, que tinha grande empenho em que a guerra continuasse, porque era o general das forças estrangeiras que serviam em Portugal — o interesse de el-rei Luiz XIV é começar o mais cedo possivel a guerra com Hespanha, para fazer por este modo valer os seus direitos á Flandres e ao Franco-Condado...

— Tem razão, senhor marechal — respondeu An-

tonio de Souza de Macedo, secretario d'estado, homem intractavel e violento, que não podia soffrer os estrangeiros. — Mas Portugal não póde sustentar um exercito de estrangeiros, e supportar por mais tempo os estragos de uma similhante guerra, só para servir os interesses e concorrer para o engrandecimento da França!

— A França obriga-se a não fazer nem paz nem treguas, sem que el-rei de Portugal n'ellas seja comprehendido; já se vê d'aqui a grande vantagem que da liga póde colher este reino, mesmo para contractar a paz com Hespanha.

— Se sua magestade christianissima — disse o secretario de estado, comprimindo a custo a cólera que principiava a irrital-o — quizesse contribuir efficazmente para o bem d'esta nação, sua alliada sincera, não mandaria, como mandou, fazer ao gabinete hespanhol propostas de alliança, e até de liga contra Inglaterra e Portugal. Esta duplicidade...

— Póde ser que essas informações sejam inexactas — interrompeu o marquez de Sande, que procurava sempre conciliar todas as opiniões; e buscava attrahir as sympathias dos homens politicos para a alliança franceza. — Nem sempre se podem em politica comprehender os fins pelos meios. Muitas vezes, é só para prender a attenção de um gabinete, que se lhe fazem propostas e promessas mais ou menos vantajosas; não se póde conseguintemente d'ahi deduzir o pensamento politico e as intenções de quem faz taes promessas.

— A lealdade...

— Em politica a lealdade está no fim e não nos meios — disse sorrindo o marquez de Sande.

— O casamento de sua magestade com a senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboya — interrompeu o abbade de S. Romão — estreitou por tal fórma os laços de amizade que havia muito prendiam el-rei de França ao de Portugal, que se não póde duvidar um instante da sinceridade das suas intenções. Nem eu — proseguiu o abbade fazendo um gesto altivo — consentiria que se duvidasse d'el-rei, meu senhor.

— Ninguèm ousa duvidar — disse o Castello-Melhor — d'el-rei Luiz XIV. Todos sabemos, que é obrigação nossa respeitar a sua magestade. É só dos interesses de Portugal, que eu, como ministro d'el-rei, meu amo, tenho cuidado agora aqui, e hei de cuidar sempre em toda a parte. Esta questão da liga, é muito séria, muito importante, para que se possa tomar uma resolução sobre ella, antes de ter ponderado todas as circumstancias que se apresentam em pró e contra ella. A situação de Hespanha é tal, que nos dá esperança de alcançarmos a paz, com as condições que exige a nossa dignidade, logo que termine a guerra entre Inglaterra e França. A divisão que lavra entre os ministros hespanhoes; a lucta travada entre a rainha regente e D. João d'Austria; as victorias com que Deus, pela sua infinita misericordia, nos tem sempre favorecido; a grandeza do nosso exercito, que sobe n'este anno a quasi vinte e quatro mil homens, tudo póde contribuir para que os hespanhoes nos offereçam um

dia a paz, reconhecendo o senhor D. Affonso VI como legitimo rei de Portugal. A prudencia aconselha-nos, pois, que esperemos, para termos a liberdade de acceitar a paz logo que ella nos seja proposta.

— Não é para a paz que os hespanhoes parecem actualmente inclinados — observou o abbade de S. Romão. — O ataque que elles ultimamente effectuaram contra as Berlengas, e os esforços que fizeram para surprender a esquadra do Marquez de Ruvigni que acompanhava sua magestade a rainha, provam o desejo que elles tem de hostilisar Portugal, e a esperança que ainda conservam de outra vez se apossarem d'elle.

— El-rei meu amo — respondeu o conde — sabe avaliar a importancia do serviço que lhe prestou o senhor duque de Beaufort, afugentando a esquadra hespanhola que intentava senhorear-se da pessoa de sua magestade. Mas permitta-me vossa senhoria que eu lhe faça notar, que nada ha de commum entre esse feliz acontecimento e a questão de que presentemente nos occupamos.

— Referi-me a esse successo, porque o considero como uma prova evidente do muito que todos nos interessamos, os vassallos de sua magestade christianissima, na prosperidade das coisas de Portugal. Torno a repetir a vossa excellencia — proseguiu o enviado francez — que a paz entre a minha nação e a ingleza não póde deixar de se fazer com brevidade. Devemos esperar muito dos bons serviços do senhor marquez de Sande, que tão considerado e attendido é pelos monar-

chas de ambas as nações. Apenas a concordia se houver estabelecido, el-rei, meu senhor, dará principio á nova guerra contra Hespanha; e não só mandará exercitos para a Catalunha e para a Italia, mas enviará tambem logo um corpo de tropas para a Galliza...

— É n'esse ponto, em que vossa senhoria por mais de uma vez me tem fallado — interrompeu o Castello-Melhor — que nós não poderemos nunca concordar, ainda que cheguemos a estabelecer de um modo satisfactorio para ambas as nações as outras bases do tractado. A Galliza deve ser um logar onde se empreguem as armas portuguezas; e só o nosso exercito alli ha de entrar, em quanto nos não fôr mister pedir auxilio immediato a sua magestade christianissima. Os passos que as armas d'el-rei de Portugal tem dado em Galliza, o pé em que n'ella se acham já, e a facilidade que ha em proseguir por alli a guerra, não soffrem poder-se fazer outra coisa.

A severidade com que foram ditas estas ultimas palavras pelo valído de Affonso VI foi tal, que o enviado francez lhe não respondeu coisa alguma. A conversação politica, interrompida por este modo, vagueou incerta por algum tempo, até que a voz do porteiro, que abria a porta dos quartos da rainha, lhe poz termo.

A sala onde os fidalgos entraram estava toda armada de damasco verde, com franjas verdes e brancas; as sobrejanellas eram de velludo carmezim com frontaleiras de tela de prata: e a tarima de quatro degraus,

em que estavam assentados a rainha e o rei, cobria-a um magnifico docel bordado.

Os fidalgos foram beijar a mão a suas magestades. Quando o valído ajoelhou aos pés da rainha, esta estendeu-lhe graciosamente a mão, e disse-lhe com um sorriso:

— Ainda não está resolvida a questão da liga, conde?

— Não, real senhora. O conselho não resolveu ainda se convinha ou não acceitar as condições propostas pelo senhor abbade de S. Romão.

— Tudo depende da vossa vontade só, conde — interrompeu a rainha. — Eu sei já o muito que podeis; espero que me haveis de fazer quanto vos tenho pedido.

— Saiba vossa magestade — respondeu o conde levantando-se — que eu não tenho poder, nem sou digno de o ter. Os desejos de vossa magestade são comtudo preceitos a que eu não posso deixar de obedecer sempre que fôr possivel.

— Desejava, já vol-o disse, conde, desejava muito que meu tio, o bispo duque de Laon, levasse para França a noticia de estar já assignado o tractado de liga.

— Sem o conselho dar a esse respeito o seu voto, real senhora, não é possivel assignar-se o tractado.

— Porque me não dais então immediatamente o logar que me pertence no conselho? — perguntou a rainha com impaciencia.

— É necessario ordem de el-rei para eu...

A rainha voltou-se immediatamente para D. Affonso VI, e tocando-lhe no braço com o leque, disse-lhe em francez, que o seu secretario Verjus, que estava por detraz do estrado, traduziu logo:

— O conde diz que é necessaria uma ordem de vossa magestade para eu entrar no conselho. Espero que vossa magestade se não esquecerá de que é um direito das rainhas de Portugal o tomarem parte nos conselhos de estado.

El-rei, ao ouvir estas palavras da rainha, ficou perplexo e inquieto; olhou duas vezes para o conde, e respondeu:

— Depois, mais tarde fallaremos n'isso.

— Hei de esperar muito ainda? — perguntou a rainha em hespanhol.

— Sua magestade ha de resolver este negocio com a possivel brevidade — atalhou o conde.

— Convencei-o, conde; usai do vosso valimento em meu favor — disse a rainha, encobrindo mal com um sorriso a cólera que a agitava.

— Quem póde mais do que vossa magestade sobre o espirito de el-rei! — exclamou o conde, lançando-lhe um olhar apaixonado.

O conde tinha pouco mais de trinta annos, e podia dizer-se que era um bello e elegante cavalheiro, mas, apesar d'isso, o seu olhar ardente esfriou, e quebrou-se no rosto altivo da nova rainha.

— Ha, começo a desconfiar que ha alguem que me

quer privar de toda a influencia sobre a vontade e o coração de meu marido! — murmurou a rainha, voltando orgulhosamente a cabeça.

Estas palavras fizeram profunda impressão no valído. O conde de Castello-Melhor receava muito que a rainha se unisse ao partido que lhe era contrario; e esse receio fazia com que elle hesitasse entre o desejo de lhe agradar, dando-lhe o logar que ella desejava no conselho de estado, e o medo de lhe entregar nas mãos armas politicas, de que mais tarde ella se podesse servir para o hostilisar.

A influencia franceza em Portugal, que era muito grande desde a acclamação de D. João IV, tornara-se maior com a chegada da rainha. O valído receava não poder resistir ao partido do infante, se um dia se apoiasse n'esta influencia; e por essa razão procurava attrahir a si as sympathias da côrte de França, sem comtudo querer perder o apoio inglez. A situação pois do conde, n'estas circumstancias, era por extremo melindrosa; e tornava-a ainda menos segura a impossibilidade que havia em ter el-rei relações de intima e estreita amizade com sua real esposa.

O conde teria de certo acceitado as propostas de liga offerecidas pelo enviado francez, se não fosse o receio que tinha de attrahir sobre si o odio popular. A nação toda, cansada da guerra, mal podia supportar a ideia de que tão grande calamidade pesasse mais tempo sobre ella. Alguns fidalgos, os governadores e cabos de guerra costumados a mandar despoticamente e a vi-

ver do roubo e da licença, e um pequeno numero de individuos, cujo amor das patrias glorias se tornara fanatismo, eram só quem desejava a prolongação da guerra. O povo que pagava, que padecia simultaneamente as vinganças e crueldades do inimigo, e as oppressões e tyrannia dos naturaes e estrangeiros que pelejavam em nome da sua independencia, o povo, para quem a guerra era um tremendo flagello, só pedia, só desejava a paz.

Fazendo rapidas reflexões sobre todas estas circumstancias, o conde de Castello-Melhor julgou prudente não proseguir a sua conversação com a rainha, e afastou-se da tarima para dar logar aos outros fidalgos.

Poucos instantes depois chegou o infante, que vinha para cumprimentar suas magestades e acompanhal-os aos toiros que n'aquelle dia se haviam de correr no Terreiro do Paço. A entrada de sua alteza produziu uma breve agitação na sala, que foi seguida do mais profundo silencio. D. Pedro, nos oito dias que tinham decorrido desde a chegada da rainha, só duas vezes fôra a Alcantara, e n'essas duas occasiões não se encontrara com el-rei. A scena violenta, que tivera logar entre os dois irmãos, já era sabida por toda a côrte, e todos tremiam que ella se renovasse em publico e diante da rainha.

Quando sua alteza atravessou a passos lentos a sala, recebendo as respeitosas genuflexões dos cortezãos, Affonso VI voltou-se para elle, e disse-lhe com voz aspera e severa:

— Pois ainda não te foste?

O infante, que já estava ao pé da rainha quando estas palavras sahiram a custo da boca de seu irmão, curvou ligeiramente o joelho, pegou na mão da graciosa franceza, e beijou-a com respeito.

El-rei, impaciente, repetiu a pergunta. Então sua alteza, que já tinha, segundo os principios de prudencia que lhe ensinara o seu mentor D. Rodrigo de Menezes, vencido a natural cólera que lhe agitava a alma, respondeu tranquillamente:

— Já tive a honra de dizer a vossa magestade que esperava pelo dia da entrada solemne da rainha, minha senhora, em Lisboa. Só depois de ter, como é dever meu, acompanhado a vossa magestade n'esse dia, é que eu conto aproveitar-me da licença que me deu para sahir da côrte.

A rainha, que não fallava ainda, mas entendia já o portuguez, querendo cortar a tempo esta perigosa discussão, voltou-se para seu real esposo, dizendo:

— São horas de partirmos. Estou com grande curiosidade de ver uma corrida de toiros: é espectaculo novo para mim.

— Pois vamos — respondeu el-rei, pondo-se de pé.

— Esperavamos por vossa alteza — disse a rainha ao infante, acompanhando estas palavras com um gracioso sorriso. E apoiando a mão no braço de sua alteza, levantou-se da cadeira em que estava assentada, e desceu os degraus da tarima.

D. Pedro ficou por tal fórma arrebatado ao ouvir

aquellas simples palavras, e ao sentir a mão da bella rainha tocar-lhe ligeiramente o braço, que não teve forças para responder uma só palavra. Um pallido e incerto sorriso lhe vagueou nos labios, subiu-lhe ás faces um subito rubor, e apenas murmurou alguns sons inarticulados, que em nenhuma lingua teriam significação, a não ser na lingua mysteriosa dos namorados.

CAPITULO X.

TOIROS REAES.

Era no Terreiro do Paço que, segundo o costume, estava armada a praça para se correrem toiros. Esta praça, que occupava apenas um terço do Terreiro, era de dois lados formada pelo palacio real, e dos outros dois lados por palanques de madeira, pintados de encarnado e oiro, e ornados de cortinas de damasco.

Em roda da praça corria uma trincheira pouco mais alta do que um homem; e no meio um grosso mastro sustentava uma varanda, com grades doiradas, onde estavam os musicos; este mastro era na parte superior ornado por um immenso estandarte de seda, em que se viam, de um lado bordadas as quinas reaes, e do outro a imagem de Nossa Senhora. Na parte inferior, uma estacada circular servia para livrar dos toiros os soldados que faziam a guarda da praça.

Da janella central do paço sahia uma grande tribuna de madeira, que fechavam amplas cortinas carmezim com franjas de oiro. Era a tribuna real.

Desde pela manhan que a praça se tinha enchido de povo. Trincheiras e camarotes estavam apinhados de homens e damas cobertas de galas brilhantes. A alegria manifestava-se no rosto de todos; as gargalhadas e os gritos, confundindo-se uns nos outros, formavam um immenso sussurro, que se assimilhava ao rugir do vento por entre a rama de cerrado pinhal.

Era quasi uma hora da tarde, e só se esperava pela chegada de suas magestades para dar principio á desejada festa.

N'um dos cantos da praça, encostados á trincheira, alguns homens do povo manifestavam a sua impaciencia com gritos e discordes clamores.

— Ao meio dia é que os toiros deviam começar — dizia um — e já é...

— É uma hora alli no relogio — interrompeu frei Antonio da Redempção, que fazia parte d'este grupo de espectadores.

— Que aconteceria? — perguntou Zé Borracha, o sapateiro remendão, que representara tão prudente papel na scena que se passara poucos dias antes na taverna do Salpicão.

— Talvez el-rei fosse ganhar o jubileu — respondeu a meia voz Manuel Serralheiro, que, depois de ter suffocado o seu inimigo João Pardo, se escapara das mãos da ronda.

— Nada de imprudencias, Manuel — atalhou o sapateiro, fallando-lhe ao ouvido. — Lembra-te que... que és christão novo...

— Cale-se!

— El-rei não tarda. O senhor D. João IV...

— O senhor D. João IV nunca fazia esperar o povo — disse frei Antonio. — Muitas vezes o vi chegar á tribuna antes do meio dia.

— Aquillo é que era um rei! — exclamou um velho — E que tempo aquelle! Todas as semanas havia toiros; e el-rei não faltava nunca.

— Os toiros hoje hão de ser bons. São das manadas de Azeitão — disse um dos interlocutores.

— El-rei bem sabe por experiencia que os toiros de Azeitão são bravos — observou Diogo Cutilada, que rompendo por entre a multidão que se apinhava na praça, deitava n'este momento a mão á trincheira para subir. — Ajude-me a subir, frei Antonio. Dê-me cá a mão para eu subir para ahi.

— Ah! é vossa mercê, camarada! — exclamou o frade estendendo a mão ao Diogo, e puxando-o vigorosamente para cima — Onde está seu amo? O capitão não veio aos toiros?

— Ora obrigado, senhor frei Antonio — disse o soldado sentando-se na borda da trincheira. — Estou aqui melhor que n'um camarote.

— Mas seu amo...

— Meu amo? Ah! Alli está elle com o seu amigo, o senhor Mendonça...

— Estão quasi por baixo da tribuna. Apanharam um bom logar. Vamos a ver se olham para cá.

— Lá olham! — observou o soldado — Não nos viram.

— Adeus! — murmurou frei Antonio, acenando com o lenço a Francisco d'Albuquerque — Adeus! Lá olhou! Adeus!

Francisco d'Albuquerque, depois de dizer adeus ao frade, voltou de novo a cabeça para olhar para uma janella do paço, situada á esquerda da tribuna. Frei Antonio da Redempção seguiu com os olhos o movimento da cabeça do seu novo amigo, e viu na janella, que ficava por cima da que era destinada para as damas da rainha, a Calcanhares que se debruçava e olhava sorrindo para o gentil provinciano.

Outro homem, de pé n'um camarote situado do lado opposto da praça, observava tambem os gestos da Calcanhares. Ao vêl-a debruçar e sorrir-se para Francisco d'Albuquerque, fez um gesto de cólera, e lançou um olhar terrivel ao namorado capitão. Este homem, que tomava tão grande interesse na scena muda que se passava, inapercebida de todos, n'um ponto distante da praça, era Henrique Henriques de Miranda, o confidente d'el-rei.

Margarida, depois de olhar por algum tempo para Francisco d'Albuquerque, levantou lentamente a cabeça; animava-lhe o rosto formoso um sorriso de ineffavel prazer: os olhos scintillavam-lhe de amor. A Calcanhares passou a mão pelos cabellos ondeados, sa-

cudindo-os graciosamente; abriu e fechou com rapidez o leque rendado; inclinou a cabeça sobre o hombro esquerdo com a natural facilidade e requebro com que as mulheres bellas fazem este movimento encantador, que só se póde comparar ás ondulações do colo do cysne; e depois poz-se a observar com distracção os objectos que a cercavam. Quando viu porém Henrique Henriques só n'um camarote, e notou o olhar sinistro com que a observava, a pobre mulher estremeceu involuntariamente, e desviou d'elle os olhos com invencivel horror.

— A Calcanhares alli na janella do Paço! — exclamou frei Antonio da Redempção, voltando-se para os que o cercavam.

— É incrivel que ella ouse affrontar d'este modo a rainha! — bradou um.

— Então el-rei ainda a não deixou? — perguntou outro.

— Parece que não!

— Sempre é verdade que ella enfeitiçou sua magestade!

— A excommungada tem parte com o diabo.

— Fóra a Calcanhares! — vociferou um dos que estavam na praça, e que ouvira esta conversação.

— Fóra a Calcanhares! — responderam muitas vozes.

A desordem ia rapidamente crescendo e tomando força. Já o povo, de pé nas trincheiras, gritava, rugia, tumultuava; a multidão da praça começava a in-

vadir os palanques; muitas mãos se agitavam com furor em roda de frei Antonio da Redempção, e ameaças terriveis, acompanhadas de tremendas pragas, sahiam de muitas bocas; emfim tudo denotava proximidade de uma tempestade popular, quando uma simples coisa poz termo a todo o tumulto e serenou todos os espiritos. — O mordomo-mór veio abrir as cortinas da tribuna real; e a curiosidade fez n'um instante desapparecer a cólera.

Poucos momentos depois entrou na tribuna a familia real; e appareceram nas janellas os fidalgos e as damas da côrte, os tribunaes e o senado. As charamelas e trombetas tocaram uma marcha de guerra, e um immenso grito de acclamação se alevantou de todo o amphitheatro. Suas magestades saudaram o povo, e sentaram-se depois em cadeiras de velludo carmezim, collocadas sobre um estrado pouco elevado.

O conde do Prado, estribeiro-mór, que estava na janella á direita da tribuna, logo que suas magestades tomaram assento, ordenou ao meirinho da côrte, que se achava na praça a cavallo e acompanhado de seis muchilas vestidos de carmezim, mandasse dar principio á festa.

Logo que o meirinho transmittiu a ordem que recebera do monteiro-mór, abriu-se a porta da praça, e rompeu por entre a plebe Luiz de Mello, capitão da guarda, a cavallo com o seu bastão e insignias, precedido do tenente tambem a cavallo, e seguido por doze lacaios vestidos de vermelho com rendas de pita. Atraz,

em duas alas, marchavam soldados, armados uns de mosquetes e outros de piques.

Os cavallos do capitão e do tenente traziam magnificos jaezes doirados, sellas bordadas, listões de seda e prata nas crinas. Guiando-os com singular destreza, fizeram os dois cavalleiros as costumadas cortezias, primeiro ás pessoas reaes, depois ás damas que estavam nas janellas do paço e nos camarotes. Feitas as cortezias, sahiram da praça, levando adiante de si o povo que n'ella se tinha apinhado.

Doze carros representando monstros marinhos coroados de algas e nadando em duras ondas de pau, puxados por mulas cobertas de seda verde mar, entraram na praça. Os monstros marinhos deitavam pela boca e narizes agua com que regavam a praça. A estes seguia-se outro carro, em que vinha o deus Neptuno, toscamente talhado, mas coberto de telas das mais vivas côres, e armado do indispensavel tridente. O deus do mar estava de pé sobre uma concha, cercado da sua côrte de tritões e sereias, cujos encantos eram realçados por uma espessa camada de vermelhão. As rodas d'este carro representavam conchas, e o cocheiro, escondido n'uma gruta, era um satyro com longas barbas vermelhas e pés de cabra.

Os carros percorreram a praça em todos os sentidos, causando grande pasmo ao povo, que sobretudo admirava a magestade do grande deus Neptuno, e as visagens e desgraciosas contorsões que faziam as sereias da sua real côrte. Regada que foi a praça, sahiu

Neptuno, seguido de todos os seus vassallos, e as charamelas annunciaram a entrada dos toireadores.

Primeiro entraram sete homens de forcado, com largas e compridas casacas vermelhas. Seguiram-se doze toireiros de pé, vestidos de primavera verde-de-prata, com polainas e monteiras da mesma tela, e trazendo no braço capas de cochonilha com quatro bandas de tela de jasmins e franjas de prata. Após estes entrou na praça o cavalleiro.

N'aquelle dia toireava D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, a quem chamavam *el caballero de la bella imagen*, pela sua grande belleza e galhardia. D. Luiz de Menezes vinha, segundo o costume, vestido de filéle preto com forro de tela doirada; o chapeo ardia em diamantes; os borzeguins prendiam-se em rosas brancas de prata, e as joelheiras eram de velludo alcachofrado. Os acicates reluzentes tinham passadores esmaltados: e os estribos de bronze torciam-se em preciosos lavores. O cavallo em que vinha D. Luiz de Menezes trazia ferraduras de prata; o freio e os ornatos da sella eram de oiro fino. Por tal modo as crinas, os peitos e a cabeça do animal estavam carregados de rosas e laços de fita, que mais parecia vir o conde sobre um monte de flores, do que montado n'um brioso corsel.

O elegante cavalleiro era seguido por cincoenta lacaios de casacas de velludo vermelho bordadas de prata, chapeos de plumas, meias de seda e espadins doirados; de cincoenta turcos com vestias de tela branca de jasmins guarnecidas de oiro, alfanges doirados, e turban-

tes ornados de martinetes; e de cincoenta negros cobertos de sedas de varias e vivas côres, barretes de pennas, laços de listões brancos e carmezins nos braços e nos joelhos, arrecadas de prata nas orelhas, e aljavas prateadas.

O conde atravessou rapidamente a praça e parou diante da tribuna real: depois, tirando o chapeo, saudou suas magestades, fazendo recuar o cavallo com singular gentileza. A esta seguiram-se muitas outras evoluções, que excitaram a admiração dos espectadores, e os fizeram romper em freneticos applausos.

Terminadas as cortezias D. Luiz sahiu, para voltar logo depois montado n'outro cavallo mais ligeiro e proprio para o combate dos toiros. Apenas o cavalleiro chegou ao meio da praça, armado de rojão, os moços do toiril abriram as portas ao primeiro toiro. O animal, cego de raiva, correu a praça perseguindo os toireiros e os homens de forcado, mas, vendo-os subir para a trincheira, estacou olhando em roda para o amphitheatro, e lançou um rugido de furor.

Foi então que viu pela primeira vez o cavalleiro, que corria em roda d'elle, apertando cada vez mais os circulos em que o envolvia: abaixando a cabeça robusta, o toiro investiu com o cavallo do conde da Ericeira, e este, firmando-se nos estribos e furtando á pancada o corpo do corsel, embebeu rapidamente o ferro do rojão no pescoço do animal, quebrando-lhe ao mesmo tempo a haste flexivel. O animal lançou de novo outro rugido mais feroz do que o primeiro, e um

brado de immensa alegria sahiu das trinta mil bocas dos espectadores.

A esta seguiram-se muitas outras sortes egualmente felizes, e que todas foram acompanhadas de freneticos applausos. O toiro, tremulo de raiva e faiscando lume pelos olhos, ora escarvava o chão, ora corria cego sobre o cavalleiro. e este fugindo-lhe á pancada, alcançava, a cada sorte, nova victoria.

Em poucos minutos o boi, crivado de rojões, baqueava quasi sem vida na areia tinta de sangue.

A este seguiram-se outros bois, que foram corridos pelos toireiros de pé, os quaes ora os cançavam com as capas, ora os feriam com as garrochas.

A rainha assustada e commovida, mas dominada pela fascinação, que a vista do perigo exerce sobre o espirito quando pela primeira vez se presenceia uma lucta, em que o homem põe a cada instante a vida em risco, não perdia um só movimento dos combatentes. Com a boca semi-aberta, os olhos dilatados, a respiração rapida e febril, ella ora lançava um grito de afflicção, ora sorria ligeiramente, ora desbruçava o corpo da tribuna para ver melhor, ora recuava na cadeira e levava as mãos ao rosto para não ver tanto.

N'esta excitação nervosa os seus olhos mais d'uma vez se encontraram com os do infante, e mais de uma vez tambem a mão, que se estendia para procurar uma outra mão a quem communicasse as suas vibrações, cahiu sem força ao encontrar a mão de Affonso VI.

Tinham-se picado já cinco ou seis toiros, sem que

incidente algum desastroso perturbasse a alegria da festa, quando um episodio singular e inesperado veio pôr, um instante, em commoção todo o amphitheatro.

Abrira-se a porta do toiril; um toiro de extraordinaria grandeza e espantosa agilidade, armado de pontas curtas, mas agudas como punhaes, correra á praça. Sacudindo convulsivamente a cabeça, pequena em relação á robustez do musculoso pescoço, fazendo saltar em roda de si a terra que escarvara com impaciencia; o boi, parando um instante, olhara para todos os lados; depois, n'uma nova carreira, varrera da praça toireiros e homens de forcado.

D. Luiz de Menezes, cravando os acicates no ligeiro cavallo, correu então com o rojão em punho para o toiro vencedor: mas este, abaixando a cabeça, precipitou-se sobre elle com tal furia e velocidade, que o conde, não podendo evitar a pancada, lhe cravou o rojão quando já o cavallo mortalmente ferido vergava com o pêso do cavalleiro.

Um brado de angustia rompeu de todos os lados, quando o cavallo cahiu e o cavalleiro rolou na arena. Todos se pozeram de pé como para salvar o conde da Ericeira do perigo que o ameaçava, e muitos toireadores saltaram á praça, desenrolando as capas para chamar a attenção do boi. O cavalleiro, ajudado por alguns criados, pôde soltar a perna do estribo em que tinha ficado prêsa; e, enrolando no braço esquerdo uma capa, e tirando com a mão direita a espada que lhe

pendia ao lado de um telim bordado, preparou-se para se desaffrontar do desar que havia recebido.

O toiro, excitado pela capa, vôa cego de raiva a atacar D. Luiz de Menezes; mas este, furtando o corpo á pancada, deixa-o passar ao lado, e torna de novo a chamal-o á capa. For muitas vezes se repetiu o ataque, e sempre a destreza do conde soube evitar o perigo. O toiro, já arfando de cansado, corre cada vez com maior raiva para o seu inimigo, sem nunca o encontrar na carreira.

Ao cabo de alguns minutos, D. Luiz de Menezes vendo a fera, já perdidas as forças, correr para elle menos veloz e vergando com o proprio pêso, esperou-o a pé firme no meio do circo. O toiro baixou a fronte para o ferir com as terriveis armas, e o dextro cavalleiro, aproveitando-se d'este movimento, enterrou-lhe a espada no pescoço. O animal deu um rugido de dor e de raiva, que fez estremecer de terror quantos o ouviram; dobrou um instante os joelhos, depois, erguendo-se de novo, proseguiu na desvairada carreira.

De quantos assistiam a esta scena barbara, ninguem tinha n'ella tomado mais interesse do que a nova rainha. O seu corpo convulso vibrava a cada golpe, estremecia a cada impeto da fera; e por mais de uma vez um ai mal comprimido veio romper o silencio profundo do amphitheatro. Quando a rainha viu o conde da Ericeira esperar o toiro a peito descoberto, um brado mais agudo lhe sahiu dos labios, e pondo-se quasi de pé, debruçou-se da tribuna, estendendo involuntaria-

mente as mãos como se quizesse parar com este gesto a carreira da fera.

Uma unica pessoa tinha assistido indifferente a esta lucta perigosa entre a destreza do homem e a força indomada do toiro. Os olhos de Luiz de Mendonça quasi que se não tinham despregado da tribuna real desde a chegada da rainha: parecia que occulto poder se lhe assenhoreara dos sentidos, e o subjugara por irresistivel fascinação.

A rainha, ao debruçar-se, soltou das mãos o lenço, que levado pelo vento foi cahir na praça a pouca distancia do logar do combate. Luiz de Mendonça viu-o voar, e seguiu-o com os olhos; apenas elle tinha tocado o chão, levantou-se, e sem hesitar um instante, sem calcular o perigo, salvou de um pulo a trincheira e correu a apanhal-o.

Um brado de angustia interrompeu os applausos com que o amphitheatro victoriava já a pericia do conde da Ericeira, e a este brado succedeu um profundo silencio. Quando Luiz de Mendonça se abaixava para apanhar o lenço da rainha, o toiro, que se tinha levantado depois de ferido, foi levado na sua cega carreira direito a elle, e tomando-o nas armas, arremessou-o aos ares. Luiz de Mendonça, apenas pôde firmar os pés na arena, abraçou, apesar de ferido, a fera corpo a corpo, e travou com ella uma lucta tremenda. No fim de alguns segundos o toiro dobrou as pernas que a morte enfraquecia já, depois as mãos vergaram tam-

bem, emfim o corpo todo baqueou no chão. Acabada a lucta Luiz de Mendonça cahiu como morto.

Muita gente saltou á praça para o soccorrer, mas o primeiro que o tomou nos braços foi Francisco d'Albuquerque. Ajudado por Diogo Cutilada, e por alguns criados do conde da Ericeira, o capitão transportou o seu amigo para o paço, onde el-rei tinha mandado ordem que o recolhessem.

A rainha, desgostosa e commovida por este triste acontecimento, não quiz continuar a assistir á toirada. A familia real voltou logo para Alcantara seguida de toda a côrte.

— Pobre Luiz de Mendonça! — exclamou frei Antonio da Redempção.

— Que diabo o levou a correr assim atraz do lenço da rainha? — perguntou Manuel Serralheiro.

— Quem sabe, quem sabe? — respondeu gravemente Zé Borracha — O desejo de subir... Hum! Hum! de ser premiado por sua magestade... Para ir longe é preciso andar.

— Foi-se a côrte — interrompeu Manuel Serralheiro — e tudo ficou triste como se o sol se apagasse.

— E com razão, Manuel. Isto hoje já não póde ir bem.

— Estas festas parece que foram todas mal agoiradas — disse frei Antonio. — Deus queira que o casamento d'el-rei o não seja tambem. Não ha mal que não chegue a este pobre Portugal; e se Deus nos não ajuda, estamos perdidos de todo.

CAPITULO XI.

DUAS CARTAS.

Alguns dias depois da toirada real que tivera logar no Terreiro do Paço para festejar o casamento de el-rei, Luiz de Mendonça, já convalescente, estava em um quarto do Côrte-Real, para onde fôra transportado por ordem do infante, sentado n'uma larga cadeira de coiro lavrado, ao pé de uma janella que deitava para o Tejo.

Luiz de Mendonça estava só. O seu rosto extraordinariamente pallido exprimia a mais profunda tristeza; os olhos negros e melancolicos olhavam, sem as ver, para as aguas do rio, que um vento rijo do norte encrespava em ondas orladas de espuma, e para as nuvens negras que se encastellavam sobre as montanhas de além do Tejo. Um amargo sorriso se lhe escondia

por detraz do longo bigode, e duas rugas profundas lhe sulcavam a fronte. A mão esquerda apertava ao peito um lenço finissimo e primorosamente bordado, cuja alvura era manchada por algumas nodoas de sangue; a mão direita, cahida para fóra do braço da cadeira, affagava lentamente a cabeça de um lebréo, que estava estendido no chão a olhar para seu melancolico dono.

— Que incomprehensivel coração, este meu! — pensava Luiz de Mendonça — Sempre a desejar com ardor uma felicidade que nunca chega; que a razão lhe diz que não póde chegar! Que loucura! Tomara que este coração se me gelasse aqui dentro! Mas se a ingratidão, se a traição de uma mulher amada não teve força para o quebrar, que desengano lhe poderá matar os desejos e as esperanças? Esta desharmonia da razão que medita e do coração que sente, esta lucta do pensamento e da paixão é o maior martyrio que Deus deu ao homem para castigo das suas culpas. Este amor... É, é amor isto que sinto! Este amor é uma fascinação fatal, terrivel... que eu hei de vencer. Porque não devo... é crime ter um amor assim. E não chegará nunca o dia em que os homens, todos eguaes, luctem no mesmo campo para alcançar o premio que pertence ao que mais vale, ao que mais póde, ao que Deus fez maior? Que significa esse abalo profundo, essa convulsão tremenda que ha pouco agitou o mundo? Um homem, rompendo por entre a multidão, derrubou do throno um rei poderoso que queria escravisar o povo; e como lhe não póde arrancar a coroa, decepou-lhe a cabeça.

Esse homem era o que mais valia, o mais poderoso da Inglaterra: sentou-se no throno dos reis. Em Napoles tambem um homem do povo foi rei um dia, porque Deus lhe tinha dado uma grande alma. Não ter direito para amar uma mulher, porque é rainha! Não ter esperança de ser amado... Eu, amado! Que me importa? Para que queria eu ser amado? Para ser trahido, abandonado; para morrer de dor, ou vingar-me... como já me vinguei?

A dor que lhe causaram estes ultimos pensamentos foi tal, que Luiz de Mendonça, ainda abatido pelo soffrimento, cerrou os olhos e ficou quasi sem sentidos por alguns instantes.

A bulha da porta, que se abria, fel-o estremecer e voltar a cabeça.

Foi grande o prazer que sentiu quando viu entrar Francisco d'Albuquerque.

O capitão, apenas abriu a porta, correu para o seu amigo, bradando:

— A rainha perguntou hontem por ti a sua alteza, Luiz.

Luiz de Mendonça levantou-se da cadeira em que estava sentado, e estendendo os braços para o seu amigo, pediu-lhe que lhe contasse como tinha sabido aquella feliz nova.

— Disse-m'o mesmo o senhor infante — respondeu Francisco d'Albuquerque. — Esta manhan sua alteza chamou-me para me dizer que sua magestade se tinha dignado perguntar como tu estavas.

— Lembrou-se de mim! Dignou-se fallar, não se esqueceu do... do criado de sua alteza! — exclamou com amargo sorriso Luiz de Mendonça.

— A rainha disse tambem que permittia que lhe fosses restituir o lenço logo que podesses ir a Alcantara.

— Querem-me tirar o meu thesouro! — bradou o pobre doente com exaltação febril, e apertando ao coração o lenço da rainha — Querem separar-me do companheiro das minhas horas de angustia! Estou com a cabeça perdida! Tive esperança...

— E tiveste razão para a ter — interrompeu Francisco d'Albuquerque afagando-o — A rainha ha de recompensar-te, ha de...

— Que me póde ella dar a mim? Nada... nada.

— É rainha, póde-te dar tudo.

— Não é pela rainha que eu quizera ser recompensado; é pela... mulher.

— Que dizes? Endoideceste!

— Endoideci; dizes bem. Eu, que julgava não tornar outra vez a ter amor... Olha! — proseguiu Mendonça com voz lenta e abatida — Esquece quanto me ouviste dizer agora. Foi um delirio que passou. Esta noite senti ainda uma febre violenta; e agora mesmo o sangue escalda-me nas veias. Preciso sangrar-me outra vez... para não morrer suffocado.

A estas palavras seguiu-se um longo silencio. Francisco d'Albuquerque meditava sobre a estranha revelação que o seu amigo lhe fizera; e Luiz de Mendonça

proseguia nas desvairadas reflexões que a chegada do capitão tinha vindo interromper. Foi este quem rompeu primeiro o silencio.

— As insolencias do valído continuam — disse elle, mudando de conversação para distrahir Luiz de Mendonça das penosas reflexões em que o via absorvido. — É por causa d'elle que el-rei não tem querido dar ao senhor infante os gentis-homens. Antes de partirem, como sabes, o marquez de Ruvigni e o bispo de Laon mandaram pedir licença a sua alteza para lhe irem beijar a mão. O senhor infante só tinha n'aquella occasião para o servir D. Rodrigo de Menezes; e se não fosse o assistirem-lhe alguns fidalgos e titulos da côrte, os estrangeiros tel-o-iam encontrado quasi só.

— Sua alteza não mandou pedir de novo a el-rei os gentis-homens que elle lhe prometteu? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Mandou. Mandou-os pedir pelo secretario João de Roxas; mas o valído deu-lhe, em nome de sua magestade, uma resposta tão desabrida, que sua alteza...

— Está resolvido a castigar o Castello-Melhor...

— Sahir da côrte, é o que o senhor infante definitivamente decidiu fazer. Um desastroso acontecimento, segundo ouvi contar, faz com que sua alteza apresse o mais possivel a sua partida. Retirar-se-ha para Queluz no dia mesmo da entrada da rainha em Lisboa.

— Então que aconteceu?...

— Dizem que hontem, quando o senhor infante assistia no coche d'el-rei ao ensaio das canas, que se

hão de correr alli na praça do Palacio, succedeu gabar sua alteza o bem que o marquez de Marialva e seu irmão D. Rodrigo de Menezes, que pertenciam á mesma quadrilha, guiavam os cavallos, e faziam as sortes. El-rei, que era, como sempre, pelo valído, teve tal cólera ao ouvir isto, que ameaçou sua alteza; dizendo-lhe que lhe daria quatro estocadas se não fôra estar presente a rainha. E das palavras passaria ás acções, se os rogos d'esta o não suspendessem.

— El-rei... odeia profundamente seu irmão: e tem um coração de fera.

— Talvez que sejam, hão de ser de certo, os maus conselhos dos validos...

— Receio que tu te exponhas por causa da Calcanhares a algum grande perigo — interrompeu Luiz de Mendonça. — Ámal-a; és moço e imprudente...

— E tu queres-me dar conselhos de prudencia? — perguntou rindo o capitão.

— Tens razão para te rir dos meus conselhos. Rite d'elles, mas toma-os. Vens da provincia — proseguiu Mendonça — onde tudo é singelo, onde a verdade é respeitada e a fé se tem conservado pura... não pódes entender o coração artificioso das mulheres da côrte. A Calcanhares tem por ti um amor passageiro; d'estes amores que duram um dia, que passam nas mulheres como o perfume da agua de cheiro se escapa do frasquinho que a contém. Tu, se te deixares fascinar, ficarás o escravo dos seus caprichos; sem força para lhe resistir, sem coragem para fugir d'ella.

— Mas não a amo, não penso n'ella...

— Já te esqueceste de Thereza — atalhou Mendonça, com seriedade. — Andaste seis mezes na guerra, e nunca te esqueceste da tua companheira da infancia: estás ha quinze dias na côrte, e já te não lembras da tua noiva, a quem juraste, pela alma de tua mãe, amar sempre e ser sempre fiel.

— Enganas-te! — murmurou Francisco de Albuquerque, córando de envergonhado — Não me esqueci de Thereza...

— Não te esqueceste d'ella? Escreveste-lhe já?

— Tens razão, Mendonça. Sou um ingrato: um homem sem fé; um mau homem! — exclamou o capitão, quasi chorando de raiva.

— Não te afflijas. Quando tu me contaste a historia dos teus puros amores, recommendei-te que te não fiasses no teu proprio coração. E tinha razão, como vês, em t'o recommendar. O coração não obedece á vontade, não escuta os conselhos da razão — proseguiu elle. — Tem vagos desejos, que não podem nunca ser satisfeitos; ambições que o perdem, caprichos que o fazem criminoso.

— Que hei de fazer?

— Foge da Calcanhares; foge d'essa mulher artificiosa e má, que te póde fazer para sempre desgraçado.

— Ah! Se eu podesse agora fallar com a minha cara Thereza, se podesse ouvir a sua voz suave, ver o seu angelico sorriso, beijar-lhe as mãos castas, e pedir-lhe perdão, estou certo de que a minha alma ficaria so-

cegada; como n'essas noites formosas, em que fallavamos do nosso amor n'aquelle jardim, que a mim me parecia o paraizo... que era o paraizo de certo.

Estas palavras de Francisco d'Albuquerque foram ditas tanto do coração, que as lagrimas lhe saltaram dos olhos. A saudade era para elle um remorso. Desejava e temia o amor de Thereza. Queria esquecer a Calcanhares, mas não lh'o consentia o coração.

Por um impulso de dor e de remorso, Francisco de Albuquerque sahiu do Côrte-Real, e correu á estalagem do *Alemtejo*, a saber se algum almocreve lhe tinha trazido carta de Evora.

Meia hora depois, voltou trazendo uma carta de Thereza, que leu, profundamente commovido, ao seu amigo. A carta era como se segue:

« Meu caro Francisco. — Ha quinze dias que es-
« tás longe de mim, ha quinze dias que nos separa-
« mos, e ainda não tive novas tuas. A minha saudade
« é immensa: não tenho feito senão chorar. Com a tua
« ausencia, começou a desgraça a provar-me o cora-
« ção; e não ha prova dolorosa por que o não tenha
« feito passar. Francisco, meu irmão, meu esposo,
« meu unico amigo, não quiz Deus dar á tua triste
« Thereza uma dor só. — Meu pae está muito mal; es-
« tamos em risco de o perder. E sem elle, que hei de
« eu fazer, só, sem ninguem meu que me console?

« Passou-se ha dias aqui um acontecimento desas-
« troso, que foi a causa d'esta nossa desgraça. Uns

« poucos de soldados do regimento francez de Chauvet « atacaram de noite algumas casas fóra da cidade, para « as roubar; meu pae, que tinha ido visitar um amigo « seu, e que ficara de noite n'uma das casas que foram « atacadas, correu ás armas logo que ouviu os solda- « dos arrombarem as portas. Houve um combate lon- « go e tenaz entre os salteadores e os que defendiam a « casa; e, se não fosse acudir um troço de tropa, te- « riam ficado estes todos mortos. Meu pae, o meu que- « rido pae foi perigosamente ferido n'este combate: e « os medicos dizem, só para me consolar, que *talvez* « *escape da morte*. Mas eu sinto que o vou perder; que « vou ficar sem pae, sem ninguem!

« Sem ninguem! Não. Tenho-te a ti; que me « amas, que me não has de abandonar, que juraste pela « alma de tua mãe ser meu protector, e meu marido.

« Quando vejo passarem-se tantos dias, Francisco, « sem que me venham novas tuas, accuso-te de in- « grato, queixo-me de ti; e chego quasi a acreditar « que se realisaram os meus presentimentos, que me « esqueceste por outra mulher. Perdoa-me, perdoa- « me, porque o mereço. É o amor que me cega. De- « mais eu tenho padecido tanto, que me parece que to- « dos os males vão pesar agora sobre mim como um « castigo de Deus. — Nossa Senhora se compadeça de « mim! Uma mulher fraca como eu sou, não póde sof- « frer tanto.

« Vem, vem depressa! Pede licença ao senhor in- « fante, e vem. Meu pae quer-te fallar... antes de mor-

« rer, diz elle. Vem! Eu amo-te cada vez mais. As « saudades e os soffrimentos tem-me exaltado o cora- « ção a ponto, que morreria de dor agora se me dei- « xasses de amar.

« Escuta estes meus prantos; e vem consolar-me. « Ai! tu deves sentil-os, como eu os sinto. — A cada « instante espero ver-te chegar. Tu has de lá ter adi- « vinhado os meus tormentos; e de certo me não dei- « xarás padecer só por mais tempo.

« Vem, vem! Que te espera, que te chama a tua

« *Thereza.* »

A leitura d'esta carta fez uma inexplicavel impressão em Francisco d'Albuquerque. Pareceu-lhe sentir primeiro renascer todo o seu amor por Thereza; depois, a ideia de sahir de Lisboa, de se separar da Calcanhares, passando-lhe subitamente pelo espirito, deixou-o aterrado e sem forças. Cahiu prostrado sobre uma cadeira, e largando a carta das mãos, murmurou:

— É um anjo!... e eu sou um ingrato.

— É quasi noite — observou Luiz de Mendonça, que lia no rosto do seu amigo as paixões que o agitavam. — É quasi noite. Vai, vai ter já com D. Rodrigo de Menezes, e pede-lhe licença para ir ao Alemtejo. Deves partir ámanhan...

— E se elle me não deixar partir?

Esta pergunta do capitão era quasi a expressão de um vago desejo.

— Deixa, deixa-te ir de certo, em tu lhe dizendo tudo, em lhe contando a verdade.

— Pobre Thereza!

— Tens razão em a lamentar — disse o Mendonça. A leitura d'essa carta magoou-me muito; a mim, que a não conheço. Não lhe tornes tu maiores os seus padecimentos, prolongando uma ausencia tão dolorosa para ella n'estes dias de angustia.

— Vou já a Alcantara fallar com D. Rodrigo; pedir-lhe que me deixe partir esta noite mesmo. Adeus!

Ao dizer estas palavras, Francisco d'Albuquerque poz-se de pé e sahiu precipitadamente. N'aquelle instante tinha elle medido com horror a grandeza da sua ingratidão.

Francisco d'Albuquerque sahiu correndo do Côrte-Real; e tomou logo o caminho de Alcantara. Ainda porém não tinha dado cem passos, quando uma mulher se approximou d'elle, e lhe entregou uma carta pequena e perfumada em agua de rosas.

O capitão parou para ler. A carta continha apenas algumas linhas, e não vinha assignada.

« Senhor capitão: — dizia a carta — Uma mulher « que vos ama, deseja fallar-vos esta noite. Talvez o « vosso coração vos diga quem é essa mulher; porque, « se não mentem os olhos, não vos tem ella sido indif- « ferente nas occasiões em que a tendes encontrado. — « Esperam por vós ás nove horas, nas portas da Ri- « beira. »

Francisco d'Albuquerque sentiu um immenso prazer ao ler esta carta, que elle estava certo de que só podia ser da Calcanhares. Esqueceu-lhe tudo; a noiva, o protector moribundo, a carta que recebera, o motivo por que ia correndo para Alcantara; tudo se lhe varreu da memoria por um instante. Olhou em roda de si para procurar a mulher que trouxera a carta; mas a mulher tinha desapparecido.

A este primeiro sentimento seguiu-se logo a reflexão; e á reflexão o arrependimento e o remorso. O capitão proseguiu na sua carreira para Alcantara, e só parou na quinta de Luiz Cesar de Menezes, onde o infante se achava alojado.

A fatalidade perseguia n'aquella occasião o moço provinciano: tudo parecia querer-se oppor a que elle cumprisse os seus sagrados deveres. — D. Rodrigo de Menezes tinha partido com sua alteza para Queluz, e só voltava no dia seguinte.

Angustiado e satisfeito ao mesmo tempo, lamentando e bemdizendo simultaneamente o acontecimento fortuito, que o obrigava a demorar a sua partida para o Alemtejo, Francisco d'Albuquerque esperou com impaciencia que anoitecesse; e apenas viu as estrellas scintillarem no ceo, e as trevas pesarem sobre a terra, encaminhou-se a passos vagarosos para as portas da Ribeira.

A formosa imagem da Calcanhares attrahia-o com tal poder, que elle se não sentia com forças para lhe resistir.

CAPITULO XII.

A CALCANHARES.

Fóra das portas da Ribeira, mesmo á borda do Tejo, ficava uma casa de boa apparencia, precedida por um páteo cercado de altos muros, cuja porta, grossa e reforçada de enormes pregos, deitava para um largo pequeno e solitario. Esta casa estava caiada com esmero, e as suas janellas, fechadas de alto a baixo por gelosias verdes, faziam lembrar um serralho do oriente.

A riqueza das armações e moveis d'esta casa era realmente digna de um palacio de fadas. O precioso das alcatifas, a profusão dos velludos e damascos, das franjas de oiro e rendas de prata, a magnificencia dos lustres e candelabros, dos leitos de ebano chapeados de oiro e dos estrados cobertos de riquissimas télas, as ondas de luz que por toda a parte se reflectiam nos es-

pelhos, e os perfumes que se exhalavam das caçoulas de oiro, tudo contribuia para tornar esta casa similhante ás encantadas habitações que os poetas sonham quando os inspira o amor.

No fundo de todas as magnificas salas, espaçosas e brilhantemente illuminadas, que formavam como uma galeria de um ao outro extremo da casa, havia um camarim, ornado de brocado e velludo branco entrelaçado de perolas e relevado de bordadura de oiro. Este camarim, debilmente illuminado pela luz rosada d'uma lampada de alabastro, e onde o perfume do ambar se misturava com a fragrancia das flores, mais parecia o sanctuario de uma divindade do que a habitação d'uma mulher. E divindade parecia a formosa Calcanhares, vestida de branco, com os negros cabellos apenas sostidos por fios de perolas, o seio mal coberto de uma finissima renda, meio recostada n'um estrado sobre uma pilha de almofadas de velludo branco, e com os pés pequenissimos quasi escondidos n'um tapete de arminho.

A physionomia de Margarida estava animada por um sorriso angelico e puro como o de uma virgem; os seus olhos exprimiam, ao mesmo tempo, a paixão, a doçura e o casto pudor, quando disse a um velho vestido com os habitos de S. Bento, que estava sentado junto d'ella:

— Amo-o, frei Pedro, amo-o muito!

— Sem o conhecer! — atalhou o frade.

— Vossa reverendissima não sabe que um coração de mulher precisa amar; que o amor é a vida? Perdoe-

me, frei Pedro — proseguiu a Calcanhares, pondo a mão tremula sobre o braço do frade — perdoe-me o fallar-lhe d'estas coisas; mas não tenho, não tenho ninguem a quem confie os meus segredos, a quem possa dizer livremente os meus padecimentos. Estou só no mundo; separaram-me de todos... de quantos me estimavam. Ai! Quem me dera poder voltar agora para o meu convento!

— Pobre Margarida! — murmurou frei Pedro de Sousa — Tem paciencia, minha filha. Sei que soffres, mas Deus conhece a tua innocencia...

— Mas todos me desprezam! Ainda outro dia nos toiros... Jesus! Que vida esta!

E uma lagrima de immensa dor se lhe desprendeu dos olhos, e brilhou como um diamante ao escorregar-lhe pela face pallida.

— A tua cruz é pesada, bem o sei. Lembra-te porém que um reino todo te deve talvez a sua liberdade, e que um dia o ceo te ha de dar o premio da tua resignação.

— Nunca me custou tanto, nunca me foi tão dolorosa esta minha situação. Desde que vi aquelle mancebo, de que fallei a vossa reverendissima — proseguiu a Calcanhares — sinto-me mudada. Sou outra. Agora quizera parecer pura, ser digna do seu amor. É um martyrio que excede muito as minhas forças, este martyrio a que me condemnaram! Quando me tiraram do convento, quando Manuel Antunes me foi buscar por ordem d'el-rei, era eu innocente; não sabia que me

queriam lançar n'uma vida de opprobrio e infamia. Enganaram-me... enganaram uma pobre rapariga, orphan e sem apoio. Foi aquelle... aquelle demonio; foi Henrique Henriques, esse homem sem honra, esse escravo vil e abjecto, foi elle o culpado de tudo.

Os olhos de Margarida estavam encendidos pela cólera, e os labios brancos, descerrando-se a custo, deixavam ver os alvos dentes convulsivamente apertados.

— Foste destinada pela Providencia para ser o anjo da guarda d'este reino. Se não fosses tu, el-rei ter-se-ia perdido de todo; e não escutaria os prudentes conselhos de meu sobrinho.

— É tempo já de me darem a liberdade — disse a Calcanhares, inclinando a cabeça com desalento. — Até aqui fui um instrumento docil na mão do senhor conde de Castello-Melhor; nunca me queixei, não murmurei nunca contra o homem que me condemnou a parecer criminosa, sendo eu innocente; a ser despresada e odiada por um povo inteiro, quando não merecia senão ser querida por elle. Mas agora, frei Pedro, agora não posso conformar-me com a minha sorte. Não me bastam as consolações da consciencia. Se Francisco d'Albuquerque é digno do amor que eu tenho por elle, despresar-me-ha como os outros me despresam, e ainda que lhe eu jure ser innocente, ainda que lhe conte a verdade, não me acreditará. Oh! Eu não suppunha que se podesse amar assim um homem sem o conhecer, sem nunca sequer lhe ter fallado! Mas

o meu pobre coração tinha necessidade de amar; já não podia supportar por mais tempo a solidão.

— Se sabem d'esse amor — disse o frade com interesse — póde ser que...

— Que o matem, que o assassinem como fizeram a esses infelizes que ousaram olhar para mim, e affrontar a cólera de Henrique Henriques, não é assim? — perguntou Margarida — Frei Pedro, tenho fé na sua virtude. Vossa reverendissima é tio do senhor conde de Castello-Melhor, mas não é capaz de trahir...

— Minha filha... — interrompeu o velho, pegando na mão da Calcanhares.

— Bem o sei, senhor; conheço a bondade da sua alma. Ainda me não esqueceram as palavras magoadas, as santas e consoladoras palavras que me disse, quando pela primeira vez me viu depois da minha sahida do convento. É aos seus conselhos, á sua amizade de pae, — permitta-me que lhe dê este nome, frei Pedro — e aos puros principios de religião que me ensinou, que eu devo o não estar a esta hora perdida de todo, para me não poder salvar. Sei que me ha de guardar este segredo que lhe confiei: espero que me guie por estes novos caminhos, em que entrou a minha vida agora.

— Conheci-te ainda criança, Margarida — disse o frade, enxugando uma lagrima que lhe descia lentamente pela face. — Então eras tu um anjo, pura e casta como os anjos do ceo. Vi-te crescer ao pé do altar; vi-te amada pelas tuas companheiras do convento e es-

timada pelas tuas superiores; tenho-te amizade, quero-te como se fosses minha filha. A minha dor foi immensa, Margarida, quando soube que te tinham arrancado do asylo, onde a tua innocencia estava ao abrigo das seducções mundanas, para te lançarem nos braços d'el-rei. Tive medo que te perdesses de todo, e quiz salvar-te. Tu bem sabes quantas queixas amargas, quantas accusações severas eu fiz ao conde. Mas elle não tinha culpa. Henrique Henriques é quem tinha fallado de ti a sua magestade; fôra elle quem mandara Manuel Antunes ao convento, quem te entregou a el-rei. Pobre Margarida! Foste victima da ambição de um homem...

— O senhor conde de Castello-Melhor — atalhou Margarida — podia-me ter livrado da deshonra, ter-me mandado outra vez para o convento.

— O conde é ministro — respondeu frei Pedro de Sousa — e deve antes de tudo cuidar dos interesses do reino. Meu sobrinho viu a influencia que pela tua formosura adquiriste sobre o espirito de sua magestade, e quiz aproveitar-se d'ella para trabalhar mais seguramente para o bem da nação. Fui eu mesmo — proseguiu o confessor de Affonso VI — fui eu que te aconselhei ajudasses o conde na sua difficil tarefa. Deus me perdôe se te dei um mau conselho; as minhas intenções eram boas. O mal já não tinha remedio: as portas do convento já se não podiam abrir para te receber, sem que te cobrisses primeiro com o habito da penitencia.

— Mas eu estava, estou pura...

— Sei-o eu, e sabe-o Deus. O mundo — accrescentou o frade — julga-te criminosa e condemna-te.

— Ai! é isso mesmo, é essa ideia que me mata! — bradou a Calcanhares pondo-se de subito em pé — Todos me criminam, e eu sou innocente. Todos me julgam feliz, e eu padeço. Todos me desprezam, todos me odeiam, e eu sinto em mim um amor infinito. Em nome de Deus, frei Pedro, em nome de Deus lhe peço que interceda com o senhor conde para que me deixe livre, para que me deixe amar como amam as outras mulheres. El-rei está casado; agora já não precisam de mim. Tenho servido o senhor conde de Castello-Melhor com zelo, á custa da propria honra, e nunca o trahi. Mas agora... se não fosse uma fraca mulher sem apoio, guardada n'esta casa como uma captiva por um carcereiro sem alma, fugiria para longe, para muito longe d'aqui. Tenho até medo de amar! — exclamou Margarida, passando da exaltação ao abatimento — O meu amor póde dar a morte. Henrique Henriques ama-me, frei Pedro; e como eu tenho despresado o seu amor, ha de querer-se vingar de mim. Peço-lhe...

— O que queres, o que me pedes? — perguntou o confessor d'el-rei, pegando nas mãos tremulas da Calcanhares.

— Ainda não ousei dizer a vossa reverendissima por que lhe suppliquei que viesse fallar-me. Tem-me faltado o animo; mas agora é preciso confessar-lhe a verdade. Esta noite — murmurou a Calcanhares ca-

hindo quasi de joelhos aos pés do frade — Francisco d'Albuquerque ha de vir a esta casa.

— Que fizeste, minha filha? — exclamou o frade — A tua pureza...

— A pureza da amante d'el-rei! — interrompeu Margarida, com um riso convulsivo misturado de prantos — A pureza da Calcanhares, da mulher vilipendiada....

— Mas a tua consciencia...

— A consciencia diz-me que Deus ha de perdoar-me se eu peccar; porque me arrastaram ao peccado. Não posso viver mais tempo sem este amor.

— Esqueceste que puuhas em perigo a vida d'esse homem, chamando-o aqui?

— Não... não sei se me esqueci. Foi uma loucura, bem o sei; mas que não tem já remedio.

— Esquece esse amor, Margarida. Manda-lhe dizer que não venha.

— Oh! isso não faço eu; não o posso fazer, frei Pedro.

— Se el-rei o sabe...

— Não o saberá ninguem, se vossa reverendissima pedir ao senhor conde... Eu bem sei que lhe não devia fallar n'estas coisas; mas vossa reverendissima é o meu unico protector. É por sua causa, que eu estou ainda aqui, e ainda me não fui esconder na cella de um convento. Vossa reverendissima — proseguiu a Calcanhares — não ha de deixar assassinar um pobre mancebo innocente. O sangue d'esse homem, se elle morresse

hoje ás mãos dos da patrulha d'el-rei, havia de cahir como um eterno remorso na consciencia do senhor conde de Castello-Melhor.

Frei Pedro de Sousa ficou um instante perplexo, sem saber o que havia de resolver n'aquella difficil situação. A inabalavel resolução da Calcanhares, a exaltação d'aquelle amor repentino, que elle sabia ser o primeiro, tudo desarranjava singularmente os calculos egoistas do confessor d'el-rei. O frade tinha na verdade amizade a Margarida; mas receava muito que este amor fosse causa de seu sobrinho, o conde de Castello-Melhor, perder um dos mais poderosos meios que tinha para influir no animo de Affonso VI. Comtudo, como a ideia de contribuir menos indirectamente para a morte de um homem lhe assustava a consciencia, pouco melindrosa, mas não depravada, frei Pedro decidiu-se a ir fallar ao valído n'aquella mesma noite, para evitar a catastrophe, que sem isso a Calcanhares receava ver succeder.

— Vou, Margarida, vou já ter com o conde, minha filha — disse o frade encaminhando-se para a porta. — Estou certo de que, em pensando melhor, has de vencer um amor que póde vir a ser fatal a todo este reino. Foi vontade de Deus que te tirassem do teu convento. O Senhor, Margarida, deu-te a cumprir uma penosa missão; deves sujeitar-te á sua santissima vontade.

E sem escutar a resposta da Calcanhares, frei Pedro atravessou as salas, e desceu ao páteo.

A Calcanhares seguiu o confessor d'el-rei a passos

lentos até á ultima sala, e esperou alli a uma janella, que elle sahisse do páteo na sua cadeira de quatro homens. Apenas ouviu fechar a porta, correu a ver que horas eram n'um magnifico relogio, que estava ao canto da sala; e, como passava de nove horas, chamou pela sua aia e confidente dos seus segredos, para lhe ordenar que fosse immediatamente ás portas da Ribeira, onde a devia estar esperando o capitão Francisco d'Albuquerque.

A aia, ligeira e jovial rapariga que adorava sua ama, e morria por intrigas de amor, embuçou-se n'um manto preto de bioco, e sahiu quasi correndo por uma portinha que deitava para a praia, e da qual a Calcanhares tinha mandado fazer uma chave falsa, para escapar á ciosa vigilancia de Henrique Henriques.

A amante de Affonso VI, voltando para o magnifico camarim onde estivera com frei Pedro, esperou alli tremula e desassocegada por Francisco d'Albuquerque. Margarida tinha muita confiança na sua formosura, para suppor um instante sequer que o moço capitão a não admiraria; mas receava que a essa admiração se misturasse o desprêzo, que a não julgasse digna de affectos puros, que lhe não désse um amor egual ao que ella sentia; amor ardente, apaixonado, mas casto e todo da alma.

Apenas ouviu abrir-se a portinha por onde tinha sahido a aia, e subirem duas pessoas a escada que d'essa porta conduzia á sala immediata ao camarim, sentiu

faltarem-lhe as forças, e cahiu sem alento sobre as almofadas do estrado.

Quando Francisco d'Albuquerque entrou no camarim, a Calcanhares estava quasi deitada sobre uma pilha de almofadas de velludo branco; o seu rosto pallido e alvo como a neve confundir-se-ia, á branda luz da lampada de alabastro, com as telas em que estava meio escondido, se não fossem as ondas de cabellos negros que o cercavam, e os olhos semi-abertos que brilhavam por entre as longas pestanas. O desalinho das roupas, o braço direito, bello como o de uma estatua, cahido para fóra do estrado, a flexibilidade e pureza de todas as linhas que indicavam uma perfeição digna de ser admirada na Grecia antiga, tudo dava a esta mulher um tal encanto, que o moço provinciano julgou ter diante de si uma fada ou uma princeza encantada.

Francisco d'Albuquerque, depois de um instante de immobilidade e admiração, foi ajoelhar ao pé de Margarida, e, pegando-lhe na mão, deu-lhe um beijo tão ardente que a fez vibrar como se recebera um choque electrico. Ao tornar a si, fitou no capitão os seus lindos olhos negros, murmurando:

— Foi o amor, um invencivel amor!...

— Como o meu! — exclamou o mancebo.

— Eu não devia... fazer o que fiz — disse ella. — Mas a morte vale mais do que a existencia que eu levava aqui só. Tinha precisão de amar para poder viver!

— Como é formosa! Quem a não ha de amar!

— O amor que eu desejo é um amor puro... Ha de tambem julgar-me indigna d'elle, senhor. Todos pensam que sou uma mulher criminosa, infame; e não sou senão uma desgraçada! Todos, todos se enganam, e todos me desprezam.

E escondendo o rosto entre as mãos, a Calcanhares poz-se a chorar amargamente.

— Que tem? Que prantos são esses? — perguntou-lhe o capitão, sentando-se no estrado, e beijando-lhe de novo a mão.

— Não sei. Sou mais feliz agora do que nunca fui; e comtudo parece que se me quebra o coração no peito. É a primeira vez, talvez o não acredite, mas é a verdade — disse ella apertando nas suas as mãos do capitão — é a primeira vez que entra n'este camarim um homem, a não ser frei Pedro, o meu confessor. Hoje, aqui, digo pela primeira vez a um homem, que o amo, que lhe quero mais do que... a Deus.

A estas palavras, Margarida deixou cahir brandamente a cabeça sobre o hombro de Francisco d'Albuquerque.

Attonito do que via, fascinado pela prodigiosa belleza de Margarida, inquieto, sem ousar ter confiança no que ella lhe dizia, mas subjugado inteiramente pela força irresistivel de uma paixão nascente, o moço capitão não se atreveu a romper o silencio que se seguiu a estas ardentes palavras. Era infinito o prazer que elle sentia em escutar o suave murmurio da perfumada respiração da Calcanhares. A sua boca foi-se, pouco a

pouco, approximando dos cabellos da mulher encantadora, que enlaçara nos braços tremulos, estreitando-a ao coração; até que n'uma convulsão de amor, depoz sobre elles um beijo de fogo. Margarida, ao sentir os labios de Francisco d'Albuquerque tocar-lhe nos cabellos, levantou subitamente a cabeça. Então, os dois amantes trocaram um olhar de suprema ventura; e um novo beijo terminou a phrase de amor que os olhos tinham começado.

CAPITULO XIII.

HISTORIA SINGELA.

Uma hora passada em casa da Calcanhares bastou, para os sentimentos de Francisco d'Albuquerque soffrerem uma completa transformação. A paixão tumultuosa e cega, que o attrahira irresistivelmente para aquella encantadora mulher, tinha-se tornado n'um amor intimo, tinha-se purificado sem comtudo perder nada da sua intensidade. Margarida não era, como elle acreditara, como o suppunham todos, uma d'essas mulheres terriveis e perigosas, que se servem da formosura para arrastar os homens ao crime; que, devoradas pelo fogo das paixões, sacrificam tudo aos seus caprichos e impudicas fantasias. O feliz capitão encontrara suave candura em vez de delirio, melancolia em vez de exaltação desvairada. A Calcanhares conservava a mais casta virgindade no meio da apparente corrupção.

Um homem conhecedor do coração humano, experiente nas coisas da vida, teria hesitado em dar inteira fé ás palavras da amante de Affonso VI, que todos accusavam de grandes crimes, que o povo desprezava e maldizia. O moço provinciano porém, dotado de uma alma pura, leal e generosa, não teve animo para duvidar sequer da verdade do que lhe dizia, com uma voz vibrante, sonora e apaixonada, uma tão bella e tão graciosa mulher. As lagrimas, desprendendo-se uma a uma das palpebras rosadas de Margarida, foram apagando rapidamente do coração do credulo amante as impressões dolorosas, o vago terror, que lhe causaram as palavras dictadas pelo odio aos inimigos d'el-rei, e que as apparencias totalmente confirmavam.

A Calcanhares reunia á mimosa expressão do mais casto amor, do mais exaltado e puro sentimentalismo, á suave melancolia das almas virginaes as perigosas paixões da mulher melancolica, que tem gasto a vida nas luctas do amor e na intriga; observando os mysteriosos segredos do coração, estudando o modo de commover profundamente a alma de um amante, e de o prender captivo nos laços infrangiveis de um amor delirante.

Margarida amava com o fogo do primeiro amor; e queria ser egualmente amada. Francisco d'Albuquerque não pôde resistir ao poder fascinador d'esta mulher; esqueceu-lhe tudo no mundo para pensar n'ella só, para a adorar. Sentado sobre almofadas aos pés de Margarida, com o riso na boca, os olhos fitados nos

olhos d'ella, e apertando-lhe entre as suas a mão de neve, o moço capitão estava n'um extasis de amor, sem ousar dizer uma palavra, com receio de que um movimento, um simples gesto fizesse esvaecer a divina visão que o arrebatava; quando a melodiosa voz da sua amante rompeu o silencio, que já durava havia alguns minutos, murmurando:

— Porque olhas assim para mim? Não acreditaste o que te disse? Julgas-me ainda má, como d'antes me julgavas?

— Amo-te!... amo-te muito — respondeu o capitão.

— Mas esse teu amor não é, não póde ser ainda o amor casto e puro, o amor que eu desejo que me tenhas. Não me acreditaste — proseguiu ella tristemente — julgas que eu te quero enganar, que te menti...

— Creio em ti, Margarida. Creio que és um anjo, e adoro-te! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— Purificas-me com a pureza do teu amor — disse ella, passando-lhe a mão pelos cabellos. — Receava que amasses a minha formosura, mas que me desprezasses: receava que estivesses já namorado de outra mulher...

O capitão estremeceu, e fez-se pallido ao ouvir estas palavras. Figurou-se-lhe ver Thereza, lavada em lagrimas, estender para elle as mãos supplicantes. Apertou com força a mão da Calcanhares, e levando-a aos labios, repetiu ancioso:

— Amo-te, amo-te...

— Oh! Que felicidade esta minha! Deus quiz-me

dar allivio aos padecimentos crueis que tenho supportado com paciencia durante dois annos! Bemdito sejaes, Senhor!

Margarida, levantando as mãos e os olhos ao ceo para agradecer a Deus, era a mais pura, a mais sublime idealisação da Magdalena.

— Hei de dizer-te, Francisco d'Albuquerque, hei de contar-te a minha historia — proseguiu ella, depois d'uma pausa. — É simples, mas quero contar-t'a, para que conheças, para que vejas se mereço odio ou compaixão; se sou criminosa como dizem todos, ou innocente. Escuta-me; quero que me julgues e que me faças justiça. Uma palavra de amor tua, basta para me consolar do injusto desprezo de todo um povo.

— Margarida, não careço saber a tua historia para te amar, para te julgar innocente. Não posso sentir já mais amor do que sinto agora por ti!

Um beijo suave, casto, angelico uniu por um instante aquellas duas almas, que o amor arrebatava e attrahia irresistivelmente uma para a outra.

— Sou filha de militar — começou ella. — Minha mãe morreu poucos mezes depois de eu nascer; e fui até aos dez annos creada por um soldado velho, que servia no terço de meu pae, e me levava comsigo de terra em terra. Muitas noites fiquei sem abrigo no campo, muitas outras passei a chorar por não ter um pedaço de pão para matar a fome. Manuel, o meu velho protector, era um bom homem; mas o seu caracter rude não consentia que elle comprehendesse os padeci-

mentos e as lagrimas de uma pobre criança. Meu pae, esse só cuidava nas coisas da guerra, e nem uma vez sequer se chegava a mim para me fazer uma caricia, ou para me dar um beijo. Padeci muito; porque já então eu sentia em mim a necessidade de amar, e via-me obrigada a recalcar no fundo do coração os meus mais ardentes sentimentos.

Mais de uma vez corri para os braços de meu pae, e fui recebida com indifferença, quasi repellida por elle. Resignei-me a viver só; a calar quantos pensamentos vagos me passavam pela mente; a esconder as mais simples, as mais innocentes expansões da minha alma infantil. O meu amor concentrou-se todo no pobre soldado, que me queria como se eu fosse sua filha. Era eu que cuidava d'elle, que guardava o pão para lh'o dar depois de uma marcha penosa, que o cercava de carinhos e meiguices; era eu que pedia a meu pae, nas poucas occasiões em que se dignava fallar-me, pelo velho Manuel, e lhe fazia sentir, na linguagem candida e singela da infancia, que já era tempo de dar ao seu fiel amigo o descanso de que elle, pela sua edade avançada, carecia.

Todos os sentimentos ternos a que a minha alma era naturalmente inclinada, se desenvolveram rapidamente. A vida irregular, livre e ao mesmo tempo comprimida pela severidade de meu pae, sem os afagos, sem os mimos, sem o amor de uma mãe para me consolar, essa vida singular que eu levava, cercada de soldados, assistindo por mais de uma vez aos combates,

vendo homens morrer ás mãos de outros homens, exaltou-me o coração de modo que, aos dez annos, já eu tinha todas as paixões, todos os pensamentos de uma mulher. A mais profunda melancolia me devorava a existencia; o meu rosto tornara-se pallido, a minha cabeça curvara-se com o pêso de graves pensamentos. Muitas noites passava eu em vigilia, criando na fantasia mil fórmas indefinidas, que amava um instante, mas que desappareciam antes de as poder gravar na memoria. Era um amor vago e puro, que tinha por objecto entes ideaes, que ornavam belleza e virtude, nobreza e valor.

Uma grande desventura veio então amargurar ainda mais a minha triste alma. O corpo de exercito a que pertencia meu pae, havia travado batalha com os castelhanos. O estrondo da artilheria, repetido pelos eccos das montanhas, chegava distinctamente aos meus ouvidos; eu esperava anciosa pelo resultado da peleja. Parecia que me adivinhava o coração uma terrivel catastrophe; tão profunda era a dor que n'elle sentia, tão grande o abalo que o agitava a cada rugido dos canhões que o vento me trazia pelas quebradas dos montes. Passou-se mais de uma hora sem que chegassem novas do campo de batalha á herdade, onde meu pae me tinha deixado. Eu era uma criança ainda, contava dez annos apenas, mas a minha afflicção era tão grande, e chorava tantas lagrimas, que a pobre gente, em casa de quem ficara, fazia, mas em vão, quanto lhe era possivel para me consolar. De repente vi vir ao longe um

homem correndo; era Manuel. Chegou emfim aonde eu estava. O seu rosto exprimia a mais pungente dor, e a voz tinha-se-lhe suffocado pelas lagrimas, quando exclamou:

« — Está a morrer! Ahi vem quasi morto!

« — Meu pae! — bradei eu. E sem escutar a resposta de Manuel, sahi de casa correndo.

A pouca distancia encontrei meu pae gravemente ferido, conduzido em braços por alguns soldados do seu terço. Acompanhei-o chorando até o deitarem sobre uma enxerga velha, que a gente da herdade tinha a um canto da casa; e ahi ajoelhei em silencio, beijando-lhe a mão, que a morte começava já a regelar. Queriam ir chamar ao campo um cirurgião para cuidar de meu pae, mas elle não consentiu; e voltando para mim os olhos turvos, disse-me com voz cava e debil:

« — Margarida, minha rica filha, vou morrer... vaes ficar sem pae. Olha, filha; quero-te, sempre te queri muito. Se te não fiz carinhos, se nunca te mostrei o meu amor de pae, é... é porque me envergonhava. Perdoa-me, filha; toda a minha vida fui militar, e não sabia ser homem. Dá-me um beijo, Margarida; um beijo por todos os beijos teus, que eu não tenho querido receber. Quero-me fartar dos teus beijos antes de morrer... não torno mais a ver-te.

Puxando-me então para si, meu pae apertou-me ao coração, e uniu as suas com as minhas lagrimas n'um beijo sublime de supremo amor paternal.

Todos choravam os que assistiam a esta triste

scena; e o velho soldado que me creara, o antigo amigo de meu pae, calado e encostado á chaminé, cobria com as mãos tremulas o rosto para não ver.

« — Approxima-se o instante de te deixar — proseguiu meu pae, depois de me cobrir de beijos. — Vaes ficar só, filha: orphan e sem apoio. Resta-me comtudo uma esperança: e Deus ha de permittir que não seja uma esperança van. Escuta-me. Eu prestei, como leal vassallo que sempre fui, um serviço ao senhor D. João IV; el-rei queria premiar..... Jesus! Que agonia esta! queria premiar-me; e eu pedi-lhe em paga do que tinha feito, a sua protecção para minha filha; para ti, Margarida... Sua magestade prometteu protegerte... »

A voz do moribundo ia-se cada vez tornando mais fraca; e as palavras que elle dizia mais se podiam perceber pelo movimento dos labios, do que pelo murmurio que a custo lhe sahia da garganta.

« — El-rei morreu! — proseguiu elle — Mas a rainha é uma santa. Vai ter com ella, e lembra-lhe a promessa de seu marido... Vai, minha filha... e que Nossa Senhora te guarde, e te acuda... »

A estas palavras meu pae fez um ultimo esforço para me beijar; e cahiu sem vida.

Chorei por muito tempo a morte de meu pae. Só no momento de o perder comprehendi a grandeza da minha desventura. Vi-me só no mundo, e tive medo: tive desejo de morrer tambem.

Passados alguns dias parti para Lisboa, acompa-

nhada por Manuel, a quem a morte de meu pae tinha feito cahir n'uma invencivel tristeza, e perder de todo as forças. Fui fallar á rainha D. Luiza. Contei-lhe o que meu pae me tinha dito á hora da morte; e ella tratando-me com bondade, e consolando-me da minha desventura, mandou-me para o convento de Sant'Anna com uma avultada tença.

A vida triste e monotona do convento, diversa em tudo da existencia errante e variada que eu tinha tido até aos dez annos, em vez de transformar o meu caracter, não fez senão exagerar-lhe os defeitos, irritar a sensibilidade e exaltação que me dominava o espirito e me arrastava muitas vezes, em sonhos, para as extravagantes regiões da fantasia. O meu maior prazer, no convento, era fugir de noite do claustro, e ir só passar horas inteiras na egreja. Foi então, n'essas horas de solidão e de tristeza, que eu comprehendi a sublimidade da religião. Ajoelhada ao pé do altar de Nossa Senhora, esquecia-me inteiramente do mundo; a vida concentrava-se-me toda na oração, e arrebatada n'um extasis de amor infinito, sentia a minha alma unir-se aos espiritos do ceo.

Aos dezeseis annos eu era, diziam-n'o todas as freiras do convento, um modelo de perfeições e de formosura. Ignorava completamente o valor d'estes dotes externos: não tinha senão sentimentos religiosos, e a vaga esperança de encontrar um dia um espirito que comprehendesse o meu espirito, e se unisse com elle em vôos desvairados. Foi por este tempo que a rainha

mãe, a minha protectora, sahiu do paço para se ir encerrar na sua prisão, que assim se póde chamar a casa do Grillo, onde ella acabou os seus dias. El-rei continuou a mandar-me ao convento a minha tença por Henrique Henriques. Foi isto a causa da minha desgraça.

Henrique Henriques viu-me algumas vezes, e namorou-se apaixonadamente de mim. Um dia, que estavamos sós, fez-me uma declaração de amor, exaltada e louca; e eu, em vez de o escutar, fugi d'elle, e fui-me queixar á prioreza. Este homem cruel jurou vingar-se de mim. Fallou a el-rei, encarecendo-lhe os meus encantos; e el-rei mandou immediatamente o seu criado particular, Manuel Antunes, buscar-me.

Como el-rei era o meu protector, e era por ordem da rainha sua mãe que eu tinha entrado no convento, a superiora não hesitou em me entregar ao criado d'el-rei. Metteram-me n'uma liteira; e um quarto de hora depois estava no quarto de sua magestade.

D. Affonso ama-me extremamente, adora-me como se eu fôra o *seu anjo da guarda;* nome que elle muitas vezes me dá. Não sabe, não póde resistir a nada do que lhe peço; e por isso é de mim que depende talvez... a tranquillidade d'este reino. Ai! se não fosse o ciume, o eterno odio de Henrique Henriques, talvez eu podesse ser feliz ainda! Mas receio tudo d'esse homem; e n'este instante mesmo, Deus sabe que tremo de susto ao lembrar-me que a tua vida está em perigo, meu querido Francisco...

— Tenho uma espada para me defender! — bradou o capitão levando a mão ao lado.

— A força de um homem não basta para resistir á furia dos da patrulha d'el-rei. Eu estou guardada pela vigilancia de cem assassinos; sou captiva aqui. E se não fosse o muito que devo ao conde de Castello-Melhor...

— Ao conde! ao valído! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— O conde é o meu protector.

— Ama-te tambem? — perguntou o capitão com um gesto de cólera.

— Não; o conde não me tem amor; mas quer-me muito, porque... — A Calcanhares cortou a phrase que lhe ia a escapar, e proseguiu depois dizendo: — frei Pedro de Sousa, o confessor d'el-rei e tio do Castello-Melhor, era o capellão do meu convento. É elle quem me aconselha e dirige; é um santo homem que eu respeito, a quem obedeço como a pae.

— Esses homens sem alma, esses demonios malditos sacrificaram-te á sua ambição! Tu não és só victima do ciume de Henrique Henriques; és victima tambem do valído, que se serve de ti para melhor se sustentar no poder! Deshonraram-te aos olhos de todos...

— Pouco me importa agora o que o mundo pensa de mim — atalhou a Calcanhares. — Tu sabes que sou innocente. Tens fé nas minhas palavras; amas-me...

Os dois amantes cahiram nos braços um do outro: e mil suspiros de amor, murmurados apenas entre bei-

jos e sorrisos de ineffavel ventura, revelaram, como palavras o não poderiam fazer, os exaltados sentimentos que a ambos arrebatavam. Depois seguiram-se fallas incoherentes, phrases soltas cortadas por novos beijos, e que todas se podiam resumir n'uma só, singela sim, mas sempre sublime, quando é dita de coração: « Amo-te! »

Este delirio de amor foi interrompido pela chegada da aia da Calcanhares:

— É quasi meia noite — disse ella da porta do camarim — e não anda agora ninguem pela rua.

— São horas de nos separarmos — murmurou tristemente a Calcanhares pondo-se de pé.

— Já? — exclamou o capitão.

— Seria perigoso demorares-te mais. Adeus, Francisco! Em sendo possivel irei ter comtigo, ou mandar-te-hei chamar!

— Não póde ser ámanhan?

— Talvez não. Ama-me. O teu amor é a minha vida agora.

— Não me enganas?

— Duvidas de mim? — perguntou a Calcanhares assustada.

— Não; não, Margarida!

Depois de um terno e ultimo adeus, Francisco de Albuquerque sahiu de casa da Calcanhares com a alma cheia de inextinguivel amor, e de fagueiras esperanças.

CAPITULO XIV.

CATASTROPHE.

Os quartos que o conde de Castello-Melhor tinha no paço, eram os mesmos que habitara o principe D. Theodosio, filho primogenito de D. João IV. Estes quartos, vastos e bem mobilados, ficavam no lado do palacio que deitava para o mar, e tinham communicação com uma grande e bella sala, de doze janellas rasgadas, cujos parapeitos eram sustentados por balaustres de marmore. Esta sala fôra a que o valído escolhera para dar as audiencias; era d'alli que partiam para todo o reino as ordens d'aquelle homem poderoso, a que ninguem ousava resistir, mas contra o qual se tramavam contínuas conspirações.

Na noite em que se passaram os successos que ficam narrados nos capitulos precedentes, o conde estava n'esta sala das audiencias, sentado n'uma cadeira

de coiro ornada de pregaria amarella, e encostado a um vasto bofete sobre que havia uma escrivaninha de prata, algumas folhas de papel, tres ou quatro livros encadernados em pergaminho, e dois castiçaes com suas vellas de cera amarella, que, lançando uma luz pallida e tremula, davam a esta casa uma apparencia lugubre e pavorosa.

De pé no meio da sala estava um homem moço, com os vestidos amarrotados, os cabellos desgrenhados, e tão pallido que se poderia tomar por um cadaver se não fossem dois olhos vivos e brilhantes que lhe illuminavam o rosto.

— Foi um milagre escapar — dizia este homem, com voz tremula. — Atiraram-me dois tiros: e quando senti o cavallo vergar debaixo de mim, julguei-me perdido.

— E o visconde, morreria? — perguntou o Castello-Melhor, sem levantar a cabeça.

— Quando ha pouco sahimos d'aqui — respondeu Simão de Sousa de Vasconcellos — ouvimos gritos proximo das cavallariças; julgamos que era uma desordem, e apressamos o passo dos cavallos para lhe acudir. Vimos então alguns homens acutilando um desgraçado, que não podémos reconhecer. Quando nos approximavamos cahiram sobre nós outros assassinos que estavam escondidos a uma esquina, e, sem nos darem tempo para tirar as espadas, deram umas poucas de cutiladas no visconde da Asseca, que cahiu do cavallo como morto. Quiz soccorrel-o, mas... vi...

— Que viste? — disse ancioso o valído, vendo que seu irmão hesitava em acabar a phrase que principiara.

— Vi, meu irmão — proseguiu Simão de Sousa baixando a voz como se receasse ser escutado, apesar de estar só com seu irmão — vi... o infante...

— Sua alteza!

— Sua alteza queria-me assassinar. Quando eu fugi, disparou sobre mim as duas pistolas que tinha na mão, e feriu-me mortalmente o cavallo.

Depois d'estas palavras os dois interlocutores ficaram calados. O conde poz-se lentamente de pé, e deu algumas voltas pela casa, sem levantar a cabeça; e Simão de Sousa, sem se mexer do logar em que estava, seguiu com olhos turvos os passos incertos de seu irmão.

— Sua alteza é um inimigo perigoso — murmurou no fim de algum tempo o conde, não descontinuando de caminhar pela sala. — É preciso convencer el-rei a que lhe dê esses malditos gentis-homens que pede. É um pretexto de que elle se serve para me fazer a guerra, e que é indispensavel tirar-lhe. Não sei como posso ainda supportar esta vida de inquietação e eterna lucta, que me consome!

— O infante quer-te muito mal. Foi por eu te querer defender das accusações que te fazem os teus inimigos, que me tomou odio, me expulsou de sua casa, e hoje attentou contra a minha vida.

— Fui ainda hoje levar uns papeis a sua alteza —

disse o conde — para ter occasião de lhe fallar, e ver se lhe desvanecia as suspeitas que tem, de que por conselhos meus el-rei lhe recusa os gentis-homens, e o tracta com desamor. O infante, depois de ouvir o que lhe eu dizia, dando mostras de descontentamento, disse-me apenas « que para se crerem as palavras era preciso que as obras lhe servissem de prova; que elle estava certo de que todos os actos com que sua magestade lhe mostrava o seu desagrado, não vinham tanto da vontade d'elle, como dos ruins conselhos que homens mal intencionados lhe davam; emfim, que se eu me queria justificar fizesse boa a sua opinião para com el-rei. » Foram estes os termos com que sua alteza me fallou; e nunca esperei que depois d'isto attentasse d'este modo contra a tua vida.

— D. Rodrigo de Menezes tem persuadido sua alteza de que tu lhe usurpas um logar, que só lhe pertencia a elle occupar. O infante quer governar o reino, e talvez...

— Talvez ser rei — atalhou o Castello-Melhor. — Bem o sei. Todos estão contra mim — proseguiu elle. — A rainha, chegada apenas ha dias, ja tambem me faz guerra. Como eu não consenti que se fizesse o tractado com a França, com as condições apresentadas pelo abbade de S. Romão, quer-me tirar o valimento, quer-me derrubar do poder. A princeza franceza queria fazer d'este reino um campo de batalha, e d'este povo um exercito que combatesse para interesse da França. O marechal Schomberg apoia o partido fran-

cez; o que elle quer é a guerra. Tenho inimigos por toda a parte; mas posso mais do que elles todos. O homem que na Italia, longe da sua terra, desterrado e esquecido de todos, jurou que havia de governar Portugal; o homem, que na acclamação de Alcantara tirou a coroa da cabeça de uma rainha, para com ella coroar um mancebo... quasi louco; o homem que salvou a sua patria das invasões estrangeiras, não ha de agora deixar-se vencer pelas intrigas de uma mulher, e o odio de um principe de dezoito annos.

— A amizade d'el-rei... — interrompeu Simão de Sousa.

— A amizade d'el-rei! — exclamou o valído, parando defronte do irmão — A amizade d'el-rei! El-rei não tem amizade a ninguem. Se ámanhan lhe fosse preciso sacrificar-me ao seu egoismo, se alguem lhe persuadisse que podia passar sem mim, entregar-me-ia nas mãos dos meus inimigos. O que D. Affonso quer é comer, dormir, e satisfazer os seus loucos caprichos; o egoismo é o sentimento mais poderoso da sua alma. Fui eu o primeiro fidalgo que lhe appareceu depois da prisão do seu favorito Conti; fui eu que o fiz rei, está costumado a ver-me governar a mim, por isso julga impossivel que outro, sem ser eu, governe este reino. N'este momento porém ha um grande perigo a combater. A rainha...

— El-rei está muito namorado da rainha — disse Simão de Sousa.

— É verdade; el-rei vive em muita intimidade com

sua esposa. A influencia d'esta cresce todos os dias; de tal modo, que el-rei já me esconde alguns dos seus segredos, e vai contar á rainha quanto eu lhe digo. É preciso empregar todos os meios possiveis para evitar que esta influencia se torne funesta.

N'este momento a porta da sala abriu-se com violencia, e frei Pedro de Sousa entrou a passos precipitados.

Era tão grande a inquietação que se manifestava no rosto do confessor d'el-rei, que os dois irmãos correram a elle, apenas o viram entrar, a perguntar-lhe a causa do seu apparecimento alli, a uma hora adiantada da noite, e quando elles o julgavam já recolhido no seu convento.

— Venho de Alcantara — respondeu o tio do Castello-Melhor — venho de Alcantara onde te fui procurar. Estranhei não te encontrar ao pé de sua magestade, e logo suppuz que estarias aqui. Tudo vai mal, meu sobrinho...

— El-rei já sabe que o infante quiz assassinar meu irmão? — perguntou o conde.

— Quizeram... quizeram-te matar, Simão? — perguntou o velho frade cahindo sobre uma cadeira.

— Não sabe ainda o que se passou?

Então Simão de Sousa contou ao tio o que lhe acontecera n'aquella noite, e o perigo em que deixara o visconde da Asseca.

— É preciso fugirmos! — exclamou frei Pedro, pallido e tremulo de susto — Está tudo perdido...

— Não; nada está perdido! — bradou o valído, com um gesto de cólera — Eu sou ainda o ministro d'el-rei...

— El-rei estava agora no quarto da rainha — disse o frade — e esteve hoje muito tempo a fallar com o confessor d'ella, o padre de Villes, o jesuita...

— Não importa — interrompeu o conde, com um tom no qual procurava affectar uma tranquillidade que não tinha. — Tenho força para resistir aos que me combatem. A minha influencia sobre el-rei é ainda a mesma: o seu amor pela Calcanhares...

— É d'isso que eu te vinha fallar agora — interrompeu frei Pedro. — A Calcanhares está namorada, conde...

— Ah! ah! Amores que passam, que duram um dia! — disse o valído, rindo.

— Não, não. É um amor que se não póde desvanecer assim. Commetteu já por causa d'elle uma imprudencia, que a póde perder, que nos póde perder a todos.

— O que foi? — perguntou o conde inquieto.

— A esta hora tem em casa um amante...

— É... é indispensavel... — bradou o favorito pondo-se, colerico, de pé.

— É indispensavel salvar esse homem do risco em que está... Henrique Henriques póde já ser sabedor d'este desgraçado acontecimento, e, levado pelo ciume... pelo zelo com que serve a el-rei, mandar matar... esse desgraçado.

— Seria um crime desnecessario — observou Simão de Sousa.

— Seria um crime perigoso para nós todos — accrescentou o frade. — Francisco de Albuquerque, o amante de Margarida, é da casa de sua alteza. Se o matassem, os do partido do infante accusar-te-iam da sua morte, conde; e levantar-te-iam calumnias sobre calumnias. Além de que, se Francisco d'Albuquerque morresse, Margarida — disse-m'o ella e fal-o-ia de certo — Margarida ir-se-ia metter n'um convento...

— E isso não póde, não deve succeder — disse o conde. — Agora sobre tudo carecemos da Calcanhares para combater a influencia da rainha.

— Manda depressa alguns homens de ronda para perto da casa de Margarida, a fim de evitar que o seu amante seja assassinado.

— Vou, vou eu mesmo.

E pondo na cabeça o chapéo que estava sobre uma cadeira, e embuçando-se n'uma capa, o valído sahiu, acompanhado por Simão de Sousa.

Em quanto esta scena se passava no paço, uma outra que tinha com ella intima relação se passava em Alcantara, no quarto de Henrique Henriques de Miranda.

Este confidente e particular valído de el-rei fallava com um homem de ignobil physionomia, que acabava de chegar ao palacio a procural-o, e que fôra immediatamente admittido no seu quarto.

— Que novas me trazes, Luiz Manco? Para que

me vens procurar a esta hora? — perguntou Henrique Henriques.

— Eu andava a rondar a casa da menina — respondeu, coçando a cabeça, Luiz Manco — quando vi entrar para lá uma cadeira de quatro homens...

— A que horas?

— Alli pela volta das sete e meia.

— E quem ia na cadeira?

— Ia... ia um homem...

— E só agora, ás dez horas, é que me vens dizer isso, excommungado! — bradou Henrique Henriques colerico.

— Não foi preciso vir mais cedo — respondeu o assassino da *patrulha baixa*.

— Não foi preciso? Que quer isso dizer?

— O homem que entrou na cadeira era o senhor padre confessor d'el-rei.

— Então para que me vens tu dizer agora que o confessor d'el-rei foi a casa da Calcanhares? Não sabes que elle é tambem o seu confessor; que vai lá muitas vezes? Bruto!

— Não é isso — interrompeu o Manco, deixando de coçar a cabeça, e pondo-se a voltar socegadamente do avesso a gorra que tinha na mão.

— Então o que é?

— Ás nove horas abriu-se a porta do páteo, e então...

— Que viste?

— Vi outra vez sahir a cadeira com o confessor de el-rei.

— Pois se frei Pedro de Sousa entrou para casa de Margarida, e se tu o viste entrar, porque te admiraste de o ver sahir? — interrompeu o cortezão.

— Não é isso.

— Faze-me favor de fallar claro e por uma vez.

— Pouco depois de frei Pedro sahir, vi abrir-se a porta pequena que deita para a praia...

— Eu tenho a chave d'essa porta na minha mão, e não é possivel...

— É, sim senhor, é possivel. Vi-a eu abrir com estes olhos, e vi sahir por ella...

— Algum homem...

— A aia da menina.

— E quem mais?

— Mais ninguem. Mas não é isso.

— Com mil diabos! Não acabarás de dizer o que viste, homem! Não é isso, não é isso! Então que é?

— A aia voltou pouco tempo depois, e entrou outra vez pela mesma porta.

— Só?

— Com um homem embuçado n'uma capa.

— E tu que fizeste?

— Eu disse a tres dos meus companheiros, que o esperassem á sahida e que o matassem, em quanto eu vinha dar parte a vossa mercê do acontecido.

— Maldito sejas tu! — bradou Henrique Henriques fazendo-se fulvo de raiva — Hei de mandar-te açoitar

como um escravo que és! Para que deixaste entrar esse homem? Porque o não mataste?

— Não queria fazer nada sem ordem de vossa mercê.

— Mas se esse homem sahir agora de casa da Calcanhares, os assassinos que lá deixaste matal-o-hão mesmo sem ordem minha.

Não sabendo o que havia de responder a esta observação de seu amo, o assassino deixou a gorra que já estava perfeitamente voltada do avesso, e recomeçou a coçar na hirsuta cabeça, rosnando entre dentes:

— Não é isso, não é isso.

Henrique Henriques, perdido de raiva e de ciume, metteu duas pistolas no cinto, cobriu-se com uma capa, e sahiu precipitadamente, dando ordem a Luiz Manco que o seguisse.

De Alcantara ás portas da Ribeira estes dois homens não andaram, correram sem parar. Henrique Henriques era impellido pelo ciume, e pelo seu odio implacavel contra a Calcanhares; Luiz Manco pela sede do ganho, e a de tomar parte no assassinio que se ia commetter. — Este homem tinha os instinctos sanguinarios das feras, e era como ellas estupido e sem alma.

Ao sahirem as portas ouviram alguns gritos e um tiro para o lado da casa da Calcanhares; correram para o sitio d'onde viera o som, e ao voltar uma esquina, deram de cara com dois homens que iam fugindo, e que Luiz reconheceu serem os assassinos que elle tinha posto de guarda á casa da Calcanhares.

Henrique Henriques chamou-os, fel-os parar, e perguntou-lhes a causa d'aquella fuga precipitada.

— Quando vimos sahir, alli da casa, o homem que o Luiz nos tinha mandado esperar — respondeu um d'elles — escondemo-nos á esquina: e mal chegou ao pé de nós, atirei-lhe uma facada ao peito, que o estendeu logo. Aqui o Gaspar — proseguiu elle apontando para o seu companheiro — deu-lhe, já depois de elle estar no chão, uma cutilada; e tel-o-iamos acabado por uma vez se não fosse acudir a ronda...

— E porque não fizeram voces fugir a ronda, miseraveis covardes! — bradou Henrique Henriques.

— Porque.... porque appareceu o senhor conde de Castello-Melhor; e se não fugissemos...

— O conde!

— O senhor conde ainda disparou uma pistola sobre nós — proseguiu o assassino; — e até feriu o Manuel, que lá ficou preso.

— Estás certo, ao menos, que o homem está bem ferido?

— A mim parece-me que d'aquella se não torna elle a levantar.

CAPITULO XV.

O INFANTE D. PEDRO.

O dia 2 de agosto fôra o designado para n'elle ter logar a entrada solemne da rainha em Lisboa. O concurso era immenso; as ruas, as janellas, os terrassos e os telhados, tudo estava coberto de povo, que esperava com impaciencia o cortejo brilhante, que devia conduzir á cathedral os dois reaes esposos.

Ao meio dia entravam pelas portas de Santa Catharina doze trombetas a cavallo, vestidos de primavera-verde de prata, que annunciavam com repetidos toques a chegada de suas magestades. Seguia-se-lhes uma dansa e folia dirigida pelo meirinho da cidade, que a acompanhava a cavallo: os procuradores do senado, montados em magnificos cavallos ricamente ajaezados e cobertos de laços de fita, precediam os seis por-

teiros da camara vestidos de preto com massas de prata doirada ao hombro, e os doze reis d'armas, arautos e passavantes, que se distinguiam pelas cótas de armas e cadeias de oiro que traziam. Os desembargadores e os juizes vinham logo depois a cavallo, com becas de seda forradas de lama de prata. Os coches e as liteiras dos titulares e fidalgos rivalisavam na riqueza dos ornatos doirados, no precioso dos brocados e na belleza dos jaezes, com os coches da casa real que se lhes seguiam.

O coche real era puxado por oito cavallos brancos, ferrados de prata, e adornados de formosas plumas brancas e carmezins; os tirantes eram de oiro e seda, e a libré dos cocheiros e lacaios vermelha com passamanes azues. Dentro do coche vinham, el-rei sentado á direita, a rainha á esquerda, e o infante no assento de diante. A rainha vestia de brocado cor de rosa, e trazia os cabellos loiros profusamente ornados de diamantes; com a luz dos seus bellos olhos ateava ella o fogo que ardia no coração de D. Pedro, desde o primeiro dia em que a vira, e com a sua presença fazia soltar brados de enthusiasmo ao povo que a admirava. O coche real, para que todos podessem vêr sem difficuldade a nova rainha, não era coberto; um moço da camara, sustentando uma rica umbella franjada d'oiro, guardava do ardor do sol o rosto mimoso da graciosa franceza.

Logo atraz dos coches, que eram acompanhados por numerosos lacaios a pé, vinham os officiaes das guardas alleman e portugueza, seguidos dos seus soldados

vestidos de verde com passamanes de seda branca, e um numero consideravel de homens de cavallo, do regimento que o conde de Maré trouxera de França. Eram estes que compunham a guarda de honra da rainha. Nas portas de Santa Catharina estava armado o arco da nação italiana. Era um arco grandioso, mas de architectura pouco regular, pesada e de mau gosto. Entre as quatro pilastras corinthias que o ornavam, havia nichos com estatuas allegoricas, representando as artes liberaes; por cima da cornija estava representada, n'um grande quadro, a figura da Italia offerecendo em uma cornocopia ricos e variados fructos a suas magestades. Sobre quatro pedestaes, collocados diante das pilastras, havia estatuas de pedra representando imperadores romanos. O arco era superiormente rematado pelo escudo das armas de Portugal, com uma grande coroa doirada, tendo por timbre a tiara papal com as duas chaves em cruz.

Á entrada d'este arco esperavam por suas magestades, o presidente do senado vestido de brocado pardo com rendas de oiro, e os vereadores com garnachas de seda preta forradas de brocado branco. O coche real, ao chegar ao logar onde estava o senado, parou; e o presidente, dirigindo-se aos reaes esposos, fez uma longa oração, cheia de trocadilhos, e de phrases gongoricas, que a tornavam quasi inintelligivel, terminando por apresentar n'uma grande bacia de prata as chaves da cidade a el-rei, que por um gesto lhe indicou que as offerecesse á rainha. Esta acceitou-as com um

sorriso gracioso, e tornou-as immediatamente a restituir.

O real cortejo desceu, depois d'esta ceremonia, á rua nova, e encaminhou-se para a sé, passando por baixo dos arcos alevantados pelos officios nos logares que para isso lhes haviam sido designados. Á porta da cathedral, sumptuosamente armada, estava o cabido, com o pallio, e o Santo-Lenho, que suas magestades beijaram de joelhos.

Depois de cantado um *Te-Deum* pelos musicos da capella, a familia real acompanhada pela côrte tomou o caminho do paço.

Logo que terminou a ceremonia, o infante, despedindo-se de seu irmão e da rainha, entrou n'um coche que o estava esperando, e foi para o Côrte-Real seguido apenas de alguns fidalgos.

A noticia de que sua alteza era obrigado a retirar-se da côrte pelas intrigas do valído, tinha corrido vagamente na cidade. Muitos individuos do partido do infante, e que tomavam parte activa nas conspirações tramadas contra o Castello-Melhor, não se descuidavam de irritar o odio e a desconfiança, que uma parte do povo manifestava contra o poderoso ministro: comtudo o geral da nação estava ainda, por aquelle tempo, quasi indifferente ás contendas e inimizades da côrte; e era mais a curiosidade do que outro qualquer sentimento, que levava o povo a escutar as furiosas declamações dos partidarios do infante.

Sua alteza decidira deixar a côrte no dia immediato

áquelle em que tivesse logar a entrada solemne da rainha em Lisboa; por isso, logo que chegou ao Côrte-Real depois do anoitecer, reuniu em roda de si os fidalgos que principalmente compunham o seu partido, para os consultar ácerca da importante resolução que tomara, por conselho de D. Rodrigo de Menezes.

N'uma sala vasta e mal allumiada por alguns brandões de cera, o infante presidia uma assemblea pouco numerosa de fidalgos e homens de guerra. Sua alteza estava assentado no topo da casa n'uma cadeira alta de velludo escuro, tendo ao pé um enorme lebréo, e ao lado sobre uma mesa uma trombeta doirada, seu instrumento favorito. A distancia, sentados em bancos de pau, os fidalgos esperavam que sua alteza quebrasse o silencio. D. Pedro hesitou muito tempo sobre o modo porque havia de começar a sua oração; voltou-se duas ou tres vezes com impaciencia, puxou para diante a pesada cadeira em que estava assentado, levou a mão aos cabellos, affagou a cabeça do lebréo, deu emfim evidentes signaes de desassocego antes de começar a fallar.

— Senhores — disse elle por fim com voz tremula, e buscando nos olhos do seu mordomo-mór, D. Rodrigo de Menezes, a força, que sentia faltar-lhe ao fallar pela primeira vez diante de uma assemblea — reuni-vos aqui, para vos participar a resolução em que estou de deixar a côrte, e retirar-me para Queluz. Sabeis todos o modo por que tenho sido tractado por el-rei, meu irmão, desde que o conde de Castello-Melhor

começou a ter poderosa influencia sobre o animo de sua magestade. Estou pobre, sem meios para manter a minha dignidade de principe, sem gentis-homens para me servir, sem nada; quando o valído, um aventureiro ousado, dispõe das rendas do reino, vive no fausto e na grandeza, e tyrannisa esta desgraçada nação que ainda ha pouco conquistou heroicamente a sua independencia. Pedi a sua magestade a casa de Bragança, que me pertencia, e recusou-m'a; pedi-lhe rendas, recusou-m'as; pedi-lhe que me nomeasse alguns d'entre vós para me servirem, e recusou-m'o. Ha pouco ainda, quando os enviados francezes vieram despedir-se de mim, se me não assistissem por mercê alguns titulos e fidalgos da côrte, esses estrangeiros iriam contar na côrte d'el-rei de França, que tinham visto pobre, só, abandonado de todos, o infante de Portugal. A inimisade de meu irmão contra mim vai de dia para dia crescendo mais. Já... Não vos contarei outra vez o que se passou entre mim e el-rei, quando assistiamos outro dia ao ensaio das canas. Os meus inimigos, não contentes com o separarem-me de meu irmão, ousam talvez agora... conceber mais sinistros projectos. Nada os póde deter na senda criminosa que vão trilhando. Já se me atreveram a um dos meus criados, a um mancebo valente, que servira com lealdade e honra na guerra; ao filho do general Mathias d'Albuquerque. Ha poucos dias que um bando de assassinos o atacou... e o deixou por morto ás portas da Ribeira. Francisco d'Albuquerque fôra chamado ao meu serviço pelo con-

de da Torre, e foi por isso que os da sanguinaria patrulha d'el-rei o quizeram matar. É tempo de me retirar da côrte, para que o braço, que se levantou armado sobre Francisco de Albuquerque, não ouse... manchar o reinado de meu irmão com um tremendo crime. Estou decidido a sahir da côrte, e a retirar-me á minha quinta de Queluz. Pedi a el-rei licença para o fazer, e a permissão que elle me deu foi quasi uma ordem de desterro. Espero, senhores, que me acompanheis no meu desterro; para que a nação saiba que o infante de Portugal é estimado pela nobreza, e é digno de o ser.

Todos os fidalgos escutaram o infante em profundo silencio; e só na expressão das suas physionomias se podia ver o effeito que n'elles causavam as palavras de D. Pedro. Apenas porém sua alteza se calou, a assemblea rompeu em brados de indignação contra o Castello-Melhor, e os do seu partido. D. Rodrigo de Menezes, que dictara ao infante o discurso que acabava de produzir tão grande effeito, sorria contente de si, e dava, por um gesto quasi imperceptivel e um olhar de intelligencia, parabens a seu amo pelo triumpho que alcançara.

Apenas o pequeno tumulto começou a desvanecerse, o conde da Torre, cuja voz estrondosa sobresahia a todas as outras, começou a fallar nos seguintes termos:

— Não andou avisado — disse elle — quem aconselhou a vossa alteza que se devia retirar da côrte, em tal occasião. Eu tenho visto muita vez os inimigos

pela frente, e não sei combater senão cara a cara. Retirar é fraqueza, quando a peleja é possivel, e a victoria provavel. Ainda não vi diante de mim adversario, que o não vencesse. Com esta espada na mão — bradou elle — não tenho medo de ninguem. Se elles, o valído e os seus, querem guerra, demos-lhe a guerra. Quem tem medo que se esconda, que eu cá tenho uma espada para me defender. Vossa alteza é filho do senhor D. João IV, e sabe que um principe nunca recua diante do perigo. Tem muitos braços que o defendam. Eu estou prompto a morrer por vossa alteza; e se ha ahi alguem que não queira fazer o mesmo, esse que se passe para o partido do valído, talvez que ache ainda vago o logar que lá deixou.

Esta ultima phrase foi directamente dirigida pelo general fanfarrão a D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, que pouco tempo antes deixara o partido d'el-rei para se ligar ao do infante, e que fôra dos que aconselharam sua alteza a que se retirasse para Queluz. O conde da Ericeira, apenas o conde da Torre acabou de fallar, poz-se de pé, e pediu licença a sua alteza para lhe responder:

— As obras valem mais do que as palavras — começou elle. — É bom fallar em combate n'um dia de batalha; no conselho a prudencia vale mais do que a fanfarrice. Se algum de nós é traidor, não é de certo dos que aconselharam a vossa alteza que não désse, com uma imprudencia, occasião aos seus inimigos para o accusarem de ser a causa de discordias civis. Perdi

a estima d'el-rei por lhe dizer a verdade ácerca do valído; e nem por isso estou resolvido a calar a verdade agora aqui. Já por eu dizer a verdade levantou sobre mim traiçoeiramente a mão um general...

Um murmurio geral da assemblea interrompeu o orador; porque todos receavam que uma pendencia dos dois condes viesse quebrar a harmonia que reinava entre os amigos do infante. Para se comprehender, porém, a significação e importancia das palavras do conde da Ericeira é indispensavel relatar o facto succedido durante a guerra com os hespanhoes, que foi causa da inimizade dos dois generaes.

No tempo em que D. João d'Austria sitiava Jerumenha, D. Diogo Caballero, general da cavallaria hespanhola, fez uma entrada pelas terras de Portugal com um grosso de cavallaria. O marquez de Marialva, que commandava o exercito em Villa-Viçosa, ordenou logo ao conde da Torre, general da cavallaria, que fosse pelejar com o inimigo, e ao tenente-general D. João da Silva, que estava em Elvas com alguns esquadrões, mandou dizer que marchasse immediatamente a encontrar-se com o conde no logar a que chamam a Fonte dos Sapateiros. Fez-se a juncção, e pouco depois passou a cavallaria hespanhola a pouca distancia do logar onde estava a tropa portugueza. O general porém deixou passar o inimigo sem o atacar, e só quando elle já ia a distancia mandou D. João da Silva perseguir-lhe a retaguarda, promettendo que em breve o iria ajudar. D. João da Silva cumpriu com valor as ordens que lhe

havia dado o conde da Torre, porém como este, em vez de seguir o inimigo, se retirou para Villa-Viçosa, viu-se o tenente-general na necessidade de voltar para Elvas depois de ter sem utilidade alguma perdido um numero consideravel dos seus soldados.

O conde da Torre, ao relatar o acontecido ao marquez de Marialva, calou as circumstancias que o podiam comprometter, e attribuiu o mau exito da expedição a D. João da Silva; porém o conde da Ericeira, que fôra informado da verdade por uma carta d'este, defendeu acaloradamente a honra do tenente-general, e d'aqui resultou o dar-lhe o conde da Torre com o bastão ao sahirem da tenda do marquez de Marialva, e ferir-se D. Luiz de Menezes na propria espada quando a tirava para se desaffrontar. D'esta occasião datava o odio dos dois generaes, e o murmurar-se no exercito contra o conde da Torre, de quem se escreveu o seguinte pasquim:

Tan soberbio en la paz,
Y tan cobarde en la guerra,
Toda su fama se incierra
En patarata, no mas.

O infante, interrompendo a falla do conde da Ericeira, impoz silencio á assemblea: e D. Luiz de Sousa, bispo do Porto, homem de cincoenta annos, gordo e baixo, cuja physionomia era extraordinariamente animada por uns olhos pequenos e vivos, começou a fallar com voz melliflua:

— A bondade divina seja comnosco! — disse elle

— Parece que estamos aqui n'um conselho de guerra: não se falla senão em espadas e em combates. O ardor militar não me parece conveniente n'esta occasião: e é bom que ao lado de illustres e valentes generaes estejam os homens de paz como eu, para evitar as imprudencias, e permitta-se-me a palavra, os erros. Andou bem avisado, senhor conde da Torre, quem aconselhou a sua alteza que sahisse da côrte, e se pozesse fóra do alcance dos tiros da inveja — a metaphora é militar, e sua senhoria de certo me ha de entender. — É preciso ter paciencia para esperar; Deus Nosso Senhor nunca abandona os bons. Não temos a recear que a vida de sua alteza corra perigo. A mão que se alevantou contra o desgraçado mancebo, que ha dias foi victima da crueldade do valído, cahiria sem força ao alevantar-se contra o descendente dos reis de Portugal. O sangue do innocente será vingado por Deus: *Vindicans vindicabo illis, dicit Dominus, et accipiam omnem sanguinem innoxium ex illis ad me.* Não queiramos apressar de mais a hora do castigo, para que o Senhor nos não abandone; não disputemos entre irmãos, para não gastarmos forças de que carecemos para resistir á tyrannia dos maus. A ida de sua alteza para Queluz ha de produzir impressão no animo de el-rei, e convencel-o talvez de que o valído o engana e atraiçoa, para o separar de um irmão que lhe quer muito, e é o seu mais sincero amigo. Talvez Deus Nosso Senhor falle por este modo ao coração de sua magestade, e lhe acorde o amor de irmão, por elle ha tanto tempo esquecido.

Estas palavras, ditas n'um tom conciliador pelo bispo do Porto, socegaram algum tanto os animos irritados dos dois condes. Porém D. Rodrigo de Menezes, não contente com esta apparente concordia, e desejando convencer todos os fidalgos de que o melhor caminho a seguir era o da prudencia, pediu licença ao infante para fazer algumas considerações ácerca do objecto de que se tractava, e este concedeu-lh'a immediatamente.

— A prudencia de sua alteza é tão grande — disse elle — que não se póde duvidar de que a sua opinião, na perigosa situação em que nos achamos, seja a melhor de todas. Sua alteza só põe o seu desvelo em ser um principe perfeito; e por tal fórma o allumia a luz da razão, que com insigne esplendor poderia governar o mundo. Se as imprudencias de el-rei, e a maldade do conde de Castello-Melhor poem em perigo a paz publica, não é razão que sua alteza siga tão mau exemplo. É verdade que o senhor infante tem sido aleivosamente affrontado por esse fementido ministro, é verdade que sua alteza perdeu, pelas intrigas d'esse ambicioso, a amizade de seu augusto irmão, é verdade que os assassinos já ousaram attentar contra a vida de um criado de sua alteza, mas não se segue d'aqui que nós devamos imitar os crimes do conde de Castello-Melhor. Deus não ha de deixar por muito tempo este reino nas mãos dos que o querem perder: a morte póde livrar-nos um dia do tyranno que nos opprime: *Breves dies hominis sunt.* É natural em ho-

mens de guerra, em generaes illustres, opporem-se ao que a elles lhes parece pouco valor, ao que tem por demasiada prudencia; se pensarem porém na situação em que estamos, se se lembrarem de que os inimigos do senhor infante são desgraçadamente apoiados por elrei, convencer-se-hão de que só resta escolher entre a guerra civil, e o prudente alvitre que sua alteza se propõe seguir. Mas a guerra civil agora seria um crime, seria entregar a patria aos hespanhoes e sacrificar a independencia por que combatemos ha vinte annos. O que ha pois a fazer? Retirar-se sua alteza para onde lhe não cheguem os tiros do valído, e esperar ahi que Deus se digne baixar olhos de misericordia sobre os portuguezes.

Com este discurso de D. Rodrigo de Menezes se pôz termo ao conselho, e os fidalgos separaram-se, depois de beijarem a mão do infante, para de novo se reunirem no dia seguinte á hora em que sua alteza determinára partir para Queluz.

No outro dia o infante mandou participar a toda a côrte que se retirava de Lisboa « não pelo mandar elrei, mas por permissão sua e *vontade alheia* »: e de tarde partiu para Queluz seguido de muitos fidalgos e titulares; causando este acontecimento extraordinario grande abalo no povo da cidade, e ficando por isso suspendidas as festas do casamento real.

CAPITULO XVI.

SCENAS DE FAMILIA REAL.

A noite estava serena, e o ar, puro e diaphano, por tal modo quieto que nem encrespava sequer a superficie das aguas do Tejo, onde a lua se reflectia como em um espelho do mais limpido crystal, prendendo uma á outra as margens do rio com uma faxa rutilante. Errantes sobre as aguas algumas luzes de pescadores traçavam a espaços linhas tenues de fogo, que ora se esvaeciam pouco a pouco no vivo clarão do luar, ora se perdiam ao longe na sombra projectada pelas ribas alcantiladas, e cobertas de escuros pinheiraes.

Lisboa, n'aquelles tempos muito menos vasta do que hoje, fechada n'um cinto de muralhas, coroada pelas torres negras de numerosos conventos, e pelos antigos muros do castello mourisco, estendia-se silenciosa

e immovel pelas encostas dos montes, e banhava os pés de marmore dos seus palacios na limpida corrente do Tejo. Só o lento e sinistro brado das sentinellas, o uivo distante dos cães, e o piar das aves nocturnas pousadas sobre as grimpas perturbavam o profundo repouso da cidade adormecida.

A formosura da noite, a serenidade das aguas do rio, o silencio que o murmurio d'aquellas poucas e isoladas vozes tornava ainda mais sensivel, o perfume das flores de que a aragem se tinha impregnado nos jardins e nos campos, os feiticeiros encantos, emfim, d'aquella scena maravilhosa derramavam uma suave melancolia no coração da rainha, que a contemplava, com ineffavel prazer, do eirado do paço.

D. Maria Francisca de Saboya estava languidamente recostada n'um amplo sofá de velludo escuro. Dois dias depois da sua entrada solemne em Lisboa fôra ella atacada de uma ligeira indisposição, e os medicos, que consideravam então as sangrias como remedio para todos os males, tinham-lh'as feito tão repetidas e abundantes, que a delicada e graciosa rainha ficara abatida e sem forças. O seu rosto pallido, allumiado pelo luar, parecia do mais puro marmore, e os olhos azues, a que o soffrimento fizera perder parte da natural vivacidade, tinham tomado uma expressão de doçura que lhe realçava a belleza.

Sentado ao lado da rainha, o infante D. Pedro contemplava com olhos de amor a formosura da gentil princeza; os labios, que sorriam, por mais de uma vez

murmuravam palavras de amor, mas tão baixo que nem chegavam aos ouvidos d'aquella que as inspirara. Sua alteza, depois que a rainha adoecera, vinha todas as noites de Queluz visital-a, e voltava depois para o que elle e os do seu partido chamavam *desterro*.

A porta, que dos quartos da rainha deitava para o eirado, estava aberta, e proximo d'ella, da parte de dentro da casa, Affonso VI encostado a uma mesa jogava o *solitario;* jogo muito usado então em França, e que a rainha lhe ensinara. El-rei dava profunda attenção ao jogo; e o conde de Santa Cruz, mordomo-mór da rainha, em pé atraz da cadeira de sua magestade, dava a perceber o interesse que tomava na partida de el-rei só pelos ligeiros gestos de impaciencia que lhe escapavam, quando via mover inconsideradamente alguma tabula.

O silencio durava havia muito quando a rainha, voltando os olhos para o infante, lhe perguntou se elle contava tornar n'aquella noite para Queluz.

— Vossa magestade bem sabe — respondeu D. Pedro de modo que el-rei o não podia ouvir — as razões que me levaram a sahir da côrte. Eu, infante de Portugal, não devia ceder á tyrannia do valído de meu irmão: fôra rebaixar a minha dignidade. Demais vossa magestade vê o modo por que el-rei me tracta; apenas se digna fallar-me, e nada do que eu lhe peço me concede. As intrigas do Castello-Melhor fazem com que meu irmão me considere como inimigo seu e do reino. É doloroso — proseguiu sua alteza suspirando — é do-

loroso para mim o estar longe da côrte, quando n'ella brilha o mais fulgente astro que sobre este reino se tem levantado; o desterro é dobrado martyrio agora, que a alma me fica presa aqui... captiva, para nunca mais ser livre.

Os olhos negros do infante diziam claramente o que os labios calavam a custo. A rainha sorriu, com a expressão indefinida e simultaneamente apaixonada da mulher, que adquire a certeza de ter captivado o homem por ella preferido, mas deseja esconder o intimo sentir da sua alma.

— É conveniente que vossa alteza se faça respeitar pelos seus inimigos — disse ella depois de uma pausa; — mas para isso não é necessario pôr em risco a tranquillidade do reino, e a sua independencia.

— Não serei eu nunca quem contribua para tão funestos resultados. Sejam quaes forem as offensas que eu receba na côrte, jamais recorrerei á violencia...

— Vossa alteza não póde ignorar que o seu retiro tem causado profundo sentimento em todo o reino; e que os de Castella estão com esperança de ver a nação dividida em parcialidades, porque julgam poder assim apossar-se novamente de Portugal.

— Se tivesse a desgraça — exclamou o infante — de tomar armas contra meu irmão, e accender a guerra civil, entregar-me-ia nas suas mãos captivo mesmo n'um dia de victoria, quando visse que a minha rebellião expunha esta nação a ser outra vez subjugada pelos hespanhoes.

— Então porque não volta para a côrte, porque não vem viver outra vez para o seu palacio do Côrte-Real?

— A Queluz não chegam as intrigas dos valídos. O socego de particular, de que lá góso, vale muito mais do que estes desgostos que aqui padeço como infante.

— E prefere o socego de Queluz... á côrte? — perguntou a rainha em tom melancolico.

O infante sentiu vibrar-lhe o coração no peito como se fôra de crystal; as faces coraram-se-lhe da mais viva purpura, e os labios murmuravam baixinho palavras inarticuladas. Ao impeto da paixão, que violento agitou a alma de D. Pedro, seguiu-se um longo e expressivo silencio.

No fim, quando sentiu que tinha força já para fallar, respondeu apenas com voz tremula:

— Farei o que vossa magestade me ordenar.

— Direi francamente a vossa alteza o que se passou, para o resolver a ficar na côrte — disse a rainha. — O conde de Castello-Melhor tem feito tudo da sua parte para abrandar el-rei, e persuadil-o a que ceda da sua determinação a respeito dos gentis-homens que vossa alteza lhe pediu.

— Se assim fosse, meu irmão...

— El-rei tem resistido ás instancias do seu valído, e ás minhas tambem. Comtudo o Castello-Melhor tem esperança de que em breve as coisas se accommodarão, de modo que vossa alteza fique satisfeito.

— Não cederei em nada... — interrompeu o infante com impaciencia.

— Não me disse que faria o que eu lhe ordenasse?

— Peço perdão a vossa magestade da minha impaciencia.

— O conde deseja servir a vossa alteza; disse-m'o elle, e eu tenho provas de que me disse a verdade. O Castello-Melhor receia que o partido de vossa alteza cresça com a perseguição e o odio de el-rei; eis a razão porque quer vel-o de novo na côrte, e pede a sua magestade que nomeie gentis-homens para servirem na casa de vossa alteza. Hoje no conselho de estado...

— Que se passou?

— El-rei cumpriu emfim a promessa, que fez logo no dia em que cheguei, de me dar logar no conselho de estado. Fui hoje pela primeira vez, apesar de doente que estou, assistir a um conselho, em que só se tractou da questão que a vossa alteza tanto interessa. El-rei fallou muito, e com muita cólera sobre o assumpto; e terminou dizendo, que vossa alteza se retirara da côrte por causa de alguns criados que elle lhe não quizera conceder; porém que o principal motivo sabia elle serem os maus conselhos de pessoas que desejavam fomentar a divisão, e irritar os odios; que a esses daria elle um dia o castigo que mereciam.

— O conde persuadiu a meu irmão, que foram crimes de outros a origem dos males de que elle só é causa — disse o infante colerico.

— O Castello-Melhor — proseguiu a rainha — fal-

lou logo depois d'el-rei, dizendo que, se era elle a causa d'esta desgraçada desunião, como seus inimigos publicavam, pedia a el-rei que o castigasse...

— E el-rei...

— Sua magestade fez do conde os maiores elogios; e o conselho todo justificou-o das accusações que os seus inimigos lhe teem feito.

— Este ministro maldito póde tudo; todos o adulam, todos se lhe rojam aos pés.

— Espere vossa alteza, sem imprudencia, pelo resultado das promessas do conde.

— Diz-me vossa magestade que espere! — exclamou D. Pedro. — Pois não sabe que já me mandaram assassinar um dos meus criados, e que talvez ousem...

— O valído queixa-se tambem... — peço desculpa a vossa alteza de lhe fallar n'uma calumnia, que de certo não tem fundamento algum, mas que é geralmente acreditada na côrte; — accusam a vossa alteza de ter mandado dar uns tiros em Simão de Sousa, o irmão do conde...

— É para me malquistarem ainda mais com el-rei, que.... levantam essas calumnias. Já sei que sua magestade mandou chamar dois corregedores da côrte, e lhes ordenou que tirassem devassa rigorosa...

— O conde fallou-me d'isso ainda hoje, assegurando-me que se tinham passado ordens para que a devassa não progredisse. — Mas é realmente para estranhar — proseguiu a rainha, rindo-se — que eu esteja ha tanto

tempo a fallar de negocios politicos! Bem se vê que já faço parte do conselho de estado.

— E no conselho a opinião de vossa magestade ha de ser sempre a mais digna de ser escutada e seguida.

— Vossa alteza póde agora provar que julga bons os meus conselhos.

— Eu já disse a vossa magestade que estava prompto, como é meu dever, a obedecer-lhe em tudo.

— Não mando, peço — disse a rainha com um gesto gracioso que lhe estava desmentindo as palavras. — Peço-lhe que, para evitar o incommodo de vir de noite saber novas minhas, e de se recolher fóra de horas para Queluz, se deixe ficar na côrte em quanto durarem os meus padecimentos. Talvez que entretanto se accommodem as coisas do modo mais conveniente, e a seu gosto. É verdade — proseguiu a rainha — que um passeio no campo, por esta formosa noite de luar, deve ser antes um prazer do que um incommodo.

— A noite está encantadora na verdade — disse o infante; — mas a mim parece-me mais puro o céo, mais perfumada e suave a aragem, mais brilhante o luar, aqui aos pés de vossa magestade, do que na minha solidão de Queluz.

Um olhar radioso, terno e melancolico da rainha foi a resposta a estas palavras, ditas por D. Pedro com uma voz, que a paixão comprimida tornara tremula e vibrante.

El-rei continuara a jogar o solitario, em todo o tempo que durou este vivo dialogo entre seu irmão e a

rainha; e não ouvira d'elle uma só palavra, porque do logar, em que estes estavam no eirado á casa onde jogava Affonso VI, mediava uma consideravel distancia.

Depois de ter tentado em vão por muitas vezes *fazer o solitario*, el-rei levantou-se impacientado, e encaminhou-se a passos vagarosos para sua esposa. Quando a rainha o viu perto, voltou-se para elle com vivacidade, dizendo-lhe com astuciosa alegria:

— Sua alteza condescendeu com os meus rogos; e já esta noite fica no seu palacio do Côrte-Real.

— Era um dever meu — accrescentou o infante — obedecer ás ordens da rainha, minha senhora. Conservar-me-hei na côrte até que sua magestade esteja de todo restabelecida da doença que infelizmente a accommetteu; mas depois ir-me-hei para a minha casa de Almada, porque não quero com a minha presença causar desgosto a el-rei, meu senhor.

— Vossa magestade não ha de consentir — disse a rainha, interrompendo sua alteza e dirigindo-se a Affonso VI — que esteja longe da côrte a pessoa que n'ella tem a mais elevada posição, depois de vossa magestade; sendo, como é, a sua presença necessaria para o lustre e grandeza da sua real coroa. Estar separado de um principe de tantas e tão relevantes virtudes, quando n'esse principe vossa magestade sabe que tem o amor de um irmão e o zelo de um amigo, deve causar-lhe profunda magoa; e se até hoje causas particulares tem impedido que ceda vossa magestade aos rogos de sua alteza, é de esperar...

— Tu bem sabes, Pedro, que não sou eu o culpado do que se tem passado entre nós n'estes ultimos tempos — disse el-rei ao irmão. — Conselheiros maus te persuadiram, que podias exigir de mim quanto te aprouvesse, que eras o maior de todos n'este reino. Grande aqui sou eu só, Pedro, e hei de repartir a minha grandeza com quem quizer.

— Não ponho em duvida o direito que vossa magestade tem de escolher os seus ministros — disse o infante — mas desejava que me désse a mim, ao menos, o direito de escolher criados para me servirem. Respeito vossa magestade como rei e irmão, que é, mas...

— Respeitas-me, mas não perdes uma só occasião de me offender.

— Vossa magestade fez muitas vezes o solitario? — perguntou a rainha, cortando esta perigosa conversação, que já ameaçava a tornar-se tempestuosa.

— Não, senhora — respondeu el-rei. — Estou infeliz em tudo; nem ainda mereci esta noite a vossa magestade uma palavra sequer. Meu irmão tem sido muito mais feliz.

— Não quiz perturbal-o nos seus calculos de jogo.

— Vossa magestade dá-me sempre muito prazer quando se digna fallar-me. Não te succede a ti o mesmo, Pedro?

Esta pergunta d'el-rei fez subir o rubor ás faces do infante, que balbuciou apenas algumas palavras, sem levantar os olhos do chão.

A rainha, para o tirar da situação melindrosa em que o via, queixou-se da frescura da noite, pretextou uma dor de cabeça e levantou-se para se recolher aos seus quartos; pedindo ao mordomo-mór, conde de Santa Cruz, lhe fosse buscar uma *banda* para se abafar.

Pouco tempo depois de se recolherem do eirado, os dois reaes esposos e o infante ouviram uma viva altercação na antecamara.

O mordomo-mór e a camareira-mór, mãe do conde valído, disputavam em voz de falsete ácerca do objecto, para elles, de maior importancia no mundo; isto é, ácerca das preeminencias e direitos dos seus respectivos cargos.

— Sua magestade pediu-me esta banda para se abafar — dizia o conde de Santa Cruz — e quero levar-lh'a.

— Não ha de leval-a — bradava a marqueza de Castello-Melhor. — Só eu é que tenho, como camareira-mór, direito de vestir a rainha.

— Foi a mim que ella pediu a banda; e eu não cedo da honra que sua magestade me fez...

— Largue a banda, senhor mordomo-mór; largue a banda para eu a levar!

— Sua magestade está á espera...

— Sua magestade está com frio...

— Póde fazer mal á rainha.

— Corre perigo de uma recahida.

— Largue.

— Não largo.

— Senhor mordomo-mór!

— Vossa excellencia por ser mãe do senhor conde de Castello-Melhor não deve querer usurpar aos outros as honras...

— Hei de queixar-me a sua magestade.

— Vou já pedir justiça a el-rei.

— Olhe que se rasga, senhor conde.

— Isto é um escandalo, senhora marqueza.

Esta singular e comica altercação tinha logar em tão alta voz, que tudo era distinctamente ouvido no quarto da rainha. Quando Affonso VI ouviu a marqueza bradar que lhe queria pedir justiça, levantou-se da cadeira em que se tinha sentado, e encaminhou-se para a antecamara, dizendo:

— Vou pôr termo áquella contenda; estou resolvido a governar a minha casa.

— Não só a sua casa devia vossa magestade governar — disse imprudentemente o infante — mas o reino; para evitar, que por mais tempo continuem as queixas de seus pobres vassallos.

El-rei ao ouvir estas palavras do irmão, que tinham claramente por fim atacar o seu valído conde, parou; e voltando-se cego de raiva:

— Não te mettas a dar conselhos quando eu t'os não pedir, Pedro! — bradou elle — O que tu queres é separar-me do conde; é esse o teu constante pensamento... o teu e o dos miseraveis conselheiros que te cercam, e que ainda te hão de perder.

— Vossa magestade é injusto para todos; e julga o conde...

— Não falles no conde! São traidores quantos o accusam, e hão de ter um dia o castigo que merecem.

— Socegue vossa magestade — interrompeu a rainha, interpondo-se, para impedir que passasse a maiores excessos a cólera d'el-rei. — O senhor infante quiz-lhe dar um conselho de irmão, e não offender...

— Vossa magestade não o conhece ainda — disse o rei com voz tremula e limpando as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos. — Este meu irmão é o maior inimigo que eu tenho. O que elle queria era poder tirar-me a coroa!

— Vossa magestade é de certo injusto para com seu irmão. Sua alteza só quer o bem do reino, e a gloria de vossa magestade.

— Não tenho amigos; ninguem... ninguem... — murmurou el-rei soluçando.

E sem escutar as consolações da rainha sahiu precipitadamente da sala.

O infante estava pallido como um cadaver; os labios tremiam-lhe n'uma convulsão violenta, e os olhos faiscavam-lhe de raiva. Um olhar da rainha, brando e amoroso, extinguiu n'um instante aquelle furor mal comprimido, como os primeiros raios do sol da madrugada desfazem o transparente véo de geada que cobre as plantas do valle.

— Vossa magestade bem vê — disse D. Pedro á rainha depois de um breve instante de silencio — que me não é decoroso ficar na côrte depois do que se acaba de passar aqui. Prometti a vossa magestade ficar

no Côrte-Real, cumprirei a minha promessa; mas o que eu não posso é voltar ao paço, porque el-rei me faria novas affrontas, e a paciencia não é infinita.

— Vossa alteza sabe como el-rei é — atalhou a rainha. — Ámanhan pedir-lhe-ha perdão das offensas que lhe fez hoje, esquecerá tudo...

— Mas eu é que não posso esquecer.

— E se eu pedir a vossa alteza que esqueça? — perguntou ella com um sorriso gracioso, de enfeitiçar.

— Esquecer-me-hei — respondeu o infante com humildade.

N'este momento o mordomo-mór e a camareira-mór entraram na sala, elle com uma banda verde no braço, ella com outra escura; e ambos vieram offerecel-as á rainha. Sua magestade acceitou a que lhe apresentara o conde de Santa Cruz, dizendo:

— Esta é de cor mais alegre, marqueza, por isso a prefiro.

E estendeu a mão á marqueza de Castello-Melhor, que ajoelhou para a beijar.

CAPITULO XVII.

A MENSAGEM.

Luiz de Mendonça, depois que o seu amigo Francisco d'Albuquerque fôra transportado, quasi moribundo, para o Côrte-Real, raras vezes sahira do palacio; e por isso não tornou mais a vêr a rainha desde o dia em que, na toirada real, um toiro o feriu, quando apanhava o lenço que sua magestade deixara cahir das mãos. Foi para elle, pois, um momento de prazer, de pallido susto, de dor e alegria ao mesmo tempo, aquelle em que o infante lhe ordenou que fosse ao paço — « para restituir a sua magestade o lenço que tinha tido a honra de guardar, e ter por essa occasião a ventura de lhe beijar a real mão. »

D. Pedro, depois da questão que tivera com el-rei por causa da pendencia alevantada entre a camareira e

o mordomo-mór da rainha, não voltara ao paço; mas, apesar de não ter mandado recolher de Queluz a sua recamara, tinha-se conservado no Corte-Real: não só porque assim o havia promettido á rainha, mas tambem porque recebera ordem expressa de seu irmão para se não ausentar de Lisboa. Sua alteza estava desejoso de saber novas directas da rainha por pessoa de sua casa, e foi este o motivo porque mandou chamar Luiz de Mendonça e lhe deu a ordem, que n'este produziu tão encontrados e violentos sentimentos.

Era noite fechada quando Luiz de Mendonça se encaminhou para o paço, levando uma carta do infante para a rainha, e o precioso lenço, de que elle se ia separar cheio de profunda magoa; porque fôra o seu unico allivio nas horas do pungente padecer, do amargo desalento, desde o dia em que havia, por um perigoso e arrojado combate, ganho o direito de o apertar ao coração, de o beijar muitas vezes, e de o ensopar nas suas lagrimas e no seu sangue.

O amor de Mendonça pela rainha era um d'estes amores sem limite e sem esperança, que se alimentam dos proprios soffrimentos, que crescem regados de prantos, e lançam raizes profundas n'um coração dilacerado pela dor. O caracter orgulhoso, frio, desconfiado e pouco expansivo do amante de Aza, do homem que trahido se vingara por um assassinio, tinha-se tornado mais melancolico, mais concentrado ainda, depois que um novo amor lhe acordara violentamente as intimas e profundas paixões. A ambição havia penetrado

tambem com este amor na alma de Mendonça; Cromwel e Mazaniello eram homens sublimes, que lhe faziam horror mas que elle admirava, porque souberam ser grandes alcançando o poder e a gloria. Ás vezes o apaixonado mancebo pensava na possibilidade de chegar aos postos mais elevados, combatendo na guerra contra Castella; outras, sonhava conspirações contra o valído, e não se lhe aterrava o coração com a ideia de ser elle mesmo o assassino d'esse ministro, que reputava criminoso; o que elle desejava só era merecer o amor da rainha, subir para poder chegar aos pés da mulher que amava. O desalento, que sentia pesar-lhe no coração quando estava a sós com o seu pensamento, em vez de lhe apagar o ardor da paixão, não fizera senão irrital-o contra a propria fraqueza, e excital-o a luctar com a sorte: apesar de lhe mostrar a razão que era inutil o combate, porque a sua situação tornava a victoria impossivel.

Quando se encaminhava para o paço, onde ia fallar pela primeira vez com a rainha, ligeiras esperanças, a que buscava apegar-se como o naufrago procura agarrar com mão tremula a alga que boia sobre as ondas, fluctuavam mal seguras no espirito de Luiz de Mendonça. Afigurava-se-lhe sentir os olhos radiantes da formosa princeza baixarem-se sympathicamente sobre elle, e aquella boca formosa, que elle tantas vezes adorara nos seus sonhos febris, sorrir-lhe para o animar e dar-lhe força. Esta fugaz e tenue alegria era logo depois substituida por um quasi terror, causado pela ideia

de se ver de todo desprezado, e de ser apenas recebido e tractado pela rainha como o mensageiro do infante, que elle sabia que era seu rival.

Foi tremulo e enfiado de susto e de esperança, com o passo incerto, e escondendo-se nas sombras como se fôra commetter um crime, que Luiz de Mendonça atravessou o páteo da capella e se approximou de uma porta do paço estreita e pouco elevada, a que chamavam a *portaria das Damas*. A porta estava fechada, mas o mensageiro de sua alteza, que recebera as necessarias instrucções de D. Rodrigo de Menezes, não hesitou em bater duas pancadas com a argola de bronze, mas tão de vagar bateu, que só alguem que estivesse proximo da porta o poderia ouvir. A porta, comtudo, abriu-se immediatamente; e uma mulher, embuçada em uma manta de capuz, perguntou a Mendonça, com uma voz tremula e fanhosa, que destruira todas as duvidas que por ventura podessem nascer no espirito do mancebo ácerca da sua idade: « quem elle procurava áquellas horas, alli na *portaria das Damas do paço.* »

— Trago uma mensagem para sua magestade — respondeu Luiz de Mendonça.

— A esta hora! Sua magestade não recebe...

— É uma carta — atalhou o mancebo.

— Uma carta! — murmurou a velha porteira — Dê-m'a, dê-me a carta para eu a levar...

— Só nas mãos da rainha, nossa senhora, é que a posso entregar.

— Nas mãos da rainha! Jesus! vossa mercê está

doido! Credo! Fallar á rainha! Olhe, eu vou dizer á senhora camareira-mór...

— Não vá.

— Volte ámanhan, e então irei receber as ordens de sua magestade.

E a velha estendeu a mão para fechar a porta.

— Escute, senhora — disse Mendonça, detendo-a. — Sua magestade quer receber-me, eu bem o sei. Vá dizer...

— Á senhora camareira-mór?

— Não. A... a mademoiselle d'Amuraude...

— A dama franceza que veio com sua magestade?

— Sim.

— Essa não tem nenhum officio no paço; não tem direito de levar cartas e recados á rainha.

— Chame-a.

— Não, não a chamo. E tire-se, senão vou queixar-me ao senhor mordomo-mór, ao senhor conde...

N'este momento um homem de capa escarlate desceu rapidamente a escada que dava para a *portaria das Damas*, e parou ao lado da velha porteira.

— De quem se quer queixar, senhora Agostinha? perguntou elle á porteira com uma pronuncia estrangeirada, e nada correcta.

— Este cavalheiro quer fallar a sua magestade, a esta hora. Veja que atrevimento, senhor Estevão de Castilho! — exclamou a velha.

— Da parte de quem? — perguntou o francez.

— Da parte de sua alteza — respondeu Luiz de Mendonça.

— De sua alteza! bom! deixe-o entrar, senhora Agostinha.

— Não, não o deixo entrar sem licença...

— É vontade da rainha, minha senhora. Entre, entre, senhor — proseguiu Estevão de Castilho, criado francez da rainha, dando a mão a Luiz de Mendonça e conduzindo-o para a escada.

— Senhor Castilho, que faz vossa mercê, que quer fazer? Não sabe...

— Sei quaes são as ordens de sua magestade, senhora Agostinha — respondeu o francez subindo a escada.

A senhora Agostinha ficou praguejando entre dentes contra os francezes, que infringiam as leis da etiqueta, em quanto os mancebos penetravam na parte do palacio real habitada pelas damas da rainha, por uma porta baixa que ficava no meio da escada.

Foi u'um longo corredor, similhante a um claustro, com portas aos lados e apenas allumiado por uma lampada suspendida do tecto por tres cadeias doiradas, que o francez deixou Luiz de Mendonça. Estevão de Castilho encaminhou-se para uma porta que ficava ao fundo do corredor, e, abrindo-a lentamente, entrou, fazendo uma profunda reverencia, n'uma sala brilhantemente illuminada, d'onde sahia o murmurio de muitas vozes feminis. Apenas entrou tornou-se a fechar a porta; e Mendonça ficou só no corredor.

A principio, o namorado cavalheiro, entregue ás suas serias meditações, esperou de pé á entrada do corredor pelo criado da rainha, que tinha promettido voltar em breve: mas, vendo que se demorava mais do que promettera, começou, levado por uma attracção irresistivel, a caminhar para a porta por onde o vira entrar. Uma voz intima lhe dizia que era alli que estava a formosa rainha.

Mal elle tinha, porém, dado alguns passos, as portas que ficavam de um e de outro lado do corredor começaram a ranger ligeiramente, e pelas fendas, que mãos cautelosas n'ellas abriam, a apparecerem olhos vivos, que a curiosidade animava. Luiz de Mendonça admirado do que se passava, e sentindo-se o alvo da curiosidade das damas da rainha, parou perplexo no meio do corredor, e começou a examinar com attenção cada uma das portas por detraz das quaes elle sabia que o espreitava uma dama curiosa: mas a cada movimento que fazia com a cabeça, uma porta se fechava precipitadamente, e uns olhos, mais ou menos bonitos, desappareciam ao som de uma gargalhada de escarneo mal comprimida.

— É elle! — disse baixo uma voz de mulher, pela fenda de uma das portas que ficavam por detraz de Luiz de Mendonça.

— Elle, quem? — sibilou outra voz da porta fronteira.

— O que na toirada...

Mendonça voltou a cabeça e immediatamente as vozes calaram, e fecharam-se as portas.

— Quem será? — murmurou outra voz do lado opposto do corredor.

— Que virá fazer aqui a esta hora? — perguntou outra.

— Ouvi passos...

— Já estavas deitada?

— Ainda não.

Um novo movimento do mensageiro do infante fez parar este dialogo, e fechar duas portas immediatamente. A primeira conversação proseguiu.

— Quem disseste que era?

— O criado de sua alteza, que na toirada apanhou o lenço...

— Da rainha?

— Sim.

Duas gargalhadas interromperam n'este ponto a conversação das duas damas.

— Como é que a tia Agostinha o deixou entrar? — disse uma.

— Só se foi por ordem de sua magestade — respondeu outra.

— Não póde ser.

— É criado de sua alteza, e então...

— Cala-te!

Luiz de Mendonça havia-se conservado immovel para não perturbar esta mysteriosa conversação; voltando-se porém de repente, para ver se podia descobrir

quem eram as maliciosas interlocutoras, no momento em que as julgava mais descuidadas, viu, á meia luz que a lampada lançava por todo o dormitorio, as cabeças de duas raparigas que riam, mostrando dentes alvos como perolas. Ambas soltaram um ligeiro grito, e se recolheram para os quartos, fechando as portas com precipitação. Pouco depois, como elle se conservava voltado para o lado da porta por onde entrara no corredor, o segundo dialogo continuou.

— Deixam-no aqui ficar toda a noite! — exclamava uma voz.

— Elle entrou só? — perguntava outra.

— Ouvi passos de duas pessoas.

— E a outra?

— Foi para a casa do *lavor*.

— Sua magestade ainda estará levantada?

— Está, está alli a ver bordar, e a ouvir ler.

— É tarde!

— São dez horas quasi.

— E sua magestade sem se recolher!

— Saberá ella...

Um rapido movimento de Mendonça, similhante ao de que poucos momentos antes tirara tão excellente resultado, fez calar immediatamente as vozes, e fecharem-se as portas dos quartos; sem que fosse comtudo possivel d'esta vez ao namorado mensageiro descobrir quem n'elle empregava tanta curiosidade.

Luiz de Mendonça começava a recear que o criado francez da rainha d'elle se tivesse esquecido. A sua si-

tuação era em extremo desagradavel: aquelles olhos que elle sentia, sem os ver, fixarem-se sobre elle de todos os lados, irritavam-lhe os nervos e impacientavam-lhe o espirito, que causas mais graves já haviam desassocegado e abatido. Elle estava quasi resolvido a sahir do paço sem esperar mais tempo por Estevão de Castilho, apesar do ardente desejo que tinha de ver a rainha, e das ordens que recebera de sua alteza, quando a porta do fundo do corredor se abriu, e uma rapariga de estatura pouco elevada, mas gentil e proporcionadamente contornada e com uma physionomia animada por um riso de zombaria, se approximou d'elle com affectada gravidade. Era mademoiselle de Amuraude, a favorita da rainha.

— Que quer vossa mercê a sua magestade, cavalheiro? — disse ella em puro castelhano, respondendo com uma solemne mesura á respeitosa cortezia de Luiz de Mendonça. — A esta hora! é mister que seja de grande importancia a mensagem de que vem encarregado, para se ter atrevido a penetrar aqui...

— É uma carta do senhor infante, que eu trago para sua magestade — respondeu Mendonça. — Sua alteza está ancioso por saber novas da saude da rainha, nossa senhora.

— Dê-me essa carta, senhor, para eu a levar a sua magestade.

— Não seria possivel entregal-a eu mesmo...

— A rainha não recebe cartas da propria mão dos mensageiros — interrompeu ella rindo: — a etiqueta...

— Então não me será permittido beijar a real mão de sua magestade?

— Não lhe posso dizer qual é a vontade da rainha, minha senhora; mas parece-me que sua magestade não fará a um cavalheiro desconhecido a mercê de lhe fallar.

— Sua magestade dignou-se consentir que eu viesse agradecer-lhe...

— O quê?

— A honra que tive de apanhar na toirada o real lenço...

— Foi vossa mercê?...

— Fui eu, senhora.

— Então talvez sua magestade se digne recebel-o hoje mesmo — disse ella rindo com malignidade. — A rainha faz grande estimação do lenço que vossa mercê tem em seu poder, por ser uma prenda que lhe deu sua augusta irman a senhora duqueza de Saboya; por isso terá muito gosto em que vossa mercê lh'o restitua immediatamente; e pagará, como quem é, o serviço que lhe foi prestado.

— Sua magestade...

— Espera pela carta do senhor infante.

Luiz de Mendonça apresentou a mademoiselle de Amuraude a carta de sua alteza, dizendo:

— Espero que se não esqueça, senhora, de levar aos pés de sua magestade a minha humilde supplica.

— Não esqueço nunca — respondeu a favorita da rainha, lançando ao mensageiro do infante uns olhos,

cuja jovialidade contrastava com o tom solemne em que ella tinha dito estas palavras, e sobre tudo com a melancolia que no rosto de Mendonça transparecia claramente.

Apenas recebeu, com uma reverencia, a carta de D. Pedro, mademoiselle de Amuraude entrou na sala onde estava a rainha, deixando outra vez só Luiz de Mendonça, cujo coração palpitava de esperança e receio. Poucos minutos depois a dama da rainha tornou a apparecer á porta do corredor, e dizendo-lhe que a seguisse, conduziu-o á presença de sua magestade.

A sala onde estava a rainha era uma vasta casa, toda forrada de *guadamecins* (1) doirados; e illuminada por candelabros de prata. No meio havia um immenso bofete de madeira negra, em roda do qual as *moças de lavor* estavam trabalhando; no fundo, a rainha, recostada n'uma cadeira alta de espaldas, tinha na mão a carta do infante, e fallava em voz baixa rindo e gesticulando com uma dama franceza, que estava sentada ao seu lado n'um escabello, com um livro na mão.

A entrada de Luiz de Mendonça fez levantar todos os olhos, e revoar um sorriso nos labios de todas as damas e *moças de lavor*. O ruido de muitas vozes que fallavam baixinho produziu um rapido murmurio, que correu em roda do bofete e foi terminar nas duas orelhas surdas de uma severa, feia e carrancuda velha, que presidia aos trabalhos de costura das criadas do

(1) Tapeçarias de coiro envernizado.

paço, com a mesma gravidade com que um juiz preside ao tribunal, que vai pronunciar uma sentença de morte.

A rainha, quando viu ajoelhar o mensageiro do infante proximo do estrado que lhe servia de throno, perguntou-lhe primeiramente por sua alteza, e proseguiu depois dizendo « que sentia muito que o senhor infante não tivesse voltado ao paço, estando na côrte e tão perto do palacio real. »

— Vossa magestade conhece de certo a causa por que o senhor infante, meu amo, tem estado privado da felicidade de vir fazer côrte a vossa magestade e a el-rei.

— Dizei ao senhor infante — atalhou a rainha — que os motivos da sua ausencia acabaram já. Sua magestade el-rei está resolvido a nomear gentis-homens de sua alteza os fidalgos que por elle forem escolhidos; com tanto que desista da primeira eleição que fez, e não nomeie o conde de Sarzedas.

— Farei presente a sua alteza as palavras de vossa magestade.

— Agora compete-me agradecer — disse a rainha, mudando de tom — o serviço que me prestastes. Dizei-me o que desejaes em paga da vossa dedicação, e contai que vos hei de attender em tudo.

— O pequeno serviço, que tive a dita de prestar a vossa magestade, considero-o eu como o maior favor que Deus me tem concedido — respondeu Luiz de Mendonça com voz tremula. — A paga d'esse serviço, paga

muito superior ao que elle vale, é a bondade com que vossa magestade se dignou lembrar-se de mim, e conceder-me a honra de lhe beijar a mão.

— Falla bem! — disse a rainha em francez, voltando-se para mademoiselle de Amuraude — Não parece um fidalgo d'esta côrte de selvagens. Diz finezas como um francez.

— E não é feio — observou a dama, rindo-se.

— Gostas d'elle, Ninon?

— Parece-me bem.

— És bonita... não te ha de ser difficil fazer com que te ame.

— Não é tão facil como vossa magestade pensa.

— Porque...

— Creio que já não tem livre o coração.

— Júlgal-o namorado?

— Julgo.

— De quem?

— Isso não me atrevo eu a dizer a vossa magestade: nem elle talvez ouse confessal-o a si proprio.

— Fazes-me curiosidade.

— Aquelle lenço que elle apanhou.... com risco de vida... — disse rindo mademoiselle de Amuraude.

— É de mim que elle está namorado, Ninon? — perguntou a rainha, rindo.

— Creio que sim — respondeu Ninon fazendo uma mesura.

Voltando-se então para Luiz de Mendonça, que tinha ficado silencioso e de joelhos, durante esta conver-

sação n'uma lingua que elle não entendia, a rainha disse:

— Não quero deixar-vos sem um signal da minha estima; seria penoso para mim que me considerasseis ingrata. Dizei-me o que quereis?

— Quero só restituir a vossa magestade o lenço, que tenho na minha mão, e que vossa magestade tanto estima; só peço que me perdôe o ter-me demorado tanto em lh'o restituir...

Dizendo isto o mancebo apresentou á rainha o lenço que trazia sobre o coração, córando excessivamente, e balbuciando algumas palavras.

Sua magestade recebeu graciosamente o lenço; e depois de o ter tido alguns instantes na mão, deu-o outra vez a Luiz de Mendonça.

— Aqui tendes este lenço — disse ella com um sorriso encantador. — É uma rainha que vol-o offerece; e foi bordado por mãos de princeza. Guardai-o, como signal da minha gratidão.

Luiz de Mendonça acceitou o presente que lhe offerecia a rainha, n'um extasis de felicidade: e quando esta princeza estendeu a mão, beijou-lh'a com tal ardor, que a fez córar um instante e estremecer.

A rainha levantou-se e sahiu da sala, acompanhada de duas das suas damas, recommendando ao mensageiro do infante, que se não esquecesse do recado que ella lhe tinha dado para sua alteza. E Luiz de Mendonça conduzido por Estevão de Castilho, que tinha entrado na sala apenas a rainha sahira, atravessou o

longo corredor, que servia de dormitorio a parte das criadas do paço, desceu a escada que conduzia *á portaria das Damas*, e achou-se, quasi sem o sentir, só, no meio do páteo da capella.

Embebido nas suas cogitações, e com o coração profundamente agitado, Luiz de Mendonça caminhou para o Côrte-Real, sem ver os objectos que o cercavam, sem attender ao caminho que trilhava, por um simples impulso mechanico totalmente estranho á vontade.

Ao entrar porém no palacio do infante elle foi como acordado pelo clamor de muitas vozes, e pelo correr de muitos homens, que subiam e desciam tumultuosamente as escadas, e se cruzavam em todos os sentidos, com luzes na mão, e espadas desembainhadas.

Commovido, assustado do que via, o criado fiel do infante correu a indagar a causa de tão grande desordem.

Este tumulto causava-lhe muita admiração, porque tinha deixado tudo em socego quando poucas horas antes sahira do Côrte-Real.

CAPITULO XVIII.

ACCUSAÇÕES.

Para se conhecer a causa da desordem em que Luiz de Mendonça achou o Côrte-Real, é indispensavel contar aqui alguns acontecimentos importantes para esta historia, que se passaram depois do dia em que Francisco d'Albuquerque foi atacado pelos assassinos da patrulha baixa, ao sahir de casa da amante d'el-rei.

A Calcanhares, debruçada de uma janella que deitava para a praia, seguiu anciosa com os olhos o seu amante quando este se apartou d'ella, na noite em que tivera logar a scena de amor a que assistimos n'um dos precedentes capitulos. A cada passo Francisco d'Albuquerque parava para ver a figura de Margarida, desenhada em linhas puras e graciosas no fundo illuminado da casa: e ella por gestos apaixonados lhe exprimia a

exaltação do seu amor, e a magoa que lhe causava aquella, posto que breve, separação.

Por mais d'uma vez o moço namorado voltou atraz, para a admirar e prolongar por mais alguns instantes a amorosa despedida, antes de se resolver a separar-se da casa em que lhe ficavam o coração e o desejo; mas por fim o receio de pôr em risco o socego de Margarida venceu, e Francisco d'Albuquerque, caminhando com passos apressados pelas ruas estreitas da Ribeira, perdeu em breve de vista a janella da sua amada.

Esta, apenas o capitão desappareceu, sentiu rumor de passos na praia, e um murmurio de vozes que fallavam em segredo. Debruçou-se mais, e viu tres vultos de homem que corriam na mesma direcção que tomara Francisco d'Albuquerque; a estes reuniu-se pouco depois outro homem, em cuja mão relampagueou, ao clarão baço das estrellas, o ferro de uma espada. E todos quatro se sumiram na encruzilhada de ruas tenebrosas e desertas.

Assustada, tremula, sem se mover, quasi sem respirar, a Calcanhares escutou attenta o tropel dos passos que se ia esvaecendo ao longe. De repente um grito de dor e angustia, um quasi gemido de agonia, que ella, por uma percepção sublime, conheceu sahira dos labios do seu amante, veio fazer-lhe vibrar dolorosamente os nervos, e refluir o sangue abrazado ao coração: ao gemido succedeu o clamor de muitas vozes, depois alguns homens atravessaram a praia correndo:

e o silencio e as trevas cobriram funebres e medonhas aquellas scenas de terror e agonia.

Margarida, perdidas as forças e o sentimento, arrastou-se até uma cadeira, em que cahiu meio morta. O seu espirito vagueou um instante no delirar de funestas visões: o rosto moribundo de Francisco d'Albuquerque appareceu-lhe disformado pela dor mas illuminado pelo amor; e logo depois pareceu-lhe ver diante de si, de pé, terrivel, cruel, ameaçador, o vingativo Henriques de Miranda: o seu perseguidor, o seu implacavel inimigo.

Deu um grito de angustia, e abriu subitamente os olhos. Henrique Henriques de Miranda estava á porta da sala, que dava para a escada secreta, pallido e horrivel como a estatua da vingança. Margarida fechou involuntariamente os olhos para o não ver; mas, vencendo o terror que lhe causava a vista d'aquelle homem, levantou-se da cadeira, e caminhou com passo seguro para a porta onde elle estava.

— Deixai-me passar! — bradou ella com voz energica e forte.

— Onde vai? — perguntou Henrique Henriques, sem se tirar da porta, e oppondo-se a que a Calcanhares sahisse.

— Vou-me d'esta casa maldita, para nunca mais voltar.

— Não vai, senhora, que a não deixo eu.

— Queixar-me-hei a el-rei...

— El-rei não póde separar-se da sua formosa amante — interrompeu elle, sorrindo-se.

— D. Affonso não se póde oppor a que eu me retire para um convento, a que tome habito...

— Em sua magestade sabendo o que se passou aqui esta noite...

— O que ha de fazer?

— Castigar...

— A quem, a quem póde el-rei castigar? A elle?... Elle! Mataram-no; matou-o vossa mercê, com essa alma de fera, que tem. Matou-o cobarde e vilmente — proseguiu ella, chorando de dor e de raiva — matou-o como um traidor, que é; de noite, pelas costas, ajudado por uns poucos de assassinos! Ah! Sou eu que não perdôo, que lhe não posso perdoar nunca os males que me tem feito. Nem Deus póde deixar de o castigar por tantos crimes.

— Cumpri as ordens d'el-rei...

— El-rei não soube, não lhe mandou fazer uma tão barbara morte... Porque elle está... está morto, não tem remedio! Diga-me — proseguiu ella supplicante — diga-me a verdade, homem! mataram-o? está certo que já não tem remedio?

— O insolente que se atreveu a olhar para tão alto, teve o castigo que merecia.

— Deixe-m'o ir ver, quero vel-o com estes olhos, pela... pela ultima vez; assim mesmo morto como está.

— Não póde sahir d'esta casa, Margarida; bem sabe que a não deixo sahir a esta hora.

— Sou escrava, captiva aqui! Mas ha de ter fim o captiveiro. Hei de dizer, hei de contar tudo a D. Affonso; e serei attendida por elle. El-rei não ha de querer trahir sua esposa, por uma mulher que o não ama, que só deseja ir chorar na solidão do seu convento a morte... A minha deshonra, esta situação infame em que me vejo, a morte do primeiro, do unico homem que tenho amado, esta eterna, esta negra saudade que me ha de cobrir de lucto o resto da existencia, todos os meus padecimentos, as minhas dores mais pungentes, é á sua crueldade que as devo, Henrique Henriques; á sua barbaridade implacavel...

— Socegue, tranquillize-se, Margarida — atalhou Henriques de Miranda, buscando acalmar a desesperação da Calcanhares. — É a amante d'el-rei, quasi uma rainha. Que mais quer?...

— Amante d'el-rei! Isso é a deshonra, é uma infamia... que eu não mereço, porque estou pura...

— Agora! ainda?... — perguntou elle com um riso diabolico, em que se manifestava a raiva e o ciume que o ralavam.

— Ai! Não sou; não sou senão uma mulher que todos desprezam, que todos odeiam. Por minha causa tem-se commettido crimes infames; tem corrido sangue... e até o sangue d'elle.

A Calcanhares, perdido o alento, cahiu sobre uma cadeira debulhada em lagrimas.

O coração, suffocado pelo peso de uma dor sem limites, desabafou em prantos e gemidos, entre-cortados

de queixas, de ameaças, de gritos inarticulados. Torcendo os braços com desesperação, a Calcanhares ora rasgava os vestidos, ora arrepellava com mão despiedosa as tranças que cahiam desalinhadas, cobrindo-lhe o rosto e o seio. Henrique Henriques, esquecendo o odio e o ciume á vista d'aquella dor profunda, sentiu-se commovido, e, approximando-se d'ella, tomou-lhe da mão para a consolar:

— Não chore, Margarida — disse elle dando á voz uma expressão de brandura, que lhe não era natural — não chore, que ainda póde... que ainda podemos ser felizes.

E como viu que a Calcanhares, insensivel a tudo depois d'aquelle paroxismo de violenta desesperação, lhe não respondia nada, e lhe deixava apertar a mão tremula e gelada sem fazer o minimo esforço para o repellir de si, um vago pensamento de esperança e desejo lhe passou na alma corrupta e infame.

— Ainda podemos ser felizes — proseguiu elle — se esquecer... todo o passado. Uniremos o nosso poder, e seremos senhores de tudo aqui. Do reino e do rei. Dize-me que consentes em ser minha — accrescentou elle animando-se cada vez mais — que me não odeias...

Dizendo isto, Henrique Henriques deu um beijo na mão de Margarida. Esta deu um grito agudo, e levantou-se de pulo como se fôra mordida por uma vibora. Os seus olhos faiscavam de raiva, a boca contrahida e semi-aberta torcia-se convulsivamente, a pallidez da morte desbotava-lhe as faces e os labios, os cabellos

revoltos assombravam-lhe a fronte. Aquelle rosto formoso havia-se tornado terrivel. — Era como um d'esses anjos a quem as paixões más, e a cólera de Deus, fizeram perder a candura e a suave belleza.

— Assassino! — bradou ella, repellindo-o com horror — Assassino, sem alma! Vá-se, vá-se para que o não torne a ver mais! A sua vista mata-me; e dera a vida... perderia até a alma por toda a eternidade para me poder vingar!

— Mas não póde!... — exclamou Henrique Henriques convulso de raiva, e levando a mão á espada.

— Tire, tire a espada contra uma fraca mulher, cobarde! É menos, muito menos do que assassinar pelas costas um homem que se não defende. Mate-me com essa espada; ainda ha de estar molhada pelo sangue d'elle, e misturar-se-ha assim com o meu. Morrerei feliz. Eu amo-o, amo-o — proseguiu ella delirante, ao ver Henriques de Miranda rugir de furor — amo-o como nunca amou ninguem. Agora, depois de morto, ainda o amo mais. Quero vel-o, quero vel-o outra vez ainda!

Quando a Calcanhares ia a sahir da sala com a cabeça perdida, inteiramente fóra de si, encontrou-se com frei Pedro de Sousa, que a deteve cingindo-a com os braços tremulos.

— Socega, filha — disse o confessor d'el-rei conduzindo-a quasi desmaiada para um sofá. — Socega; que elle... elle...

— Morreu? — murmurou a Calcanhares.

— Não... ainda não, ainda ha esperança.

— Não me engane, frei Pedro; por Nossa Senhora lhe peço, que me não engane. Eu tenho forças para tudo... menos para ver aquelle homem! — exclamou ella apontando para Henrique Henriques, que tinha ficado de pé no meio da casa.

Frei Pedro de Sousa, afastando-se da Calcanhares, levou o tenente-general de artilheria para o vão d'uma janella, e ahi, depois de breve mas animada altercação, convenceu-o a que voltasse para o paço, e o deixasse com a amante de Francisco d'Albuquerque.

Mal se viu só com o seu confessor Margarida deixou-se cahir de joelhos, e, suffocada em prantos, de mãos postas, supplicou a frei Pedro que a não enganasse, que lhe dissesse se Francisco d'Albuquerque estava vivo ou morto.

— Não, minha filha — respondeu o frade — esse infeliz não morreu, ainda não está morto...

— Mas está mortalmente ferido, não é assim? Os assassinos deixaram-no por morto? Viu-o, frei Pedro?... Como soube?

— Vi-o...

— Onde está, para onde o levaram?...

— Foi levado para o Côrte-Real, por ordem de meu sobrinho...

— O senhor conde...

— Foi elle quem lhe acudiu, quando já os assassinos lhe tinham feito algumas feridas graves.

— Quero vel-o, quero ir tractar d'elle, frei Pedro

— disse a Calcanhares levantando-se. — Não posso ficar aqui, quando sei que precisa de quem o tracte, de quem cuide d'elle.

— Não é possivel, Margarida: não pódes ir. Saber-se-ia...

— Que me importa que se saiba, que el-rei, que todos o saibam! Estou decidida a sahir d'esta casa. A viver com Francisco d'Albuquerque, ou a ir-me fechar n'um convento.

— Filha, então queres abandonar a santa missão que Deus te deu de proteger este reino; quando elle precisa mais do que nunca dos sacrificios de nós todos, para se não perder?

— Este reino, Portugal, precisa lá de uma fraca mulher? Frei Pedro, começo a acreditar que tenho sido... que nos temos enganado ambos. Vossa reverendissima tem muito saber, e muita virtude...

— E quero-te muito, Margarida.

— Bem o sei. Mas diga-me, senhor, não lhe parece que eu tenho feito mais mal do que bem a... el-rei.

— Como...

— Por minha causa tem-se commettido crimes...

— E tem el-rei deixado de praticar muita culpa, muito peccado.

— Talvez. Mas é tempo que eu volte para o meu convento, expiar na penitencia e na dor... os muitos peccados de que a minha consciencia me accusa. Vou ficar viuva de coração... Foi por minha causa que aos golpes de assassinos cahiu o homem... o unico homem

que tenho amado. É mais um remorso, que annos inteiros de pranto e cilicio não bastarão a apagar.

— O conde, meu sobrinho, precisa de ti agora mais do que nunca. Quizeram hoje assassinar seu irmão Simão de Sousa: e ámanhan assassinal-o-hão a elle, se el-rei continuar a oppor-se aos desejos de sua alteza.

— E que posso fazer...

— Convencer el-rei a que siga os conselhos do seu ministro.

— Ai! Eu agora não sei senão chorar. É tempo de me deixarem. Só peço que se não lembrem de mim. Quero receber o ultimo suspiro, o derradeiro alento d'esse desgraçado... — se ainda fôr tempo — e depois... Eu, sem elle não posso, não tenho forças para viver. Diga-me vossa reverendissima onde elle está, onde o posso ver...

— Já te disse, Margarida, que meu sobrinho o mandou levar para o Côrte-Real...

— Vou lá, vou...

— Não te deixam entrar; assim, de certo te não deixam.

— Que hei de fazer?

— Esperemos pelo conde, filha. Não póde tardar aqui. Foi elle quem acudiu a Francisco d'Albuquerque, só porque tu lhe mandaste pedir por elle... O conde estima-te, quer-te tanto... como eu.

— Jesus, meu Deus, que esta noite morro aqui de dor e desesperação! — bradou a Calcanhares cahindo

sobre umas almofadas, e deixando pender a cabeça sobre os joelhos com desesperação.

No fim de um quarto de hora, em que apenas se ouviram na sala os soluços entre-cortados de Margarida e uma reza murmurada monotona e lentamente pelo frade, a porta abriu-se violentamente, e o conde de Castello-Melhor entrou com precipitação. O conde vinha livido e demudado; tudo n'elle manifestava a profunda agitação do seu espirito: e, quando se deixou cahir sobre uma cadeira, parecia ter quasi perdido o alento.

— Que tens, conde? — perguntou frei Pedro de Sousa.

— E elle? — bradou a Calcanhares pondo-se de pé.

— Parece que um mau fado me persegue hoje! — exclamou o conde de Castello-Melhor, sem responder ao que Margarida lhe perguntava — É uma guerra terrivel a que me movem todos os do partido de D. Pedro... e a rainha é por elles.

— Elle morreu? — bradou de novo a amante de Francisco de Albuquerque, agarrando no braço do conde.

— Não, não morreu — respondeu o valído, com impaciencia. — Está no Côrte-Real...

— A ferida é perigosa?...

— Não sei... — interrompeu elle com aspereza. Depois tomando um tom mais brando e affavel: — Ainda se não sabe. Ficou entregue aos cuidados de Antonio do Prado, o medico de sua alteza...

— Senhor conde, eu não posso soffrer a afflicção que me causa esta cruel incerteza — disse a Calcanhares, suffocada pelo pranto. — Quero ir ao Côrte-Real, quero vêl-o.

— Não é possivel, Margarida...

— Eu não sou sua escrava, senhor conde! — clamou ella com tal vehemencia, que o conde estremeceu — O amor dá-me agora força para tudo! Hei de ir ao Côrte-Real.

Frei Pedro, vendo o rosto de seu sobrinho afogueado pela cólera, e receando que se quebrasse de todo a harmonia entre a amante e o ministro de Affonso VI, julgou prudente interpor-se para evitar as consequencias de tão funesta pendencia.

— Pois sim, Margarida — disse elle fazendo um gesto, para impedir o valído de fallar — pois sim, minha filha, has de ir ao Côrte-Real. Hoje mesmo mandarei indagar qual é o modo mais facil de tu entrares em casa do infante. Porque, bem vês — proseguiu elle pegando na mão da Calcanhares — bem vês que assim, aquella gente toda, que te odeia, que te quer mal, porque sabem da amizade que existe entre ti e meu sobrinho, não te deixaria fallar com o... desgraçado Francisco d'Albuquerque... Socega, Margarida. Lembrate, que foi o conde quem o salvou das mãos dos assassinos...

— É verdade! — exclamou a Calcanhares — Senhor conde, perdôe-me; peço-lhe perdão se o offendi... no que disse. Foi a dôr... Perdôe-me, senhor conde.

— Então, conde — acudiu o frade — promette a Margarida que... ha de hoje mesmo ter novas de Francisco d'Albuquerque?

— Prometto tudo! — respondeu o valído pondo-se de pé — Mas é preciso que ella...

— Continue a ajudar-te a livrar esta terra dos males, com que a vontade de Deus tem querido castigar os nossos peccados — acudiu o frade, com uma compunção pouco sincera. — Promette, Margarida, promette tambem, que nos não has de abandonar. A Providencia divina fez de ti o instrumento da sua infinita bondade... e dar-te-ha na vida eterna o premio da tua virtuosa resignação.

— Cumpra-se a vontade de Deus! — murmurou a Calcanhares ajoelhando e cobrindo o rosto com as mãos.

Frei Pedro, aproveitando este momento de triste resignação e profundo abatimento de Margarida, conduziu o conde para fóra da sala; e depois de fallar algum tempo com elle em voz baixa, voltou só para ao pé da inconsolavel victima do cruento ciume de Henrique Henriques.

CAPITULO XIX.

O MEDICO DE SUA ALTEZA.

Na tarde do seguinte dia a Calcanhares estava só, chorando sem descontinuar um instante, abatida, quasi sem sentidos e sem alento, no camarim em que na vespera estivera com o seu amante, quando o passo lento e arrastado de frei Pedro de Sousa a fez tornar em si, e levantar a cabeça pesada e dolorida das almofadas, em que antes se escondia do que descansava.

A pallidez d'aquelle rosto, ainda na vespera tão vivo e radioso, era tal, como se um mal longo e incuravel a tivera lançado sobre tão grande formosura para annunciar que a morte a destruiria em breve. Nos cabellos de Margarida havia perolas e diamantes, os seus vestidos eram preciosos e formosamente talhados; mas taes galas e ornatos mais pareciam esquecidos alli pelo abatimento de uma intensa dor, do que dispostos pelos

conselhos de feminil vaidade. Tudo estava amarrotado e em desalinho, e as lagrimas tinham quebrado e amassado as rendas de oiro que lhe cobriam o seio. Nunca esculptor ou pintor concebeu mais bella, mais triste, mais sublime a imagem da dor, do que ao vivo a representava esta abatida e magoada mulher. A Magdalena de Canova não é tão formosa; a sua fronte descahida, os seus olhos meio-cerrados não mostram tão patheticamente a angustia de um coração dilacerado pela dor, como a manifestava a fronte pallida e os olhos anuviados pelo pranto da desventurada Margarida.

— Que novas me traz, frei Pedro? — perguntou ella, apenas o frade se approximou do sofá em que estava recostada.

— Boas novas, filha — respondeu o confessor d'el-rei. — Antonio do Prado não tarda ahi...

— E será possivel eu vel-o... entrar no Côrte-Real...

— É para esse fim que eu pedi ao medico de sua alteza, a Antonio do Prado, que viesse fallar-nos. O conde só te recommenda segredo... cautela...

— O senhor conde e vossa reverendissima não fazem, não podem fazer ideia do que já hoje padeci sem me queixar! El-rei mandou-me chamar a Alcantara esta manhan, frei Pedro...

— Bem sei...

— E eu fui, e tive forças para esconder a minha dor, para não chorar... para me cobrir com estas pedras e estes vestidos...

— Fallaste a el-rei na questão do infante, e sua magestade...

— Não sei em que lhe fallei, o que lhe disse... El-rei estava... era para mim um martyrio vel-o, ouvil-o...

— Pobre Margarida! Deus ha de abençoar os teus esforços a favor d'este reino, que é d'elle; e pagar-te-ha no ceo...

— Menti, menti hoje a sua magestade. Ha uns poucos de annos que lhe minto... que finjo por elle um sentimento que não tenho. É um crime simular, e sobretudo simular o peccado...

— Os fins, Margarida, justificam tudo — disse o frade com compunção. — Deus sabe pesar as intenções, e tel-as em conta. Fizeste hoje um grande bem a este reino, a todos nós; restabeleceste talvez a paz entre os principes. El-rei está quasi resolvido a ceder ás exigencias de sua alteza, e a dar-lhe gentis-homens para o servirem.

— Permitta Deus que assim seja!

— O conde dar-te-ha o premio que merece tão grande dedicação.

— Nada póde pagar as angustias e os tormentos que eu padeci nas horas em que estive com D. Affonso. Vossa reverendissima não sabe o que é este martyrio da mulher que sorri e afaga um homem, tendo o coração e o pensamento em outro homem; sabendo que esse, que ella ama, geme na dor, agonisa talvez... amaldiçoando-a, e despresando-a. Ai! que desgraça,

que infinita desdita a minha! O premio que eu desejo, o que eu quero é acabar em paz, na obscuridade de um convento, esta vida principiada na orphandade e no desamparo.

O rumor de passos de homem na sala proxima interrompeu as doloridas queixas da Calcanhares. Frei Pedro approximou-se da porta do camarim para saber quem era, e exclamou, vendo Antonio do Prado:

— Ora finalmente, senhor licenciado, finalmente chegou!

— Não pude vir mais cedo, frei Pedro; demoreime n'uma junta com o licenciado Antonio Ferreira, á cabeceira do nosso doente.

Estas ultimas palavras foram ditas pelo medico de sua alteza, quando já tinha transposto a porta do camarim. O licenciado Antonio do Prado era um homem alto, gordo, e de pescoço extraordinariamente curto; a sua enorme cabeça dava ares da cabeça de um elephante, e era coberta de uma vasta grenha de cabellos grisalhos, que na desordem e má disposição se podia comparar a uma choça de pastores. Vestidos todos negros davam a este homem singular um aspecto lugubre e tristonho, que augmentava a gravidade de pedante, que transparecia nos seus mais insignificantes movimentos.

— Como está elle? Francisco d'Albuquerque ainda não está livre de perigo? — perguntou a Calcanhares, pondo-se de pé e indo ao encontro do licenciado.

— Tem o cirurgião, segundo diz Galeno, por lei

obrigatoria — respondeu este com ar doutoral — conhecer a enfermidade, o membro em que está, e finalmente saber o modo como os doutores a mandam curar antes de aventar uma opinião. *Necessarium est, quod ubi maius imminet periculum, cautius, et longius est agendum.*

— Ha esperança?...

— Dizia eu pois... — proseguiu Antonio do Prado sentando-se. — Permitta-me vossa reverendissima que me sente, porque venho cansado do caminho. Dizia eu que a primeira coisa que se deve conhecer é a enfermidade: *Non est possibile morbum curare, nisi prius ejus naturam noveris:* depois é indispensavel conhecer o logar, *locus affectus.* É isto mesmo que eu dizia ha pouco ao meu companheiro o licenciado Antonio Ferreira, e no que elle concordou... Talvez porque receava que eu o esmagasse, que lhe fizesse sentir o pêso da verdadeira sciencia; que elle bem sabe a differença que vai dos cirurgiões *romancistas* aos *latinistas.* Antonio Ferreira concordou...

— Mas em que, em que é que concordou Antonio Ferreira? — perguntou Margarida, batendo o pé com impaciencia.

— Em que era preciso estudar a doença.

— E que concluiram depois de passarem exame á ferida? — interrompeu frei Pedro de Sousa, a quem as digressões scientificas do licenciado causavam tambem uma grande impaciencia.

— Direi a verdade a vossa reverendissima, a ver-

dade como a deve dizer sempre um homem da minha profissão, e que conhece, como eu, os segredos da natureza. Reconhecemos que o doente tem uma ferida no peito; e depois de lhe fazermos a *emborcação*, pondo o doente de bruços, e de termos empregado a tenta de chumbo, viemos no conhecimento de que a ferida é penetrante. Ora, como diz Falopio: *Sciendum enim est, quód vulnera hæc Thoracis maximé Medicum decipere possunt.*

— Não tem cura? responda, responda-me. Jesus! que homem! — bradou a Calcanhares interrompendo-o.

— O peito é a cavidade vital, e as feridas alli são perigosas: *Quia in ea est cor vitæ principium, vitalis spiritus origo, respirationis auctor.* Acham-se aqui o coração, os bofes, a veia cava, a arteria magna, a aspera arteria &c., e se qualquer d'estes orgãos é ferido, a vida...

— Francisco d'Albuquerque foi ferido n'alguma d'essas partes?

— Não, não me parece que a ferida seja das mais graves.

Margarida deu um grito de alegria.

— Comtudo — proseguiu o licenciado — *si sanguis in ventrem præter naturam effunditur, necesse est supurari.* O sangue que cahiu na cavidade do peito póde corromper-se, e n'esse caso não é facil salvar o enfermo.

— E não será possivel acudir-lhe a tempo para que o sangue se não corrompa?

— *Curatio est rei præsentis, ejus autem, quod futurum est, providentia*, como diz Galeno. No caso de apparecer corrupção, a sua cura é dar sahida aos principios venenosos, dilatando a ferida, fazendo emborcação conveniente, e lavando com lavatorio abstersivo.

A Calcanhares, suffocada de raiva, anciosa, n'uma convulsão, lançou-se outra vez sobre o sofá, d'onde se tinha levantado; perdida a esperança de poder concluir nada ácerca do estado do seu amante, das palavras obscuras e linguagem pedantesca do medico de sua alteza. Este proseguiu na sua dissertação.

— A sciencia dá-nos meios para combater o mal em todos os periodos — disse elle. — Tirar o sangue é o principal remedio n'este caso, porque: *si totum pectus sanguine impleatur, animal illico extinguitur.*

— Nós temos confiança no seu muito saber — atalhou frei Pedro — e por isso quizeramos ouvir a sua opinião a respeito do estado em que se acha o capitão Francisco d'Albuquerque.

— A ferida, como já tive a honra de dizer a vossa reverendissima, não é das menos perigosas, porque a pleura se acha offendida: *Ex cujus inflammatione sæpe mors sequi solet.* É porém possivel que a applicação dos convenientes medicamentos, do oleo de oiro, de pannos de clara de ovo, etc., chame á parte lesada o *rocio nutrimental*, que une, pelo meio que Guido chama homogeneo, as partes que o ferro separou.

— Permitta Deus, Nosso Senhor, que assim seja, para descanso... de quantos nos interessamos na sua vida — disse o frade. — Para outra coisa lhe queriamos tambem fallar, senhor licenciado. Não sei se o criado do conde, de meu sobrinho, se Agostinho Nunes lhe disse... se lhe fallou...

— No desejo que tem D. Margarida de ir ver o capitão...

— É seu parente, um parente muito chegado. *Necessitas amicum probat*, como diz o sabio: e Margarida quer ao menos consolar o pobre capitão, na dor, e...

— Tem razão — respondeu Antonio do Prado, meneando a cabeça, como quem quer mostrar que as palavras que diz tem dupla significação: — D. Margarida tem razão em querer consolar os afflictos; é de uma alma bem formada. Sua alteza não póde oppor-se...

— Sua alteza não deve saber nada a este respeito. Nem o senhor infante, nem ninguem. Porque vossa mercê bem vê, que se el-rei desconfiasse...

— *Leo rugiet, quis non timebit?* Se el-rei desconfiasse levaria a mal talvez...

— O conde e eu, senhor licenciado, temos confiança na sua muita prudencia e discrição. E é tal a estima e amizade sincera que meu sobrinho tem por vossa mercê, senhor licenciado, apesar de o ver ligado com os seus inimigos...

— Eu não sou dos inimigos do senhor conde de Castello-Melhor: sou pelo contrario...

— Todos o conhecemos — interrompeu o frade

pondo-lhe a mão no hombro. — E como eu ia dizendo, meu sobrinho tem tal estima por vossa mercê que talvez seja possivel obter o logar de cirurgião do Hospital Real...

— Para mim?

— Elle já está promettido a Antonio Ferreira, mas... a bondade com que el-rei se digna tractar meu sobrinho... Para outra vez fallaremos d'este negocio; agora temos que combinar o modo...

— De D. Margarida entrar no Corte-Real?

— É possivel, será possivel que eu o veja?! — exclamou a Calcanhares levantando-se.

— É facil... isto é, talvez não seja difficil.

— Hoje?

— Hoje talvez não; mas ámanhan, ámanhan á noite de certo.

— Não póde ser hoje! — murmurou Margarida.

— Não póde; porque este acontecimento fez na casa de sua alteza grande abalo, tudo está alvorotado e poderiam ver, poder-se-hia saber tudo.

— Não estás satisfeita ainda, Margarida? — perguntou frei Pedro á Calcanhares, com voz branda e affavel.

— Não. Vôssa reverendissima bem vê que o não posso estar.

— Tens razão; mas é preciso ter paciencia. Ámanhan Antonio do Prado te virá buscar...

— De manhan?

— A esta hora — respondeu o licenciado — um

pouco mais tarde do que esta hora. Só de noite é que vossa mercê póde entrar em casa do senhor infante, sem causar desconfiança.

E pondo-se de pé o licenciado Antonio do Prado encaminhou-se para a porta.

— Até ámanhan, D. Margarida — disse elle fazendo uma reverencia. — Não se esqueça vossa reverendissima de que o logar de cirurgião do Hospital Real está ainda vago — proseguiu elle voltando-se para o confessor d'el-rei — e de que ninguem... poucos se tem dado como eu, ao estudo da verdadeira sciencia.

— Nem eu, nem o conde desconhecemos o seu merecimento, senhor licenciado — respondeu frei Pedro.

— Este homem não é bom — disse Margarida quando o medico de sua alteza sahiu. — Não tem coração, não tem alma, não sente...

— Devemos ser indulgentes com as fraquezas do proximo — atalhou o frade. — Todos os medicos são assim, minha filha.

CAPITULO XX.

THEREZA.

Diogo Cutilada, o velho criado do capitão Francisco d'Albuquerque, apenas soube da catastrophe succedida a seu amo, que estimava como filho pelo ter creado de pequeno, e lhe haver dado as primeiras lições nas coisas da guerra, para que elle sempre mostrara grande inclinação, correu ao Côrte-Real, para ver, com olhos anuveados pelo pranto de sincera dor, aquelle pallido e desanimado corpo, em que a morte luctava com os poderosos esforços de uma robusta e juvenil organisação.

O pobre soldado assistiu, em extremos de angustia, á douta consulta dos dois licenciados Antonio do Prado, e Antonio Ferreira; e, por mais de uma vez, a violencia com que puxava das barbas quasi brancas,

mostrou ao vivo a raiva, que lhe causavam os tractos que via fazer a seu amo. O velho militar, que assistira a muitos combates, e vira no campo, agonisantes, grande numero dos seus companheiros d'armas, não podia, sem se lhe arripiarem os cabellos e lhe doer o coração, ouvir os gemidos entre-cortados de Francisco d'Albuquerque. As lagrimas eram em fio por aquelle rosto crestado do sol.

Cutilada velou a noite inteira á cabeceira de seu amo, tractando-o com o carinho de pae extremoso; ora dando-lhe uma mistura de vinagre e agua, a que chamavam *posca aquosa*; ora um xarope feito de rozas seccas e murtinhos; ora, em fim humedecendo-lhe a boca com agua de *alquitira*, cada vez que, abrasado pela sede de uma febre intensa, elle pedia de beber.

Na seguinte manhan, porém, quando viu o doente adormecido, Diogo Cutilada, deixando-o confiado á vigilancia de Luiz de Mendonça que ficára n'aquella noite tambem no quarto de Francisco d'Albuquerque, sahiu do Côrte-Real.

— Tenha cuidado de meu amo — disse elle antes de sahir — tenha-me cuidado n'elle, senhor Luiz de Mendonça. Olhe! Este pucaro é o da alquitira. Pobre senhor capitão! Quem seriam os malvados, que assim m'o pozeram n'este estado? A *posca* dá-se-lhe de tres em tres horas...

— Vai descançado, homem — atalhou o Mendonça. — Bem sei o que disse Antonio do Prado.

— Perdoe-me vossa mercê. Mas é que eu... Te-

nho certeza de que tem muita amizade ao senhor Albuquerque, mas eu, que o conheci assim pequenino como aquella bengala que alli está ao canto, que o vi crescer e fazer-se homem, quero-lhe, quero-lhe tanto como se elle fosse meu filho — Aqui o soldado enxugou uma lagrima com as costas da mão. — E vêl-o assim é para mim uma grande dôr. Meu amo nunca acreditou na volta do nosso rei encoberto, mas assim mesmo não conheci em minha vida coração mais leal do que o seu. Se elle se fôr embora e eu ficar aqui n'este mundo velho como sou, eu que de nada sirvo nem valho, então digo que é peor viver que morrer.

— Não te afflijas, Diogo. Vai, vai-te a descansar um pedaço, que eu aqui fico ao pé de teu amo tomando conta n'elle.

— Não vou dormir, não senhor, não tenho somno: nem agora podia pregar olho. O que vou é espairecer; tenho a cabeça pesada, e não sei o que isto é, mas quando sinto gemer o meu capitão não posso tomar uma respiração inteira. Pezam-me arrobas sobre o peito.

— Demoras-te muito?

— Não, senhor. Dou uma chegada alli a casa do meu amigo José Chanca, e volto n'um instante. Quero contar-lhe o que se passou, e saber o que por ahi se diz d'este triste successo. Adeus, senhor Luiz de Mendonça. Recommendo-lhe meu amo; não m'o desampare, coitadinho.

Logo que sahiu a porta do palacio do infante D. Pe-

dro, Diogo Cutilada foi direito á Rua Nova e d'ahi entrou pela dos Escudeiros, onde morava o seu compadre José Chanca.

Na loja baixa, escura e humida, de uma casa meio delida pelo tempo, que lhe abrira já mais de uma brecha profunda, José Chanca o velho sapateiro, calvo, de enorme nariz e olhos redondos como os de um mocho, trabalhava, sentado de tripeça, na confecção de uma enorme bota, com a attenção e consciencioso cuidado do verdadeiro artista. O compadre de Diogo tinha um gibão de *roxeta*, panno grosso que se fabricava então na serra da Estrella; calções de pelle de carneiro, já rotos e quasi sem pello, e meias de lan, em não melhor estado, lhe cobriam as pernas cambaias; os pés desmesurados apenas se escondiam com as tiras de coiro de umas velhas alparcas.

A entrada de Diogo chamou a attenção do sapateiro, que levantou immediatamente a cabeça para ver quem o procurava áquella hora da madrugada.

— Ó lá, Diogo! por aqui a esta hora? — exclamou elle vendo o seu amigo — Temos alguma novidade?

— É verdade, compadre, temos novidade, e grande — respondeu Diogo, suspirando. — Pois não sabes...

— O que?

— Que meu amo, o meu capitão, foi atacado hontem á noite por uns assassinos, que o deixaram por morto!

— Já hoje passou por ahi o Zé Borracha, o remendão de Alfama — disse o sapateiro dos mulatos de sua

alteza em tom de desprezo — e contou-me, que tinham morto um dos criados do senhor infante: mas o Zé Borracha é tão mentiroso, e depois diz as coisas com tantos mysterios e cautellas — para se não comprometter, o maldicto remendão! — que eu não pude entender bem o que se tinha passado. Fallou-me no conde de Castello-Melhor...

— Meu amo sahiu hontem á noite sem me dizer para que, nem para onde. Eu creio que elle anda... não sei se me entendes; parece-me que está namorado d'alguma dama da côrte. É um guapo cavalheiro, não me admira que lhe vá tudo bem nos amores. Olha, compadre, lá em Evora deixou elle uma namorada... que linda que é!

— Teu amo sahiu, e depois?... — atalhou José Chanca.

— Estive á espera até á meia noite; e foi então que me trouxeram em braços o meu rico capitão, ferido... quasi morto.

— E sabe-se quem o feriu?

— Nada se sabe, porque elle ainda não pôde fallar: não tem feito senão gemer, gemer, que corta o coração. Os homens que o trouxeram eram paizanos da ronda, e por elles sabe-se apenas...

— O que se sabe? — perguntou com curiosidade o sapateiro.

— Que foi o valído quem soccorreu meu pobre amo, e o livrou da morte... Se é que elle não morre das feridas que os excommungados lhe fizeram.

— Isto vai mal! — exclamou o rival do Zé Borracha, meneando a cabeça — São todos os dias mortes ahi por essas ruas, roubos...

— Lá dizem os versos propheticos — disse Diogo com voz de inspirado:

Veo, como por visiones,
Cosas tanto de notar,
Que haran temer, y temblar
Los mas fuertes coraçones.

— Grandes males — continuou — são o annuncio da chegada do salvador de Portugal. Não tarda o dia promettido nas prophecias, em que a armada d'el-rei D. Sebastião...

— Deus o traga para pôr isto a direito! — exclamou José Chanca — Mas eu já começo a perder a esperança de que elle volte...

— Que dizes, José; pois tu duvidas agora, quando os signaes vão sahindo tão certos.

Vejo, vejo, do rei vejo
(Vejo, e estoi sonãndo?)
Semente de rei Fernando
Hazer un fuerte despejo,
Y seguir con gran desejo,
Y dexar acá su viña,
Y dezir, esta casa es mia,
Eu que aora acà me vejo.

— Esta trova — proseguiu Diogo — bem claro falla da maneira por que Portugal cahiu nas mãos dos perros castelhanos; como me explicou um dia o padre capellão do meu terço, que é muito lido e entende todas

as prophecias. Passou esse tempo, e agora não tarda a chegar ahi á barra a armada real. Não viste aquelle terrivel cometa que appareceu no ceo aqui ha um anno?

— A que el-rei atirou um tiro de pistola do eirado do paço? — atalhou rindo José Chanca.

— El-rei bem sabia que o cometa annunciava morte de rei, ou mudança de monarquia — proseguiu Diogo Cutilada com gravidade — e queria-se-lhe atrever, como se os signaes do ceo podessem ser apagados pelas mãos dos homens. Aquelle cometa era precursor de grandes calamidades, d'esses males que estamos sentindo. Estamos para ver grandes coisas, compadre, e Deus nos dê vida para assistirmos á formação do famoso imperio.

Veo, como por visiones,
Cosas tanto de notar,
Que haran temer, y temblar
Los mas fuertes coraçones.

— O cometa, diziam, era castigo do ceo pelo que el-rei fez na vespera de sexta feira dos Passos da Graça. Tu não estavas em Lisboa n'esse tempo — continuou o sapateiro — mas eu, que tudo vi, posso-te dizer que aquillo foi um dia de juizo. El-rei, á noite, foi com os seus valentes ao largo de S. Roque para fazer uma briga. Mandou dar umas bofetadas n'um homem que levava duas damas pelo braço, e travou-se o combate. Tudo eram espadas e sangue. O Passo da Paixão veio a terra com os empurrões do povo, quebraram-se as imagens dos santos...

— Fallou-se muito d'isso no exercito. Mas aquelle cometa é, como me disse o capellão do meu terço, o signal que, segundo as prophecias, annuncia a chegada do encoberto. Antes da jornada d'Africa tambem appareceu um pavoroso cometa; e em Penamacor se viram exercitos combatendo nos ares. Estes prodigios do ceo — Nosso senhor nos livre de todo o mal — estes prodigios são, acredita no que te digo, José, são annuncios de grandes males: que hão de ser seguidos depois, é verdade, de grandes bens para este reino. Primeiro o castigo:

Por ser dexaran de ser
Si mentiroso no salgo.
Ay de los que valen algo,
Que tan poco hande valer!

— N'estes castigos do ceo — continuou — até os bons padecem. Meu pobre amo lá está, lá o deixaram quasi a expirar...

— Tens razão, Cutilada! — exclamou o sapateiro — Lá isso é verdade:

..... el castigo
Perdida la rienda, y freno
Tambien atropella el bueno
Por culpa del enemigo.

N'este momento Diogo Cutilada, em vez de escutar as judiciosas considerações do seu compadre José Chanca, sahiu da loja correndo, e atravessou a estreita rua dos Escudeiros para ir ao encontro de uma mulher toda vestida de negro, e com o rosto quasi escondido

n'um grande bioco, a qual se encaminhava para o Rocio, seguida de um almocreve carregado de um bahú redondo e d'uns alforges de coiro.

— Senhora D. Thereza, D. Therezinha! — bradou o soldado ao sahir da porta.

Ao ouvir a voz de Cutilada, a mulher parou sobresaltada, e voltou repentinamente a cabeça. Era uma rapariga de pouco mais de vinte annos, sobre o moreno, com olhos de azeviche, e dentes alvissimos: as feições eram perfeitamente regulares, e só os labios levemente espessos pareciam perturbar a harmonia d'aquelle rosto formoso, dando-lhe comtudo um tal caracter de doçura e bondade, que antes se podia tomar por encanto do que por defeito tão leve desproporção.

— Diogo! — exclamou Thereza — tu aqui! que prazer...

Vendo porém a tristeza que enluctava o rosto de Diogo, calou-se: e a alegria, que um instante a animara, desappareceu. Aquelles olhos bellos, mas encovados e cercados de um circulo azulado, cobriram-se de lagrimas, que logo se desprenderam em fio.

— Que desgraça, que grande desgraça, minha rica senhora! — exclamou Diogo, juntando as mãos.

— É verdade, Diogo. Ai! é uma terrivel verdade! Meu pobre pae já lá vai. Morreu...

— Morreu!

— Morreu. Ha oito dias que morreu; e eu venho, já não podia estar em Evora, venho para casa de mi-

nha tia... e para ao pé do senhor Francisco d'Albuquerque.

— Oh! senhora D. Thereza, é d'essa desgraça que lhe eu fallava...

— Que desgraça? O que é? Responde! — E Thereza tornou-se pallida como um cadaver.

— O senhor capitão está muito mal.

— Que tem? Onde está?

— Está ferido.

— Jesus! Que foi? Como foi isso?

— Foi atacado a noite passada por uns assassinos....

— Está em perigo?

— Ainda se não sabe se escapará.

— Vamos. Leva-me onde elle está, que o quero ver.

— Está no palacio do senhor infante.

— Não importa. Tu bem sabes que sou a sua noiva, sua irman. Nossa senhora me acuda. Se elle me morresse, ficava só no mundo!

Perdido o alento, pallida, n'uma convulsão, Thereza teria cahido sem sentidos, se Diogo a não sostivesse nos braços.

— Que tem, minha rica menina? — disse o soldado — Que tem? Sente-se incommodada... Está doente?

— Não é nada — respondeu a desditosa orphan, com voz quasi inintelligivel. — Senta-me aqui na pedra d'este degrau, e dá-me... quero beber agua, para não desmaiar.

Diogo, depois de ter sentado Thereza no degrau de

uma porta, correu a casa do sapateiro José Chanca, d'onde trouxe um pucaro com agua.

— Borrifa-lhe a cara — dizia o sapateiro — É muito bom para os desmaios. Quantas vezes usei de borrifos para fazer tornar em si a minha mulher — Deus a tenha em gloria. — É agua muito fresca do chafariz da Rua Nova, minha senhora. E o pucaro é novinho, ainda não tem um anno...

— Beba, minha senhora — disse o soldado chegando o pucaro á boca de Thereza. — Beba; que lhe ha de fazer bem.

De feito, depois de ter bebido alguns golles d'agua Thereza achou-se um pouco melhor; e pediu de novo a Diogo Cutilada, que a acompanhasse ao Côrte-Real.

— Vamos, senhora D. Thereza — respondeu Diogo — vamos lá. Aqui tem o meu braço, para se encostar. É perto, muito pertinho d'aqui. Eu tambem estou com cuidado no meu pobre amo. Quando eu sahi, ficava elle dormindo; mas somno de febre pouco dura.

— A misericordia de Deus seja com elle — murmurou Thereza, chorando.

CAPITULO XXI.

O DELIRIO.

Thereza, conduzida por Diogo Cutilada, chegou pallida e convulsa ao Côrte-Real; encaminhando-se logo para o triste e funebre quarto, onde estava quasi moribundo o seu namorado. As janellas, cuidadosamente cerradas, deixavam penetrar tão pouca luz no aposento, que quem entrava mal podia distinguir os objectos; e com tudo Thereza, por uma impulsão intima de amor, por uma irresistivel attracção, foi logo direita ao lugar onde Francisco d'Albuquerque, opprimido pela dor e pelos ardores de uma febre intensa, jazia na cama, meio adormecido, ou antes cahido em pesada modorra.

Ao rumor dos passos de Thereza Luiz de Mendonça, que estava sentado á cabeceira do doente, levantou-se, e veio ao seu encontro.

— Que quer aqui, senhora? — perguntou elle, em voz baixa, para não perturbar o repouso do enfermo — Veio de certo enganada...

— É a senhora D. Thereza — disse da porta Diogo — é a noiva do meu capitão...

— Soube da desgraça succedida a... a Francisco; é quasi um irmão, e não pude deixar de vir vêl-o... — murmurou Thereza.

Luiz de Mendonça saudando-a profundamente, conduziu-a, sem dizer palavra, para a cabeceira da cama em que estava o capitão. Ajoelhando e pegando na mão insensivel do seu amante, a pobre orphan soltou em torrentes o pranto que lhe opprimia o coração.

Pouco a pouco os seus olhos se habituaram á obscuridade, e viu desenhar-se nas sombras a fórma querida do seu noivo. O rosto livido e desanimado, os olhos quasi sem brilho e apenas descerrados, a respiração rapida e violenta, e o convulsivo gemer do enfermo, produziram no coração de Thereza uma dor tão aguda, que perdeu os sentidos, dando um grito de angustia. Mas poucos minutos depois, pelos cuidados de Luiz de Mendonça e de Diogo, tornou em si.

— É uma dor pesada de mais para mim! — disse ella — Deixei a sepultura de meu pae para aqui encontrar o meu unico amigo n'este estado, quasi morto tambem! A Virgem Nossa Senhora me dê força, que bem preciso de a ter para resistir a tanto padecer e chorar!

— Socegue; não se deixe ir assim desanimando —

atalhou o Mendonça. — Francisco d'Albuquerque não está tão mal, que não haja esperança ainda de o ver livre de perigo.

— O que disseram os medicos?

— Que a ferida é grave, mas que não é d'aquellas que não deixam esperança.

— Ambos mortos pela mão de assassinos! — exclamou Thereza — Triste de mim! Que mal fiz eu a Deus, que mal lhe fizeram elles? Não posso agora separar-me, deixar Francisco n'este estado — proseguiu ella — mas uma mulher aqui, só...

— Irei pedir licença a sua alteza para vossa mercê aqui ficar — disse Mendonça — e se julga necessario ter aqui alguem para lhe fazer companhia...

— Agradeço-lhe muito a bondade com que me attende — respondeu ella. — Desejava ficar para tractar d'elle; mas só, sem outra mulher, póde parecer mal...

— Ninguem se lhe atreverá aqui, na casa do senhor infante. E eu estou prompto para...

— Póde parecer mal — repetiu Thereza com modestia. — Diogo far-me-ha a mercê de levar uma carta á minha tia Brizida, a Santo André...

— O que quizer, minha senhora D. Thereza; estou para lhe obedecer...

N'esta mesa, ao pé da janella, está o que é preciso para escrever — disse Mendonça, apontando para a mesa collocada no vão de uma janella.

Thereza sentou-se a escrever; e Luiz de Mendonça sahiu para ir pedir a D. Rodrigo de Menezes licença

para ella ficar no Côrte-Real em quanto durasse a doença de Francisco d'Albuquerque.

Uma hora depois já Mendonça tinha voltado com a desejada licença, e Diogo com a resposta da tia Brizida. A tia velha promettia vir ver sua sobrinha «apenas sabisse da novena de Nossa Senhora da Graça, que era muito da sua devoção, e tivesse ouvido duas missas ao Santissimo Sacramento no Menino Deus.»

Só de tarde é que a tia Brizida chegou, acompanhada de uma criada, ao Côrte-Real. A tia Brizida era uma velha, alta, magra, e secca como uma mumia; a boca immensa e desdentada; a cabeça ornada de uma enorme cabelleira vermelha, á sombra da qual brilhavam dois olhos pardos, pequenos e encovados; toda vestida de negro e embrulhada n'uma manta de bioco. Nos seus passos lentos e tremulos, e em todos os gestos que fazia, era facil notar a hesitação e timorata incerteza, natural a todas as beatas nimiamente escrupulosas.

Quando a viu á porta do quarto de Francisco d'Albuquerque, Thereza levantou-se para a ir receber e beijar-lhe a mão: mas, em vez de esperar por sua sobrinha, a tia Brizida recuou alguns passos exclamando:

— É o quarto de um homem! Credo!

— Minha tia, minha querida tia! — disse Thereza pegando-lhe na mão tremula e beijando-lh'a com respeito.

— Estavas alli, rapariga? No quarto de um homem!

— É o quarto do doente, de Francisco d'Albuquerque...

— Está na cama! — murmurou a beata, tapando os olhos.

— Coitado! Como ha de elle estar, se se não póde mexer, se quasi não dá accordo de si!

— Pois tu estavas aqui só com um homem... Anjo bento! Teu pae creou-te muito mal, filha. Eu sempre disse que meu irmão te havia de deitar a perder com os seus poucos escrupulos — bradou a tia Brizida encolerisada.

— Minha tia, minha rica tia Brizida, lembre-se que meu pae morreu...

— Tens razão, tens muita razão, filha — atalhou a velha, mudando de tom. — Rezemos-lhe por alma. « Padre nosso, que estaes no ceo, santificado... » — E proseguiu, murmurando um « Padre nosso » e uma « Ave Maria » por alma de seu irmão.

— Minha tia — disse Thereza, quando ella acabou de rezar — pedi-lhe que viesse aqui...

— E vim. Muito amor te devo eu ter para vir aqui a uma casa de homens, a casa do senhor infante, que dizem que é tão.... Deus nos livre de homens assim! Livrai-me, Senhor, de tentações más, e de peccados!

— Meu pae, quando morreu, recommendou-me que viesse para a sua companhia, tia Brizida. Que era a unica parenta que ainda nos restava, e que me havia de receber...

— Com muita amizade. Isso é verdade, Thereza.

Deus tenha em misericordia a alma de meu irmão. Conheci-te de pequenina, rapariga, e quero-te muito. Então porque não foste direita á minha casa...

— Encontrei Diogo, o criado de Francisco d'Albuquerque, na rua, que me disse o estado em que elle estava. Fomos creados de pequenos como irmãos; meu pae desejava muito o nosso casamento.

— Esses amores do mundo são perigosos, Thereza. Só o amor divino é que é puro e verdadeiro. Vamo-nos embora d'esta casa, minha filha. Na minha não entra nunca pé de homem. Lá, estás tu mais segura.

— Minha tia, perdoe-me se lhe não obedeço, mas eu não posso deixar assim.... um irmão, quasi a expirar — respondeu Thereza; — isso não posso eu fazer.

— Pois fica, fica n'esta casa de perdição! — bradou a beata encaminhando-se para a porta.

— Pelo amor de Deus, minha tia, não me abandone, não me deixe aqui só. — E cahindo sobre uma cadeira, Thereza desatou a chorar.

A velha, vendo aquella magoa viva, aquelle pranto, acompanhado de soluços e ais sentidos, voltou atraz; e, tomando entre as mãos descarnadas a formosa cabeça de sua sobrinha, deu-lhe um beijo, e fez-lhe alguns afagos, dizendo:

— Porque não vens comigo, Thereza; porque não vens para minha casa, para Santo André! Todos os dias pela manhan mandaremos saber novas d'elle...

— Não posso, tia Brizida, não posso resolver-me a sahir d'esta casa, n'esta triste occasião. Francisco não

tem aqui parentes, não tem amigos; está só, fica só se eu o abandonar.

— O sentimento que te detem aqui...

— É a amizade.

— É um sentimento profano.

— Um sentimento puro e santo, a caridade. Venha, minha tia, ver o estado em que elle está. Não faz ideia do que padece. — Ao dizer estas palavras Thereza levantou-se e foi levando a velha beata para o quarto de Francisco d'Albuquerque.

— Para onde me levas, Thereza?

— Para ao pé de... de um enfermo, que precisa de nós.

A velha enternecida foi-se deixando levar até á cabeceira da cama do doente.

— Veja em que misero estado o pozeram os maus. Esses homens perdidos, que não duvidam manchar as mãos no sangue do innocente — exclamou Thereza. — Ainda não fallou, nem quasi que deu accordo de si. Não me conheceu ainda, a mim, que sempre o tractei como irmão. Que mal lhes faria elle, o meu pobre Francisco...

— Foi por ser do partido do senhor infante que o assassinaram — disse Diogo, que tinha ficado ao pé de seu amo, durante a curta ausencia de Thereza. — São coisas do valído...

— Não falle mal do senhor conde de Castello-Melhor — atalhou a beata, que era do partido de el-rei, ou antes do partido do valído. — Isso são calumnias

que levantam ao senhor conde, que é um homem virtuoso, e um grande amigo de el-rei.

— Tem razão, senhora, tem vossa mercê muita razão. O valído d'esta vez houve-se como um bom fidalgo; foi elle quem livrou meu amo da morte.

— Então para que disse...

— Foi mal feito, é verdade. Eu não devia ter dito o que disse. Desdigo-me, e acabou-se.

— Desdiz-se! — bradou a tia Brizida. — Não basta desdizer-se. Não sabe vossa mercê que a calumnia é um peccado muito feio; e que as pessoas tementes a Deus fazem penitencia pelos peccados que commettem? Ai Jesus! Que o mundo anda perdido! Reze dois rozarios a Nossa Senhora das Mercês, senhor soldado. Reze, se quer que Deus Nosso Senhor lhe perdôe.

— Eu bem sei quando hei de rezar — respondeu Diogo Cutilada, pouco satisfeito do sermão que a beata lhe prégara. — Não preciso que me ensinem a ser bom christão. Tenho visto queimar muito judeu, e...

— E não tem aprendido nada com isso.

— Eu cá só lhe digo...

Thereza, que receava tivesse esta disputa, entre sua tia e o soldado, consequencias más, destruindo o feliz effeito das suas lagrimas nos escrupulos da beata, ordenou, em voz baixa, a Diogo que se calasse.

— Eu só lhe digo... — proseguiu o soldado, mudando subitamente de tom — que confesso o meu peccado; e vou rezar os dois rozarios, pela volta do nosso rei.

— Pois vossa mercê acredita?...

— Que o senhor D. Sebastião ha de voltar? De certo que acredito. Acredito n'isso como na Santissima Trindade.

— Abençoado seja, senhor soldado: abençoado, pela fé que tem nas promessas do ceo! — disse a tia Brizida, cuja cara se contrahiu n'um sorriso feio. — Ai! ainda bem que o encontrei. Quero que me diga todas as prophecias que sabe; estou certa que ha de saber algumas de que não haja noticia cá em Lisboa.

— Então fica, ficamos aqui a tractar d'este pobre doente, minha rica tia? — perguntou Thereza, aproveitando o ensejo que a alegria de sua tia, por ter encontrado um sebastianista, lhe dava para alcançar o desejado consentimento.

— Ficamos. Para te dar gosto fico a fazer-te companhia. Elle, coitadinho, está muito doente. Nossa Senhora da Piedade o soccorra. Quando eu precisar sahir, para ir á missa e a casa, deixo-te cá a Josepha, a criada que me acompanhou. Eu sou tua amiga, Thereza, muito tua amiga. Dá-me cá um beijo, filha; e agradece a tua tia velha, o que ella faz para te dar gosto. Ainda me ficam escrupulos; mas ámanhan o meu padre frei Thomaz do Espirito Santo me aconselhará sobre este ponto; e far-se-ha o que elle determinar.

Thereza deu um beijo de agradecimento e amizade na sua velha tia, e tomou outra vez, á cabeceira do doente, o lugar que tinha deixado para lhe ir ao encontro.

Vinte e quatro horas passou a triste orphan sem se afastar de ao pé de Francisco d'Albuquerque; ministrando-lhe os remedios, e cuidando d'elle com a solicitude de uma irman, e o casto amor de uma esposa. A tia Brizida esteve grande parte da noite, na casa immediata ao quarto do enfermo, a fallar com Diogo Cutilada sobre as prophecias e signaes, que promettiam a proxima chegada d'el-rei D. Sebastião; o resto da noite e do dia gastou-o em rezar e dormir, coisas que a beata muitas vezes confundia de um modo pouco piedoso.

O capitão, abrasado pela febre, ora parecia respirar apenas a custo, ora, cahindo em delirio, soltava palavras incoherentes, e gemidos de agonia; e, com as mãos convulsas e hirtas, forcejava por arrancar da ferida as ataduras que o opprimiam. Então Thereza, cobria-o de afagos e meiguices para o socegar, e dizia-lhe, chorando, palavras de amor, que elle nem ouvia, nem estava em estado de comprehender, mas lhe parecia deverem ter sobre a alma do seu amante a influencia de um suave e precioso balsamo.

Era no segundo dia que Thereza passava no Côrte-Real. O sol tinha-se escondido no horisonte, e o quarto de Francisco de Albuquerque, já quasi em trevas, apresentava um aspecto lugubre e sinistro. O tenue clarão do crepusculo, entrando por uma das janellas, que Thereza abrira para contemplar o ceo afogueado e carregado de nuvens, dava de chapa no rosto livido do enfermo, que, reclinado sobre almofadas e coberto por uma colcha branca, mais parecia cadaver envolto na

mortalha do que corpo ainda animado pela vida. O crucifixo de marfim, pendurado da cabeceira do leito e meio escondido na sombra de uma cortina, era como o mystico symbolo da misericordia de Deus, que das alturas do ceo baixou a suavisar e purificar as agonias dolorosas e contínuo padecer do homem. A voz tremula da tia Brizida, rezando n'um oratorio que ficava perto do quarto uma ladainha, a que respondiam as vozes pouco sonoras da sua velha criada Josepha e de Diogo Cutilada, quebrava só, com lento e monotono murmurio, o silencio melancolico d'aquelle triste aposento.

Thereza cahira pouco a pouco no mais profundo abatimento; o pensamento parara-lhe cansado e exhausto pelo longo padecer, e só uma dor surda e contínua, pesando-lhe sobre o coração, lhe fazia vagamente sentir a grandeza da sua desventura. Ajoelhada n'um sitial proximo da janella, a infeliz orphan, ora fixava os olhos inundados de pranto no rosto querido do seu amante, ora os voltava para o ceo como para buscar nas profundidades insondaveis do espaço uma esperança ou um desengano; os seus labios, desbotados pela dor, insensivelmente murmuravam as palavras de uma oração, e a mão tremula e destrahida voltava de instante a instante as folhas não lidas de um livro religioso.

Um grito rouco e suffocado do enfermo, seguido de gemidos e de palavras quasi inarticuladas e sem sentido, tirou subitamente Thereza do torpor doloroso em

que o cansaço e o excesso do padecimento a haviam lançado.

Francisco d'Albuquerque fôra accommettido por um terrivel delirio. Pareceu-lhe estar envolto n'uma densa, fria e pesada escuridade, onde apenas se divisavam as figuras informes de innumeros phantasmas. A multidão ia sempre crescendo, crescendo e apinhando-se em torno do leito, sobre o qual o pobre enfermo sentia que uma invencivel força o detinha. Uma luz pallida e alvacenta rompeu pouco a pouco a obscuridade; e a esta luz, os phantasmas se lhe afiguraram tão hediondos e terriveis, que fechou involuntariamente os olhos para os não ver. Então chegou-lhe aos ouvidos o murmurio triste e afflictivo de um como chôro sentido, a principio apenas perceptivel, depois agudo, incessante, cortado de soluços e gritos de dor. E muitas vozes, que troavam como sons funebres de sinos dobrando por finados, repetiam lugubremente — morreu, morreu! — E Francisco d'Albuquerqne sentiu que estava morto; que não podia nem fallar, nem mover-se, nem pensar.

Os phantasmas pegaram d'elle, envolveram-no em uma mortalha fria como gelo, e tirando-o de cima do leito, lançaram-o n'um caixão. O baque do proprio corpo cahindo sobre as taboas acordou-o um instante: abriu os olhos, e viu junto a si a meiga e angelica Thereza, chorando e supplicando-lhe que se não apartasse d'ella, que vivesse para a amar. Ia fallar, responder áquellas supplicas, enxugar aquelle pranto, quando os

pavorosos phantasmas pesaram sobre o caixão, e o fecharam subitamente.

Francisco d'Albuquerque não viu mais nada no seu horrivel delirio. Mas começou a ouvir o psalmear de frades, que lhe rezavam por alma; depois, pareceu-lhe que o desciam ao fundo de uma cova, e lhe lançavam e recalcavam terra sobre o caixão; emfim, o tombar de pesada louza abalou a sepultura em torno d'elle, e os seus membros hirtos vibraram em rapida convulsão. O silencio, a solidão, a escuridade impenetravel do sepulcro pesaram sobre o seu espirito, como a mortalha e a gleba lhe pesavam sobre o cadaver.

Durou por muito tempo este estado de profunda immobilidade. Pareceu-lhe a elle que durara seculos.

Subitamente se lhe acordaram outra vez os sentidos, e a alma começou a recordar-se. Na lagea que lhe cobria a cova resoavam passos lentos e compassados: e a suave e sonora voz de uma mulher, atravessando as solidões da sepultura, lhe trouxe aos ouvidos estas meigas palavras:

« — Amo-te! Sou tua!

« — Mas ainda te recordas com saudades, do homem que está aqui debaixo d'esta pedra? — atalhou uma voz de homem.

« — Não. Não penso senão em ti.

A voz de mulher, que o desgraçado ouvia no seu espantoso delirio, era a voz da Calcanhares. A sua alma reviveu pelo ciume. Quiz erguer-se, rasgar a mortalha que lhe comprimia os membros, e lhe emba-

raçava o movimento; mas não pôde, não teve força para isso.

Lançou um rugido temeroso; e bradou tres vezes: « Margarida! Margarida! Margarida! »

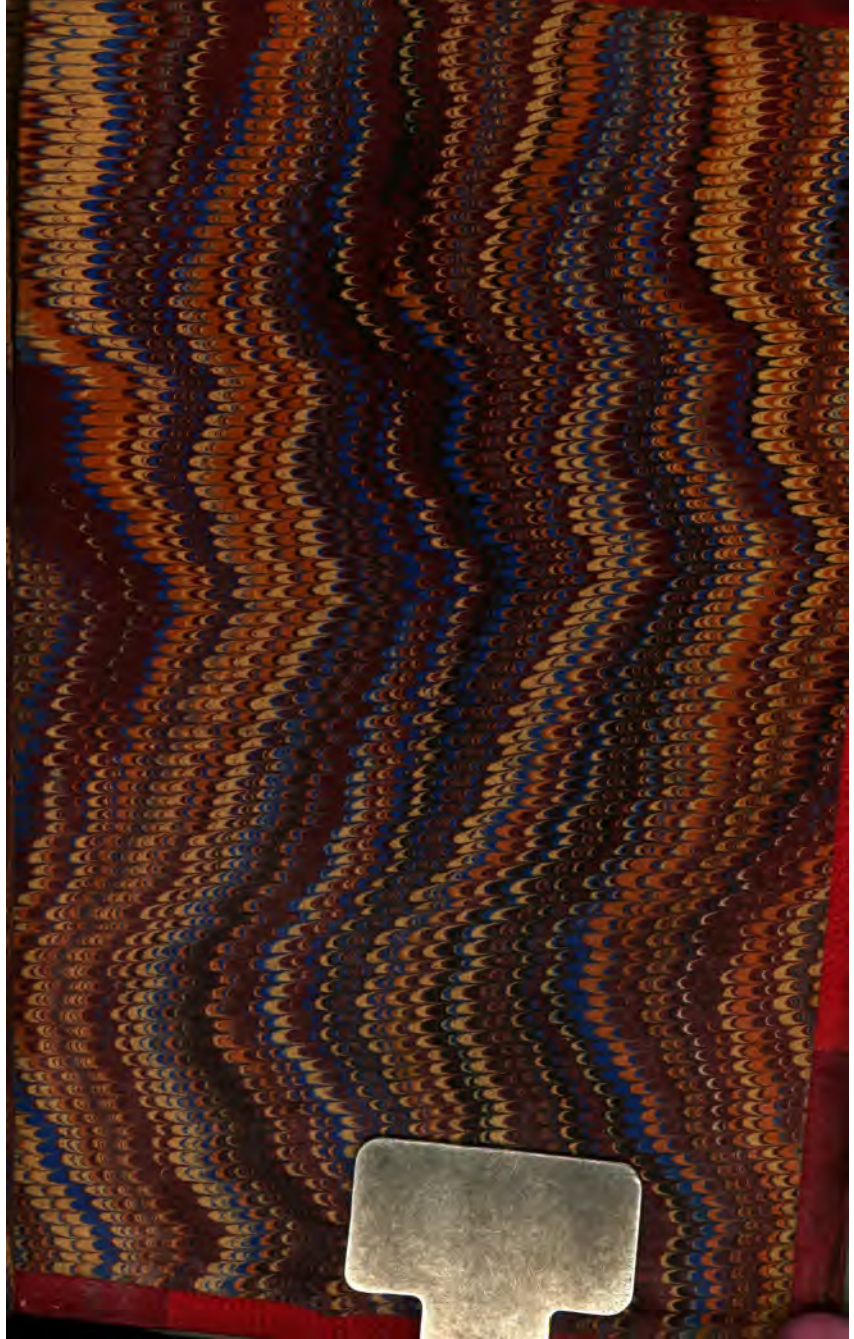
Mas a voz foi perder-se nos abismos da terra; e o silencio tornou a conglobar-se outra vez em torno da sepultura.

Thereza não abandonou Francisco d'Albuquerque durante este delirio longo e pavoroso. Carinhos e afagos, prantos e supplicas, solícitos cuidados, palavras de amor, tudo ella empregara em vão para o fazer tornar em si: quando o viu, porém, erguer-se sobre a cama, pallido, com os cabellos hirtos, os olhos a sahir-lhe das orbitas, repetindo, em extremos de dor e de paixão, o nome de outra mulher, a timida donzella fugiu espavorida, levantando tristes clamores de terror e de angustia.

Quem primeiro acudiu a estes clamores de Thereza foi o licenciado Antonio do Prado, que entrava n'esta occasião no quarto de Francisco d'Albuquerque, seguido de um mancebo, o qual, pela sua pouca edade e negros vestidos, mostrava ser um discipulo do sabio medico de sua alteza.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE.

		Pag.
Capitulo I.	— Ao desembarque	7
Cap. II.	— Perigo de andar de noite pelas ruas de Lisboa.	19
Cap. III.	— Segredos do coração	32
Cap. IV.	— Primeiro encontro	44
Cap. V.	— Scenas de côrte	63
Cap. VI.	— Scenas populares	76
Cap. VII.	— Los privilegios de las mugeres . . .	90
Cap. VIII.	— A bruxa Zaida	104
Cap. IX.	— Questões politicas	118
Cap. X.	— Toiros reaes	131
Cap. XI.	— Duas cartas	145
Cap. XII.	— A Calcanhares	157
Cap. XIII.	— Historia singela	170
Cap. XIV.	— Catastrophe	182
Cap. XV.	— O infante D. Pedro	194
Cap. XVI.	— Scenas de familia real.	207
Cap. XVII.	— A mensagem	221
Cap. XVIII.	— Accusações	237
Cap. XIX.	— O medico de sua alteza	250
Cap. XX.	— Thereza.	260
Cap. XXI.	— O delirio	271

K